



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
ÁREA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**LEÔNIDAS FREIRE SILVA JÚNIOR**

**SUBALTERNOS ORGANIZADOS: Mutualismo Operário e os Trabalhadores no  
Meio-Norte (1900-1922)**

Niterói, Abril de 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
INSTITUTO DE HISTÓRIA  
ÁREA DE HISTÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**LEÔNIDAS FREIRE SILVA JÚNIOR**

**SUBALTERNOS ORGANIZADOS: Mutualismo Operário e Trabalhadores no Meio-Norte (1900-1922)**

Material apresentado para o **Exame de Defesa da Dissertação** junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), como requisito para a obtenção do Grau de Mestre.

**Área de concentração:** História Social

**Orientador:** Prof. Dr. Norberto Osvaldo Ferreras

Niterói, Abril de 2018

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG

S586s Silva Júnior, Leondidas Freire  
SUBALTERNOS ORGANIZADOS: Mutualismo Operário e os  
Trabalhadores no Meio-Norte (1900-1922) / Leondidas Freire  
Silva Júnior ; Norberto Osvaldo Ferreras, orientador.  
Niterói, 2018.  
124 f. : il.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal Fluminense,  
Niterói, 2018.

DOI: <http://dx.doi.org/10.22409/PPGH.2018.m.04320882377>

1. Mutualismo. 2. Trabalhadores. 3. Piauí. 4. Maranhão. 5.  
Produção intelectual. I. Título II. Osvaldo  
Ferreras, Norberto, orientador. III. Universidade Federal  
Fluminense. Instituto de História.

CDD -

Bibliotecária responsável: Angela Albuquerque de Insfrán - CRB7/2318

**LEÔNIDAS FREIRE SILVA JÚNIOR**

**SUBALTERNOS ORGANIZADOS: Mutualismo Operário e Trabalhadores no Meio-Norte (1900-1922)**

Material apresentado para o **Exame de defesa da Dissertação** junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense (PPGH-UFF), como requisito para a obtenção do Grau de Mestre.

**Área de concentração:** História Social

Aprovada em: \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professor Doutor Norberto Osvaldo Ferreras**  
Universidade Federal Fluminense – Orientador

---

**Professor Doutor Marcelo Mac Cord**  
Universidade Federal Fluminense – Arguidor interno

---

**Professor Doutor Carlo Murizio Romani**  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Arguidor externo

---

**Professor Doutor Paulo Terra**  
Universidade Federal Fluminense – Suplente interno

---

**Professor Doutor Paulo Fontes**  
Fundação Getúlio Vargas – Suplente externo

Niterói, Abril de 2018

## **Agradecimentos**

Agradeço a Deus, em primeiro lugar pelo dom da vida e pela oportunidade de concluir um sonho de cursar o mestrado, em uma das melhores instituições da área de História da América Latina.

Uma caminhada na Pós-graduação envolve muitas pessoas, lugares e sentidos, desde a seleção do mestrado até a presente fase, houveram lutas enormes, desafios quase que impossíveis de serem superados. Agradeço a minha família por sempre fazer parte desses momentos de superação, e também de alegria, sou eternamente grato a minha mãe e meu pai e meu irmão, Marlene César Araújo, Leôndidas Freire Silva e Emanuel Ádrian César Araújo e Silva, agradeço imensamente pela paciência, pelo apoio incondicional, por não medir esforços para que meu sonho se tornasse realidade, desde a procura de um lugar para morar em Niterói, que minha mãe esteve ao meu lado, até o apoio indispensável para que eu me mantivesse no mestrado.

Agradeço a minha querida noiva, Wirlanne Nádia Lima de Carvalho, amor para toda a vida, sou grato pelos momentos de incentivo nas dificuldades, pelas palavras de fé, de força nas horas difíceis, pela compreensão nas mais diversas adversidades, e por me lembrar que é preciso ter calma, e que existem coisas mais importantes na vida.

Agradeço ao meu Orientador, o Professor Doutor Norberto Ferreras, com quem aprendi enormemente questões referente ao associativismo, a história dos trabalhadores e muitas outras referências de História Global. Norberto era sempre solícito em qualquer circunstância, que mesmo eu teimando algumas vezes em seguir algumas orientações, demonstrou paciência, preocupação e atenção ao meu trabalho e as minhas colocações.

Sou Grato ao Grupo de pesquisa e discussão sobre história do trabalho da UFF que me acolheu assim que entrei no mestrado, agradeço aos amigos e amigas do grupo tanto do Mestrado, Doutorado e da Graduação, Lívia, Marco Pestana, Bárbara, Ana Kalás, Rebecca, Camila, com quem muito aprendi, e em especial agradeço ao Professor Doutor Marcelo Badaró, com quem tive diversas conversas e aprendi muito a respeito das sociedades mutualistas, além de diversas questões que envolvem um debate teórico mais próximo a uma crítica ativa do materialismo histórico.

Agradeço ao meu amigo Valério Negreiros, pela companhia no mestrado, pela ajuda, pela divisão de tarefas quando dividimos um apartamento em São Domingos, e pelos momentos de descontração.

Agradeço aos Professores Marcelo Mac Cord e Carlo Romani pelas pertinentes observações e críticas a esse trabalho quando em fase de Qualificação.

Sou imensamente grato ao meu amigo Marcelo Ramos, pela amizade e pelas ajudas que me deu ao longo do mestrado e até mesmo na seleção do Doutorado.

Agradeço a todos os funcionários do Programa de Pós Graduação em História da UFF, por sempre terem disponibilidade e atenção as minhas necessidades, principalmente ao Rafael e a Thaís.

Agradeço a Capes pela Bolsa concedida a mim, que sem dúvidas foi de extrema importância para o desenvolvimento e conclusão deste trabalho.

Sou eternamente Grato a Universidade Federal Fluminense pela forma com que me acolheu, aos funcionários da limpeza, as pessoas que vendem doces, aos trabalhadores do bandeirão, sem dúvidas me senti em casa mesmo longe de casa.

Agradeço aos Professores com quem tive aulas no Mestrado da UFF, de forma especial ao professor Jorge Ferreira, que ministrou uma disciplina inesquecível.

Agradeço aos funcionários da Biblioteca Nacional, do Arquivo Nacional e da Biblioteca Central do Gragoatá pela presteza, ajuda e empenho.

Agradeço a Wander Di Castro, que me convenceu de que nem tudo estava perdido.

Por fim sou grato a cidade de Niterói e seus moradores, pelo acolhimento e hospitalidade.

## **RESUMO**

O Presente trabalho, busca o estudo do processo histórico de formação da cultura associativa, entre os trabalhadores dentro das sociedades operárias mutualistas do Piauí e Maranhão e suas relações com outros Estados, e com conexões para outras partes do mundo. Além de nuances do processo organizativo associativista, no que se refere a áreas de atuação das sociedades mutuais, as bandeiras de luta e atividades de classe. Partindo do próprio processo de organização dos subalternos. Utilizo o recorte temporal que vai de 1900 até 1922. Realizando para esse fim avaliações historiográficas, apresentações de momentos da formação de uma cultura de classe. Ênfase desse modo, as possibilidades de análises das fontes necessárias como, jornais operários, estatutos e atas das sociedades mutuais, visando evidenciar também diversas problemáticas referentes a disputas ideológicas, concepções do fenômeno do mutualismo, relações mutuais-estado, entendimentos de noções operárias de classe, cultura associativa, resistência, proteção social, e também desdobramentos de influências de ideários sociais como o anarquismo e o socialismo e seus conflitos dentro das sociedades mutualistas. Realizo esse estudo do processo histórico do associar-se no meio operário, em uma perspectiva histórica transnacional, entrecruzada a outras experiências, e com uma dialogada análise com as prerrogativas de experiência e luta de classes evocadas por E.P, Thompson, tendo por base uma bibliografia nacional que desde a década de 1980 passa a se preocupar de maneira mais enfática com o mutualismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Operários, Mutualismo, Meio-Norte.

## **ABSTRACT**

The present work seeks to study the historical process of formation of associative culture among workers within the mutual societies of Piauí and Maranhão and their relations with other states and with connections to other parts of the world. In addition to nuances of the organizational process, associativist in what refers to areas of action of mutual societies, fight flags and class activities. Starting from the very process of organization of the subordinates. I use the temporal clipping that goes from 1900 to 1922. Making for this purpose historiographical evaluations, presentations of points formation of a class culture. In this way, I present the possibilities of analyzing the necessary sources, such as workers' journals, statutes, and minutes of mutual societies, in order to highlight various problems related to ideological disputes, conceptions of the mutualism phenomenon, mutual state relations, , associative culture, resistance, social protection, and also unfolding influences of social ideals such as anarchism and socialism and their conflicts within mutual societies. I carry out this study of the historical process of associating in the working environment, in a transnational historical perspective, intertwined with other experiences, and with a dialogical analysis with the prerogatives of experience and class struggle evoked by E.P. Thompson, based on a bibliography which since the 1980s has been more emphatically concerned with mutualism.

**KEY WORDS:** Workers, Mutualism, Piauí.

## **Sumário**

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>CAPÍTULO 01: MUTUALISMO OPERÁRIO, CLASSE TRABALHADORA E HISTORIOGRAFIA</b> .....	15
Capistrano de Abreu.....	15
Mutualismo de Mulheres e Negros.....	21
Subalternos em Luta: enfrentamentos sociais dentro do associativismo operário.....	27
Trabalhadores, Estado e a política.....	36
Jornais para o Mundo.....	42
Historiografia e Mutualismo.....	47
<b>CAPÍTULO 02: OPERÁRIOS(AS) NO MUNDO: espaço do mutualismo operário, classe trabalhadora e a história global do trabalho</b> .....	72
<b>CAPÍTULO 03: ORGANIZAR A CLASSE: Sociedades mutuais e Ideários sociais</b> .....	95
Espectros de Anarquismo.....	96
Pelo Socialismo.....	107
<b>CONCLUSÃO</b> .....	112
<b>REFERÊNCIAS:</b> .....	114
Bibliografia:.....	114
Fontes:.....	118
<b>Anexos</b> .....	119

## INTRODUÇÃO

*“A linha do Equador iguala a dor de todo mundo”*

*Corpus Conti*

Existe uma história dos trabalhadores perto da Linha do Equador? Essa pergunta pressupõe em primeiro ponto, a existência de trabalhadores e trabalhadoras no meio-norte do Brasil na Primeira República, entretanto o desconhecimento dessas vivências, feições e atuações desses homens, mulheres e crianças, permanece em certo sentido presente, quando não aparece em uma discussão historiográfica de fôlego de inserção nacional. Há uma grande dificuldade de preservação e manutenção de documentações desse período principalmente no estado do Piauí, unido a esse fator está a própria descontinuidade de Jornais Operários do Maranhão e do Piauí, e a quase impossível missão de contar uma história dos que em certo período, na sua grande maioria não liam e nem escreviam, esse quadro justifica tal pergunta.

As organizações mutualistas dos subalternos ajudam a quem se proponha a analisar a vida, a cultura dos trabalhadores do meio-norte do início do século XX, pois nessas associações encontramos anseios, projetos de identidade e algumas disputas pela formação da cultura operária daquele tempo.

Embora como já citado, os jornais e publicações operárias, são intermitentes a reunião de tal documentação em um esforço de soma a outros resultados já conseguidos pela historiografia, consegue fazer com que algumas peças desse passado façam sentido em situação de possível análise histórica, ainda que nem sempre linear e cronológica.

Os subalternos que viveram entre 1900 e 1922 nas proximidades da linha do sol do Equador, experienciaram um mundo adverso em vários sentidos, a periferia do capitalismo guardou as formas mais desumanas da força de trabalho, os trabalhos por ganho, a incerteza da oferta de emprego, a precariedade das relações de trabalho e sobrevivência, meninas de 9 a 13 anos como mão de obra nas fábricas de fiação, os casebres, choupanas destinadas aos operários nas zonas mais distantes dos centros das cidades mais importantes, a prostituição, a mendicância indicavam que a;

A substância do trabalho do operário ainda não recebeu o prêmio do seu legítimo valor. Pelas fábricas, pelas oficinas, pelas lavouras, vemos centenas de homens a trabalhar para um só indivíduo acumular riquezas, e eles, d'ali, como escravos

inconscientes, onde esgotaram toda actividade da vida, onde viram desaparecer os sonhos e as illusões da mocidade, chegam ordinariamente, ás portas da velhice, sem ter um abrigo para as noites de desalentos, sem ter um pedaço de pão para mitigar a fome e de seu filho no dia d'amanhã... [sic]<sup>1</sup>

Um mundo em que a exploração deve ser entendida como algo central na experiência dos subalternos, com a heterogeneidade dos empregos e ocupações enquanto um complemento da exploração, dão ao operariado uma idéia de Classe em si, no primeiro momento como explorada por uma outra classe, antagônica aos interesses dos trabalhadores e trabalhadoras.

O entendimento desses antagonismos, se expressava nos ambientes de trabalho nas horas de exploração, nas jornadas exaustivas e em tantas outras experiências dos trabalhadores, entretanto as associações mutualistas através de seus espaços associativos, reuniões, manifestações, festas, produção de jornais, incrementavam uma potencialização de uma descoberta de um mundo da exploração e da acumulação em detrimento do suor de uma classe de trabalhadores precarizados, como nos exemplifica o trecho acima.

A Classe nesse trabalho é entendida como um processo histórico, e como nos adverte Thompson, ela é percebida nos momentos de enfrentamentos sociais, no próprio processo da Luta de classes, entendo que essa luta de Classes se passava também por dentro dos espaços institucionais do mutualismo, entendido por mim como ferramenta dos subalternos, no enfrentamento de um mundo adverso.

Os subalternos viviam em péssimas condições sanitárias, em habitações feitas de palhas, essa realidade era compartilhada por famílias operárias nas cidades de Caxias no Maranhão, em Teresina Capital do Piauí, São Luís Capital Maranhense e em Parnaíba cidade litorânea do Piauí. O espaço destinado aos operários fazia com que houvesse uma experiência de laços de horizontalidade e auto identificação mútua, uma espécie de sentimento de solidariedade devido a igualdade de experiências, essas condições eram enfatizadas pelas associações mutuais, que estavam próximas da situação real da vida da classe trabalhadora, e que se localizavam em um espaço comum.

Segundo o Historiador Michael Savage;

O espaço precisa ser visto como importante em duas maneiras diferentes e possivelmente contraditórias. Primeiro, lugares particulares podem se tornar habitats para certos grupos sociais de modo que esses lugares se tornam integralmente ligados em seus "habitus", estilos de vida, e, desse modo, podem ser a base sobre a qual a sua vontade coletiva é formada. Segundo, a formação de

---

<sup>1</sup> BAPTISTA, Zito. Pelo Socialismo I. *O Operario*, Teresina, ano 1, n. 15, p.1, 23 jun 1906.

classe pode ocorrer quando classes sociais estendem-se através do espaço construindo redes que ligam membros da classe mesmo quando eles estão espacialmente dispersos.<sup>2</sup>

No contexto do que entendo como Meio-Norte Brasileiro no período estudado, a dispersão ainda deve ser relativizada pois existem linhas férreas que ligam Teresina no Piauí a Caxias no Maranhão, o Rio Parnaíba na época tem a navegação a vapor que liga a Cidade de Teresina a cidade de Parnaíba no litoral do Piauí. Parnaíba é interligada a São Luís do Maranhão pelas rotas dos navios que freqüentemente transitavam produtos e passageiros de um lado ao outro do delta em mar aberto, já a ligação de Caxias até a ilha de São Luís se dava tanto a vapor pelo rio Itapecurú quanto por trilhos de ferro. Os subalternos dessas cidades com suas organizações, constituíram um espaço interligado no meio-norte brasileiro. Entretanto essa ligação não se dava apenas no campo geográfico, mas em um laço associativo que partia de experiências de classe em comum e próximas.

A idéia de Thompson da classe como processo histórico, e a negativa de que ela surja tal como o sol, mas sim seja ela em si um processo relacional, permite (unida a constatações empíricas) a compreensão de que as associações mutuais são forças criadas e mantidas pelos anseios da classe trabalhadora, pois;

há um sem-número de contextos e situações em que homens e mulheres, ao se confrontar com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida. (...) Em alguns momentos, a cultura e os valores dessas comunidades podem opor-se ao abarcante sistema de dominação e controle. No entanto, por longos períodos, esse antagonismo pode ser desarticulado e inibido<sup>3</sup>

A cultura e o valor de entidades que forneçam socorros imediatos aos desastres freqüentes na vida dos trabalhadores, traduz um valor de luta pela própria existência dentro de um espaço em que o lado mais fraco morre. Em longos períodos verificamos a desarticulação já citada das organizações operárias, dada as dificuldades financeiras de manutenção das atividades associativas, e não é sempre que temos a exibição de oposição e antagonismos explícitos. Entretanto existem momentos de percepção desse sistema de dominação e controle.

---

<sup>2</sup> SAVAGE, Michael. Espaço, redes e formação de classe. IN: Revista Mundos do Trabalho. Trad. De André Gomes de Assis e Francisco Barbosa de Macedo, v.3, n.5, janeiro-junho de 2011. P. 6. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2011v3n5p6>

<sup>3</sup> THOMPSON, Edward P. *“Folclore, antropologia e história social”*. In: . As peculiaridades dos ingleses e outros artigos. Trad. de Antonio Luigi Negro. Campinas: Ed.Unicamp, 2001. pp.260-261.

Nesse jogo complexo, de um processo histórico de luta de classes, é que consigo pensar a formação da classe trabalhadora por dentro das sociedades mutualistas, Thompson entendia o processo de formação da classe enquanto um processo histórico que perpassava a própria auto-identificação dos membros da classe em nível de uma consciência próxima. Ellen Trinberger, em um estudo sobre a obra de Thompson, conclui que “As formações de classe e a descoberta da consciência de classe se desenvolve a partir do processo de luta, à medida em que as pessoas ‘vivem’ e ‘trabalham’ suas situações de classe. É nesse sentido que a luta de classes precede a classe.”<sup>4</sup>

Nesse mote, reforço que E. P. Thompson percebeu que “Classe e consciência de classe, são sempre o último e não o primeiro de grau de um processo histórico real”<sup>5</sup> uma vez que existe antes da relação histórica Consciência de Classe, uma percepção de si, daqueles subalternos enquanto classe, no próprio processo histórico da luta de classes. Como adverte Georg Lukács, “a consciência exata da sociedade se torna, para uma classe, a condição imediata da sua auto-afirmação na luta”<sup>6</sup>.

O entendimento de qual sociedade aqueles trabalhadores viviam, muitas vezes fora um papel desempenhado pelas sociedades mutualistas, nas denúncias, nos panfletos, nas palestras, nas falas nas festas do primeiro de Maio.

Essa noção de E. P. Thompson, e Lucaks, refletidas com proximidade a concepção de espaço na formação de consciências de classe de Mike Savage balizam essa pesquisa nos termos que se refere ao processo de formação da classe trabalhadora dentro do associativismo operário Mutualista, entre Províncias do Piauí e Maranhão.

No capítulo 1, discuto alguns aspectos referentes a organização, atuação e configuração das associações mutualistas no Piauí e Maranhão, e ainda levanto uma discussão do recorte espacial proposto no presente trabalho. Ao final desse capítulo trago um pequeno debate historiográfico com as correntes que julgo mais pertinentes na atualidade referente a discussão das Sociedades de Socorro Mútuo.

No segundo capítulo, analiso as pontes globais do associativismo no meio-norte do Brasil, o capítulo tem a idéia de discutir as conexões intra-federações, as experiências

---

<sup>4</sup> In: TRINBERGER, Ellen, K. E. P. THOMPSON: Understanding the process os history” in: Skolpol, Thelda Ed. *Vision an method in History Sociology*. Nova York, Cambridge University Press, 1984,p.221

<sup>5</sup> THOMPSON, E.P. Algumas observações sobre classe e falsa consciência In: *Aspeculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas Editora da Unicamp, 2001.

<sup>6</sup> Lukács, Georg. *History and Class Consciousness: Studies in Marxist Dialectics*. Introduction and translation by Rodney Livingstone. Cambridge, MA: MIT Press 1974, p.17

compartilhadas com outras associações e trabalhadores ao redor do globo. Nesse capítulo especificamente debato a noção de história global do trabalho de Marcel Van der Linden, e como essa área de interesse auxilia na reflexão das ligações internacionais que muitas associações mutualistas possuíam seja através de contatos, envio de delegados para congressos fora do país, troca de telegramas, troca de livros, troca de jornais e até mesmo relações de trabalho que se davam nas cidades portuárias de São Luís e Parnaíba.

No último capítulo, estudo a presença de ideários sociais dentro das sociedades mutualistas. O Anarquismo e o Socialismo assumiram várias formas e modelos dentro das sociedades mutualistas próximas a linha do Equador, nesse ponto eu tento mostrar como que as idéias tanto socialistas e anarquistas circulavam, e como que em determinados contextos conseguiam organizar os subalternos, em outros momentos e contextos causavam repulsa, mas sempre estavam presentes seja em uma perspectiva crítica ou mesmo de contemplação.

O presente trabalho ao se propor uma história que reflita sobre o Mutualismo Operário Brasileiro, tenta trazer novos olhares empíricos a respeito de um tema que está em constante crescimento. As áreas de atuação do operariado organizado no início do século XX, demonstraram uma forte cultura associativa e muitas influências advindas tanto do passado escravista, quanto do além-mar, caso esse trabalho consiga demonstrar que essas experiências foram fundamentos no processo histórico de formação de uma classe trabalhadora nas proximidades da linha do Equador, eu, ficaria satisfeito.

## Capítulo I. MUTUALISMO OPERÁRIO, CLASSE TRABALHADORA E HISTORIOGRAFIA

### Capistrano de Abreu

Em uma aula da disciplina história da América Portuguesa na Graduação em História, lembro-me de apresentar um seminário sobre o livro Capítulos de História Colonial de Capistrano de Abreu, a princípio o capítulo um do livro, foi alvo de um caloroso debate na sala de aula, nós questionávamos junto ao professor da disciplina a necessidade de um capítulo de um livro, escrito por um historiador, dar tanta ênfase a questão geográfica. O espaço para Capistrano de Abreu figurava como central e primordial para o início da compreensão do Brasil da época.

Com maestria e precisão Capistrano descrevia o espaço de sua história com detalhes que o aproximava de um geógrafo atento, o clima, o relevo, a vegetação, os limites, os rios, as lagoas, o mar, as distâncias. Passado alguns anos ao adentrar ao mestrado dei-me conta de que teria a necessidade de realizar uma pesquisa histórica que desse atenção especial ao espaço social dos sujeitos históricos que me propôs a investigar. Percebi que caso internalizasse os limites das fronteiras das províncias no período, dificultaria a compreensão de uma dinâmica associativa mais entrelaçada, com experiências mais conectadas do que a ilusória distância geográfica fazia crer.

A cortina de fumaça dos limites e fronteiras, advém principalmente do sonho federalista republicano, que tentava para além de fronteiras geográficas, imprimir no Brasil algumas nuances burocráticas e administrativas com diferentes formas e organizações que mudavam de um Estado para o outro. As associações mutualistas não ficaram imunes as investidas do poder republicano, para muito além de uma questão de diferenciações geográficas foi tentado pela República uma formatação de caráter mais ameno as pautas das associações de trabalhadores.

Existe um quase consenso entre os historiadores do trabalho, que os ambientes do Mutualismo operário, configuram-se para além de uma antiga e exclusiva concepção de assistência a saúde, a aposentadoria ou de amparo econômico de seus associados em situações decorrentes de uma vida precarizada. Dentro de um período que o Estado liberal emergia no mundo ocidental, como a fórmula para o famigerado progresso, e onde a "questão social" passou a ser vista como caso de polícia, o ambiente estava propício para o surgimento de fórmulas associativas que conseguissem existir dentro de um estado

repressor, hegemonizado pela classe industrial cafeeira e com fortes tendências a desvalorização do trabalho.

Dessa forma é melhor entendida a organização dos trabalhadores, que buscam uma maior conectividade entre as organizações operárias, tendo em conta que as experiências em comum, se davam no ambiente de trabalho, mas também nas moradias, nos espaços de lazer e na própria existência daqueles homens e mulheres que por sua condição enquanto seres que foram proletarizados, dividiam algumas formas de existir numa sociedade de classes. Uma corrente de estudos do trabalho contemporânea vem discutindo essas relações Intra-classe, Bryan Palmer explicita que;

Classe sempre incorporou diferenciação, insegurança e precariedade. Assim como a precariedade é historicamente inseparável da formação da classe, existem, invariavelmente, diferenciações que aparentemente separam aqueles com acesso a empregos estáveis e pagamentos seguros daqueles que precisam se virar para conseguir trabalho e acesso ao salário. Expropriação, então, é uma experiência altamente heterogênea, já que nenhum indivíduo pode se tornar despossuído precisamente da mesma forma que outro, ou viver esse processo de alienação material exatamente como outro o faria. Ainda assim, a despossessão em geral define a proletarianização.<sup>7</sup>

O fenômeno da precariedade é importante para o compreender a formação das associações mutualistas no meio norte brasileiro, pois essas visavam em primeiro momento, atender os anseios mais básicos da própria existência precarizada dos trabalhadores, o que Palmer compreende é que existem certas diferenciações nessa precarização, todavia a despossessão define um processo de proletarianização. Seja quando apresento Associações do Piauí, de Teresina, Parnaíba, ou mesmo do Maranhão, entidades de Caxias ou São Luís, faço ressalvas as diferenças encontradas no modo de expropriação que desigualava os sujeitos históricos da classe trabalhadora, porém é fundamental no entendimento do contexto das sociedades mutualistas, que as organizações operárias ao perceberem um profundo processo de subalternização, buscam laços associativos que visem a superação dos males de um tempo em que;

O operário trabalha dez horas por dia, durante a vida inteira, entre amargos e pesados sofrimentos, exposto a gelidez do frio e ao fogo abrasador do sol, e, no entanto, quando já se sente alquebrado pelos dias da vida quando perde a vitalidade física, volta ao mísero casebre em

---

<sup>7</sup> Bryan Palmer, “*Reconsiderations of class: precariousness as proletarianization*”, in Leo Panitch, Greg Albo & Vivek Chibber (eds) *Socialist Register 2014: registering class*. London, Merlin Press, 2013, p.49.

extrema pobreza, indo muitas vezes, mendigar um obulo no outro dia a porta d'aquelle que enriqueceu com o suor do seu trabalho. [sic]<sup>8</sup>

Uma vez que os participantes dessas organizações visam a união dos trabalhadores para a superação de suas diferentes formas de experimentação da “desposseção” social de classe. Ao folhear o jornal da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, encontro denúncias como esta acima, relatos das agruras de um tempo, mas também demonstrações de união e força, que perpassam as barreiras do espaço geográfico, pois nesta mesma associação mutualista com sede no Piauí, encontro em sua diretoria e entre seus associados, operários do Maranhão, membros do Círculo Federativo Socialista de Caxias, o qual congregava trabalhadores de todo o estado do Maranhão, inclusive subalternos de São Luís.

No trecho acima, fica ainda evidente a descoberta do lado antagônico aos trabalhadores. O que recebe o precário pedinte em sua porta, outrora o colocou em tal situação, no interior dessa percepção é forte a noção de que

A classe se delinea segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do conjunto de suas relações sociais, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural.<sup>9</sup>

Dentro dessas experiências é que se articula um processo de formação da classe, que não é uma coisa, segundo Thompson, que não pode ser sociologicamente medida, e está encarnada em “tradições, sistemas de valores, idéias e formas institucionais.”<sup>10</sup> Próprio dos subalternos em suas vidas.

A noção Thompsoniana de Classe talvez já tenha o suficiente debate a seu respeito, quando colocada dentro da história do trabalho no Brasil. O reconhecimento que ainda é dificultoso é a percepção de que os espaços do associativismo, agregadores desses despossuídos na primeira república são mais amplos, e nem sempre respeitam os limites de uma história de fundo federalista e republicana, além de distoar de uma narrativa que não possibilite a compreensão do espaço associativo como espaço de organização da classe, e formação da classe.

---

<sup>8</sup> BAPTISTA, Zito. Pelo Socialismo II. O Operario, Teresina, ano 1, n. 16, p.1-2, 05 jul. 1906.

<sup>9</sup> THOMPSON, 2001: 277 Algumas observações sobre consciência de classe

<sup>10</sup> THOMPSON, E.P. A Formação da Classe Operária Inglesa. Vol I. P.10

Claudio Batalha ao analisar o associativismo carioca, propôs atenção especial ao espaço do associativismo, e a rejeição da idéia de “lugar” enquanto algo sujeito as delimitações físicas, ao contrário o autor pensa a idéia de um espaço político, “ E eis que no momento em que determinado local é apropriado como espaço político público, ele deixa de ser significado pela prática do indivíduo para ser significado pela prática do coletivo”<sup>11</sup>

Entre São Luís e Caxias no Maranhão, Parnaíba e Teresina no Piauí, havia entre 1900 e 1922 um espaço político compartilhado pelas associações operárias existentes nesses quatro ambientes, embora existissem as particularidades de cada agremiação com sedes em cada um desses espaços, todavia, através da própria geografia do que intitula-se meio-norte e suas conexões com o restante do mundo através dos portos em São Luís e em Parnaíba, existia um internacionalismo operário, dado em um espaço político coletivo apropriado pelos trabalhadores como espaço político.

A Província de Caxias nos anos de 1900, era uma cidade que experimentava o crescente fluxo de trabalhadores e trabalhadoras imigrantes, advindos principalmente da Inglaterra, trabalhadores que chegam através do Porto de Tutóia a época pertencente a Ilha de São Luís, os operários desciam até Caxias por embarcações a vapor pelo Rio Itapecurú, que liga Caxias a Capital Maranhense.

Em um período anterior ao século XX, a região geográfica da cidade durante o período Colonial, fora considerada um empório comercial no sertão do Norte do Brasil, na época a Província ganha o apelido de Princesa do Sertão. No século XIX e já com declínio nos fins do mesmo século, Caxias fazia parte da rota algodoeira destinada a indústria Inglesa e também a Portugal, a província produzia , e também era ponto de passagem e comércio do algodão, além de sua própria produção agrária destinada a lavoura, trazidas por colonos europeus. Sua atividade comercial era responsável pelo atendimento do Piauí e grande região do que hoje se entende como Nordeste, e Norte tendo em horizonte a rota para Belém do Pará.

Caxias muda sua economia na segunda metade do século XIX, uma série de fatores influenciam para uma guinada ao setor fabril. Quando o algodão sofre a queda dos commodities e juntamente caem o preço das outras especialidades da lavoura, somado a ausência de viabilidade econômica agro-exportadora da cidade perdendo espaço para a rota

---

<sup>11</sup> BATALHA, Claudio. *Geografia Associativa no Rio de Janeiro*. In: *Trabalhadores da cidade*, EDUNICAMP.2014.

de Belém, unido a esses fatores, o fim do regime de trabalho escravizado, fazem com que Caxias que tinha papel central no comércio e na lavoura modifique sua importância econômica.

Voltando aos anos de 1900, surgem setores da elite política e de famílias agrárias, descendentes dos proprietários de terra e donos do comércio agro-exportador, com intuito de promover uma Industrialização do Norte do Brasil. Esse projeto tem início nos fins do século XIX, em 1900 já se configura uma realidade, com um projeto expansionista por parte dessa elite política e econômica.

A crescente entrada de trabalhadores especializados europeus, a busca pela expansão de um parque industrial, as viagens a Inglaterra, a Manchester em específico, fazem com que essa Elite ultrapasse também os limites geográficos da nascente República Federativa. A principal família detidora de fábricas de fiação, tem em 1906, uma filial de parte considerável instalada na capital Teresina, com cerca de 160 tecelãs, meninas em sua grande maioria órfãs advindas do interior do Sertão do Piauí e Ceará.

Caxias possui em 1910, fabricas de Tecido de expressividade, os proprietários visavam exportar e atender o mercado nacional, a Companhia de Fiação da Família Cruz explanada anteriormente, era o empreendimento mais importante da época, para realização dessa industrialização a elite local buscou tecnologias e uma parte da força de trabalho além da Europa, no próprio meio-norte do Brasil, os trabalhadores e trabalhadoras em sua esmagadora maioria descendentes de trabalhadores escravizados, que enfrentariam uma nova forma de trabalho e uma nova experiência de vida: a despossessão.

A historiadora, Jordânia narra uma espécie de “euforia fabrilista” na cidade, com essa euforia construiu-se uma industrialização que atinge também a vizinha Capital do Piauí, Teresina. O espaço da Capital fica as Margens do Rio Paranaíba, divisa natural do Piauí e Maranhão.

Em 1906 para além de já se encontrar em funcionamento em Teresina a grande fabrica de fiação, pertencente a mesma Família Cruz de Caxias, junto a essa fábrica, e outras fábricas e pequenas oficinas e comércios da família Cruz, Teresina conta com alguns outros empreendimentos no ramo principalmente do comércio e serviços.

Teresina agregava trabalhadores e trabalhadoras advindos do interior do Piauí e Ceará, ao longo das secas do final do século XIX, vaqueiros, camponeses, mulheres expropriadas, migram para a Capital em busca de sobrevivência. O Cenário urbano é de

pobreza extrema e exclusão social profunda, a diferenciação de classes estava presente no espaço urbano.

Teresina atenta para o comércio e uma certa industrialização um pouco depois de Caxias e Parnaíba. Parnaíba desde meados iniciais do século XIX desenvolveu um forte comércio e uma “industrialização” principalmente de produtos naturais, como óleo de coco babaçu, o charque que detinha uma indústria própria, o pó da Carnaúba de alto valor para a indústria Européia e Norte-Americana. Em Parnaíba assim como em Caxias, a tradição Inglesa era muito forte devido a imigrantes que se estabeleceram nessas cidades, Parnaíba nos anos 1910 possuía fortes ligações com a Europa e os Estados Unidos, exportava e Importava produtos.

Parnaíba estava ligada a Teresina através das embarcações no Rio Parnaíba, Caxias se ligava a Teresina por vias férreas, São Luís estava conectado a Caxias e também a Parnaíba, o Porto de Amarração (Parnaíba) funcionava como uma espécie de apêndice do Porto de Tutóia(São Luís), os dois estavam divididos por um delta em mar aberto. Por uma questão de Profundidade das águas, o Porto de Parnaíba não recebia navios maiores que cruzavam o oceano atlântico até a Europa, ou Estados Unidos, esses navios ancoravam em São Luís, e as mercadorias destinadas a Teresina, Parnaíba e outras cidades do Piauí eram descarregadas por estivadores do Piauí e Maranhão em embarcações menores que conseguiam chegar até o porto do outro lado do delta, em Parnaíba. Esse mesmo processo era utilizado para exportar mercadorias do Piauí para o mundo, além de tripulantes que embarcavam para outras partes do globo.

São Luís por ser uma rota de passageiros estrangeiros, fazia-se uma cidade com características internacionais, a sua arquitetura tem forte inspiração nas obras francesas, sua mão de obra no início da primeira república, assim como Caxias e Parnaíba, também contava com o trabalhador estrangeiro, além de uma forte presença do negro liberto, o antigo trabalhador escravizado.

Exatamente por essas questões, a minha história continua em uma ilha conectada ao continente; São Luís do Maranhão, e tem roteiro espacial aparentemente disperso, pois a classe “como qualquer outra relação, é algo fluido que escapa à análise ao tentarmos imobilizá-la num dado momento e dissecar sua estrutura.”<sup>12</sup> mas que ao longo da narrativa

---

<sup>12</sup>THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. I : A árvore da liberdade. Rio de Janeiro:paz e Terra, P.9,10

tento construir a própria conexão operária do período, por rios, por mar, por trem, pelos jornais, pelo telégrafo e por alguns becos sem saída.

### **Mutualismo de Negros e Mulheres**

São Benedito é conhecido santo católico descendente de Africanos da Etiópia, um santo sabidamente negro, ficou conhecido como São Benedito, o mouro, nasceu em 1524 na Itália.

No dia 21 de abril de 1901 na escola pública do terceiro distrito na rua do sol em São Luís do Maranhão reuniram-se cerca de 40 trabalhadores e trabalhadoras para ler e aprovar documentos em uma sessão da assembléia geral da Sociedade Mutuária anexa à Irmandade do Glorioso São Benedito. Nesse encontro, irmãs e irmãos do santo aprovaram as regras, as obrigações, os direitos e deveres dos sócios daquela organização, além da própria fundação legal da nova entidade, que passava a ser uma associação mutualista operária.

Na ocasião foram debatidas e aprovadas “ artigo 1 a Sociedade Mutuária anexa à Irmandade do Glorioso São Benedito é a congregação de todas as pessoas de ambos sexo que a ela quiserem pertencer devendo ser irmão do santo”<sup>13</sup>. No artigo terceiro, encontra-se a frase características de diversas associações de socorro mútuo, “o número de sócios será ilimitado”<sup>14</sup>.

Embora os estatutos de Sociedades mutualistas operárias, tenham muitas vezes informações padronizadas, até mesmo por uma questão burocrática requerida pelo establishment republicano para a aprovação das mesmas, é possível a identificação de algumas diferenciações no caráter e nos objetivos de cada associação.

No artigo 1 a opção por todos os sexos traz a incomum presença de mulheres nas associações mutualistas, a Sociedade Mutuária Glorioso São Benedito reforça em outros pontos de seu estatuto a presença feminina, isso deve-se ao fato de que existe um crivo religioso claro, uma condição em ser irmã ou irmão de santo, que na configuração de uma irmandade, a presença feminina é mais significativa, entretanto essa inclusão da mulher, também está ligada a própria configuração dos trabalhadores e trabalhadoras no meio norte do Brasil.

---

<sup>13</sup>ESTATUTOS DA SOCIEDADE MUTUARIA ANEXA A IRMANDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDICTO, Maranhão, 1901, Tipografia Frias, P.1

<sup>14</sup>ESTATUTOS DA SOCIEDADE MUTUARIA ANEXA A IRMANDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDICTO, Maranhão, 1901, Tipografia Frias P.1

A região entre São Luís, Parnaíba, Teresina e Caxias, estava no início do século XX, com forte presença de mulheres trabalhadoras nas fábricas, principalmente de fiação, e também na indústria do extrativismo. Os salários menores, e a possibilidade de emprego de meninas órfãs como denunciavam os jornais operários, fazia com que a classe trabalhadora tivesse uma presença feminina igual ou até mesmo maior que a masculina.

As associações mutualistas como instrumentos da classe trabalhadora e também enquanto algo que organizava os interesses e assegurava a proteção operária, modificam-se, e modificam os seus quadros na formação de identidades operárias, o que possibilita um associativismo mais preocupado a pautas das trabalhadoras.

Como as denúncias de aliciamento para a prostituição, ou até mesmo o assédio e estupro em ambientes de trabalho. Na edição do Jornal O Operário, que era órgão de propaganda da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, aliada da União Operária do Engenho de Dentro do Rio de Janeiro, e “co-irmã” do Círculo federativo Socialista dos Obreiros de Caxias, na edição de número 20 do jornal, no dia 3 agosto de 1906, vem uma denúncia sobre o caso de um estupro a uma trabalhadora, a operária desvirginada leva o caso a polícia, o delegado ordena que o homem se case de imediato com a mulher, o homem no entanto afirma não ter dinheiro para se casar, e o jornal afirma que a mulher cai em desgraça.

Essas denúncias e outras pautas do mundo feminino por parte das associações mutualistas operárias demonstram a presença e a importância das trabalhadoras dentro das associações da época. Em um período mais a frente e na cidade de Parnaíba, a Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba enfatiza a luta contra a prostituição e o aliciamento de mulheres;

fazem a nota chic dos cafés da praça da matriz. A nossa conspiração volta-se hoje, para essa pobres creaturinhas de doze a quinze annos que como flores se estoram, servem de repasto a gana bestial de indivíduos grosseiros esalteadores da virgindade desprotegida. Quantas meninas impúberes, ainda que acossadas pela penúria renunciam a candura de sua inocência, entregando-se a fúria desses Satyros de seus fragies corpos adolescentes fazem instrumentos das mais vis abjecções e calcam nos a torpitude de todos os vícios aviltantes a delicadeza de seu sexo. Todos os dias vemol-as enchendo as ruas, os beccos, o mercado publico o jardim, fazendo de seu vicio taboa única de salvação, e já exibem nos gestos, nos rizos, nas faces, o requinte do desavergonhamento em que foram adestradas pela perversão de seus degenerados algozes. [sic]

Aqui é entendido a prostituição como um processo degenerativo para a mulher, e provocado por algozes que aproveitam-se da precarização.

O número de meninas órfãs advindas dos sertões do Ceará e Piauí para Teresina, Caxias, São Luís e Parnaíba, na fuga das secas do final do século XIX, e a incorporação do negro e da negra liberta das fazendas com o fim da escravidão, desloca famílias subalternizadas para as capitais e grandes províncias.

O fluxo migratório sofre uma nova curva de aumento um pouco mais a diante, devido as secas da década de 1910. A Configuração desses trabalhadores e trabalhadoras, somado aos estrangeiros trazidos pela elite econômica local, influenciam a feição mais abrangente do associativismo operário.

Não são todas as associações mutualistas do período que abrem espaço explícito em seus estatutos para mulheres, entretanto em todas as associações encontradas no Piauí e Maranhão, delineiam em seus estatutos uma preocupação com a mulher, seja enquanto a mulher trabalhadora participe da associação, ou a mulher enquanto primeira beneficiada em caso de infortúnio de seu marido.

A possibilidade de percepção de um associativismo mais inclusivo no Piauí e Maranhão, está ligado ainda ao fato da precarização das relações de trabalho, do processo de proletarização e da informalidade do trabalho, pois em contexto de ocupações, trabalhos e “bicos” esporádicos, faziam com que os subalternos tivessem suas atividades pouco valorizadas no sentido de profissionalização, o passado escravista tem um peso nesse processo de desvalorização do trabalho e do trabalhador, até mesmo por isso a diversidade de diferentes profissionais de diversas áreas em uma mesma sociedade mutual é uma realidade no contexto citado. Raramente detectamos uma sociedade mutual distinta por setor profissional, entretanto as de caráter e perfis mais abertos tenderam a ter maior durabilidade e maior força.

Devido a esse processo, se fortalece nos primeiros anos do século XX, um associativismo mais interessado na união da classe, união dos diversos ramos de atuação operária, não trata-se de uma união dos tipógrafos, ou dos estivadores ou dos ferreiros, ou pequenos comerciantes, existem até mesmo trabalhadores do estado, burocratas menores, intelectuais, bacharéis advindos da Faculdade de Direito do Recife, alguns militares de baixa patente, dentro de algumas associações, mas sempre esses “Artistas” e “operários” se auto-identificavam nas sociedades mutuais da época como “membros da mesma classe”.

É nesse ambiente de precaridade, e insegurança estrutural, que as associações mutualistas travam a luta pelo reconhecimento público e pelo respeito das instituições e

figuras da República, assim havia sempre a necessidade de “Art.23 Paragrafo 3. Fazer constante propaganda para o engrandecimento da Sociedade”.

O engrandecimento estava entendido como uma propaganda positiva da classe, que era vista como necessária em um ambiente que permeava a contaminação negativa do trabalho e do trabalhador, fruto de um passado de escravidão, e de total precaridade nas relações trabalhistas.

A Sociedade Mutuária São Benedito, pelo seu nome, pela origem vinda de uma irmandade, e localização, leva a crer a presença de negros e negras, o mutualismo no Brasil fora de extrema importância na formação, difusão e discussão da identidade dos trabalhadores, essa identidade vem a República com fortes raízes em um “passado” escravista como já pontuado, esse passado traz a exclusão e a coisificação do negro mesmo em uma sociedade regida pela remuneração para o trabalho.

Os trabalhadores e trabalhadoras em especial os negros que se viam em uma condição subalternizada, tinham nas mutuais a caminho para arriscar uma luta intensa pelos seus direitos, por uma cidadania mais ampla, dessa forma em seu Capítulo III, a Sociedade Mutuária anexa a Irmandade do Glorioso São Benedito trazia entre os “Deveres da Sociedade” “Artigo 9. Paragrafo 1 Fornecer a cada sócio um Diploma para provar a sua Identidade.”

A identidade de pertencente a Sociedade Mutual lhes garantia, ou lutavam para que garantisse uma maior respeitabilidade pública, e uma maior notoriedade enquanto trabalhadores pertencentes a uma entidade que embora fosse originalmente com caráter de proteção, entendiam que era necessária a busca pelo “engrandecimento da classe”, que se passava também pelo atendimento imediato as demandas mais emergenciais dos operários e operárias, ou seus herdeiros e herdeiras.

A celeridade era tamanha que no mesmo artigo no parágrafo 2, estava como dever “Pagar dentro do prazo de 24 horas úteis e de uma só vez o pecúlio a que tiverem direito os doados, legatários ou herdeiros do sócio falecido, sem formalidade mais do que o recibo no talão de saída.”. O dinheiro que nenhum herdeiro ou herdeira queria receber, demonstrava, mais uma vez eu enfatizo, como as relações de trabalho eram precárias, e essa rapidez dava-se também pela própria noção de que a condição operária era a mais frágil naquela sociedade.

Algumas críticas são feitas em certa historiografia referente, sobre a capacidade de organização e formação de classe que podemos abstrair ao olharmos as experiências

dos trabalhadores dentro das sociedades mutuais no Brasil, um dos argumentos, dar conta de que os participantes dessas sociedades são na maioria das vezes operários mais seletos, com melhores posições de ganho que outros, e que as sociedades mutuais funcionam com estratégias privadas de sobrevivência, uma espécie de seguro de vida em strictu sensu.

Porém em casos empíricos, como da sociedade em questão, pode ser percebido que essas relações são mais complexas, quando ocorre por exemplo a incapacidade de pagamento da Sociedade Mutual;

“Art 39. O sócio que por motivos de moléstia ou outros acidentes ficar inutilizado para o trabalho, uma vez provado que não tenha renda própria ou bens de fortuna fica isento do pagamento das contribuições e no caso de falecimento, seus herdeiros. Artigo 36. SÓ ESTES terão direito ao pecúlio estatuído no &2 Artigo 4º.”<sup>15</sup>

A solidariedade de classe existe em um período de insegurança estrutural, os subalternos e subalternas construíram laços associativos capaz de enfrentar uma experiência adversa no mundo do trabalho, o mutualismo operário no Meio-norte, teve essa característica de horizontalidade e fraternidade, provavelmente muito influenciado pelas lojas Maçônicas e pelos quadros maçônicos que pertenciam a várias associações do Piauí e Maranhão, além de experiências compartilhadas nas senzalas e cativeiros que trouxeram valores, experiências ao convívio associativo.

A horizontalidade e a solidariedade apareciam também na própria formação política das sociedades mutuais, a Sociedade Mutuária do Glorioso São Benedito, embora tivesse Presidente e Diretores, tinha em seu estatuto que qualquer decisão referente aos rumos da entidade, só poderia ser tomada com a presença de mais de 30 associadas e associados.

O órgão máximo de decisão era a Assembléia Geral, que estava acima do Presidente e dos Diretores. Em 1901 o Presidente da Sociedade Mutual era Marcellino Rodrigues da Silva Nunes, como Primeiro Secretário estava Horacio Couto Lobão, e como Tesoureiro tinha João Contidio Ribeiro.

Horacio Couto Lobão fazia parte também de diversas outras associações, que tinham contatos e trocavam experiências com outras associações do Brasil, em especial com as mutuais do Piauí.

---

<sup>15</sup> ESTATUTOS DA SOCIEDADE MUTUARIA ANEXA A IRMANDADE DO GLORIOSO SÃO BENEDICTO, Maranhão, 1901, Tipografia Frias P.14

Conseguí encontrar Horacio Couto Lobão, em registros na Diretoria da Centro Caixeiral, como membro da comissão fiscal do Instituto Beneficente que fora fundado em 1893. Existia uma elite das letras que entusiasmada com a questão operária, fomentava debates, ajudava na fundação e crescimento das associações operárias, e que conseguia participar ao mesmo tempo de diversas associações, até mesmo de estados diferentes como no caso do Piauí e Maranhão;

Parte dessa elite letrada, tem sua formação comum na escola de Bacharéis da Faculdade de Direito do Recife, onde tiveram contato com idéias iluministas de progresso social, ideais anarquistas, socialistas e liberais em um sentido mais amplo.

Essas elites letradas mantinham uma ativa troca de correspondências e contatos entre as associações mútuas, onde fortaleciam a união e a organização conjunta dos subalternos.

Como já frisado, essa elite letrada, na grande parte das vezes pertencente a diretoria, tinha poderes abaixo da assembleia geral, ao corpo diretor cabia a organização e uma representação legal junto as questões sociais postas contra algum sócio ou mesmo uma representação formal para com a sociedade, o que reforça a tese da democracia interna e participação ampla de trabalhadores e trabalhadoras.

A entrega de algum pecúlio também fazia parte do papel desempenhado pelo corpo dirigente da associação:

Sociedade Mutuaria Anexa a Irmandade do Glorioso S. Benedicto  
Communico aos srs. socios sobreviventes desta sociedade de que os recibos de 2000 relativos aos fallecimento da socia Maria Amalia Fernades Ramos já estão em poder do Thesoureiro João Contidio Ribeiro, defronte do Theatro, e que o praso a contar de 1º terminara impreterivelmente no dia 15 corrente. Sem excepção alguma o sócio que até aquella data não pagar sera, illiminado. Maranhão , 2 de janeiro de 1903. Horacio couto Lobão. 1º Secretario (A PACOTILHA, 5.01.1903)

No caso retratado é prestado conta aos sócios da quantia que os legatários ou herdeiros de uma mulher que falece virão a ter. Outra forma de maior inclusão era essa integração da própria família do sócio e outros amigos, como no caso citado acima, realizando uma extensão do laço associativo para além dos que estavam associados em direito privado, pois “Art. 36 São herdeiros dos sócios na falta dos doados ou legatários: 1 Os viúvos ou viúvas. 2 Os descendentes. 3 Os ascendentes. 4 Os irmãos de ambos os sexos.”.

A permissividade e a extensão do recebimento de recursos, amplia o horizonte de participação na Sociedade Mutual, para uma maior parcela da sociedade civil, e faz com

que mesmo trabalhadores sem vínculos formais com a entidade, participem indiretamente e se interessem pelas questões públicas da associação.

Nessa linha, qualquer pessoa poderia entrar e participar de uma reunião da Sociedade mutual Irmandade São Benedito, bastando que para isso se identificasse. A abertura de participação ajuda a construir uma idéia contrária a de espaços privados, estratégias privadas em sentido fechado, é certo que as entidades em sua função primária são formadas por um grupo restrito e feita em sentido primeiro para atender esse grupo, entretanto no desenrolar do processo histórico, essas associações acabam que incidindo sobre algumas pautas da sociedade civil.

É de importância, enfatizar que as sociedades mutuals poderiam ter vida curta nesse período no Brasil, ou até mesmo funcionar e parar diversas vezes suas atividades, enquanto construção do próprio trabalhador, as associações tinham por certo, dificuldades financeiras as vezes em se manter, haja visto que essas dificuldades em primeira ordem atacavam os trabalhadores, a retórica da associação mutual de São Benedito, demonstra essa incerteza para com o futuro de seus associados, “aos senhores sócios sobreviventes”, é expressão que indica a insegurança quanto a própria existência dos associados.

Provavelmente por esse sentido e percepção de que a existência das Sociedades Mutuals estava condicionada a capacidade do Operariado em se associar, e ainda pela própria idéia de proteção ao trabalhador, muitas associações mutualistas encarnaram no Meio-norte do Brasil um caráter de luta , na relação Capital-Trabalho, algo que estaria mais ligado a uma capacidade de organização dos subalternos.

### **Subalternos em Luta:enfrentamentos sociais dentro do associativismo operário**

Como primeira bandeira de luta dos associados e associadas as sociedades mutualistas operárias, estava a própria garantia de suas sobrevivências, essa luta era travada no terreno de embates diretos e indiretos contra os patrões, que de certa forma estendiam seus interesses ao corpo burocrático do Estado republicano.

Dentro desse contexto, e no período de proibição e burocratização da organização sindical - é possível entender o espaço do associativismo operário e seu caráter de luta assumido por diversas sociedades de socorro mútuos. Tanto em Greves, como motins, protestos via imprensa operária, notas de denuncia nos folhetins dos subalternos, além da propagação de ideários sociais que centralizavam,apriori, a

necessidade do conflito, como o Anarquismo e o Socialismo. Embora um parêntese deve ser colocado na questão do Socialismo no Meio-norte, uma vez que esse se manifestava com diversas colorações e entendimentos.

Essas configurações de luta, remetiam a um viés internacionalista de luta. No contexto do Piauí e Maranhão do início do século XX, os ideários sociais, os embates, as manifestações e as pautas de solidariedade operária transnacionais, ficam evidentes em uma análise pormenorizada das atuações dos trabalhadores dentro das sociedades mutualistas, e demonstram duas principais faces: uma da luta pela própria existência, e outra um enfrentamento mais complexo a um modelo social vigente.

Entre essas duas fórmulas, existe uma complexa e emergente disputa pela cidadania, por certos direitos, ou o que Marcelo Mac Cord intitulou de uma luta pela “respeitabilidade pública”.

Nos protestos, nos conflitos e manifestações operárias no meio-norte, essas duas faces do movimento operário mutualista as vezes se entrelaçam, onde a própria garantia da sobrevivência identifica-se com a tomada de consciência do abuso do capital e da exploração. Nesse encontro de lados, faz-se uma classe trabalhadora dentro da própria luta de classes, ela constrói-se pela identificação de seus inimigos e de suas condições desfavoráveis a sua própria existência.

Para dizê-lo com todas as letras: as classes não existem como entidades separadas que olham ao seu redor, acham um inimigo de classe e partem para a batalha. Ao contrário, para mim, as pessoas se vêem numa sociedade estruturada de certo modo (por meio de relações de produção fundamentalmente), suportam a exploração (ou buscam manter poder sobre os que as exploram), identificam os nós dos interesses antagônicos, se batem em torno desses mesmos nós e no curso de tal processo de luta descobrem a si mesmas como uma classe, vindo pois a fazer a descoberta de sua consciência de classe.<sup>16</sup>

Assim o conflito é momento histórico fundamental para se perceber o processo histórico do formar-se de uma classe através de um mutualismo que está em luta, e que fora feito dentro de uma organização construída para sobreviver, mas que percebeu, inventou a sua sobrevivência no enfrentamento dos antagonismos sociais que o mundo lhes apresenta.

---

<sup>16</sup>E. P. Thompson, “Algumas considerações sobre classe e falsa consciência”, in *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*, Campinas, EdUnicamp, 2001, p. 274

A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas), sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus. A experiência de classe é determinada, em grande medida, pelas relações de produção em que os homens nasceram – ou entraram involuntariamente. A consciência de classe é a forma como essas experiências são tratadas em termos culturais: encarnadas em tradições, sistemas de valores, ideias e formas institucionais. Se a experiência aparece como determinada, o mesmo não ocorre com a consciência de classe.<sup>17</sup>

Entretanto, por uma questão metodológica, nesse momento pretendo apresentar cenas de maiores embates e lutas, o que não significa que a complexidade das associações mutualistas do meio-norte do Brasil sejam unânimes no enfrentamento e no tensionamento com o poderio econômico e estatal. Longe disso, pois é importante frisar que muitas associações de cunho mais ‘reformista’, tendiam a tentar solucionar seus problemas com sua proximidade aos patrões e ao corpo da sociedade política da época. Como o caso da mutual Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, que tinha uma co-irmã em Caxias intitulada Círculo Socialista de Caxias - essas duas entidades assumidamente socialistas, e de viés católico Cristão, entendiam que a institucionalidade, a proximidade da esfera governamental era essencial para o próprio proveito do operariado.

Porém, a vivência associativas assumia contornos tortuosos, como os da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, que em determinados momentos a mutual aumentava o seu tom de insatisfação ao mundo posto para os seus associados, e via imprensa destilava letras de enfrentamento;

Não somos dos que pensam que a fortuna excessiva dos ricos seja distribuída entre os operários de hoje. Mas, o que entendemos é que tudo deve ter o seu limite e que a sociedade, pondo um freio a essas grandes acumulações de capital- origem do mal que affecta a maior parte do organismo humano.[...] A classe superior de tudo se apodera e de tudo se usufrue, enquanto que a dos operários vive ainda sob o peso do soffrimento, na injustiça, da usurpação e do desprezo.<sup>18</sup>

Nessa linha mais enviesada ao contra-ataque operário contra um mundo excludente, trago momentos desse embate.

---

<sup>17</sup> E. P. Thompson, *A formação da classe operária inglesa*, vol. 1, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1986, p. 10.

<sup>18</sup> BAPTISTA, Zito. Pelo Socialismo II. *O Operário*, Teresina, ano1, n. 16, p.1-2, 05 jul. 1906.

No Piauí e Maranhão, entre o 1900 e 1922 existiram diversas associações de trabalhadores e trabalhadoras de caráter de socorro mútuo, que prezavam pela união entre as organizações, não era raro perceber que membros de associações do Piauí eram filiados a sociedades do Maranhão e vice-versa, essa ligação não dava-se apenas no campo institucional, havia uma solidariedade também nos momentos de conflito, apoio a greves, a melhores condições de trabalho, denúncias de patrões perversos. Como o caso da greve dos trabalhadores da empresa de energia elétrica em Teresina na década de 1920, e o apoio a greve dos trabalhadores da Bélgica na imprensa operária do Maranhão no início do século XX.

Na Greve dos trabalhadores da companhia de energia elétrica existem poucos relatos, o que sabe-se é que os trabalhadores cruzaram os braços na cidade de Teresina deixando a Província por mais de 20 dias ao escuro, o motivo da greve foi a revolta dos trabalhadores com a demissão de um companheiro de trabalho, a reivindicação estava vinculada ao laço de horizontalidade.

Essa greve teve apoio de estudantes pertencentes ao Liceu Piauiense, no qual alguns faziam parte também do Centro Proletário de Teresina, uma entidade mutualista.

Em período anterior, podemos elencar o registro de outra greve, com participação de trabalhadores do Piauí e Maranhão, além ser de origem de subalternos estivadores, que trabalhavam para as companhias de navegação.

A greve de 1916, teve seu êxito em tempo curto. O movimento fora realizado em área de divisa natural dos estados do Piauí e Maranhão, uma nota de um jornal não operário traz comentários sobre a greve no meio-norte:

Foi muito grave a greve havida ha dias à bordo do vapor Christino Cruz, ao nosso porto em ocasião de seguir viagem para Tutoya. O caso foi que os tripulantes do sobredito vapor não recebiam suas soldadas nas quaes estavam atrasados havia algum tempo. Consta-nos que à vista dessa reclamação aliás bem justa o sr. capitão do Porto intimou o vapor a não sahir enquanto não satisfizesse aquelle compromisso. Consta-nos ainda mais que o sr agente depois de ter rezado o padre nosso de traz para diante e diante para traz e o credo em cruz conseguiu que lhe emprestassem o dinheiro para o pagamento e o Christino lá se fio lampeiro com a tripulação garbosa rumo de Tutoya. Antes assim...[sic]<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> (Greve Grave. A SEMANA, 3 de dezembro de 1916. ano I, n° 8. p. 03) Apud SILVA, Alexandre Wellington dos Santos. Um Rio entre a miséria e o Progresso. As relações entre Trabalho e Natureza em Parnaíba – PI na primeira metade do século XX. Revista Piauiense de História Social e do Trabalho. Ano I, n° 01. Julho-Dezembro de 2015. Parnaíba-PI

Trabalhadores estivadores do Piauí e Maranhão trabalhavam juntos nessa embarcação, pertencente a família Cruz, a embarcação transitava entre São Luís (Porto de Tutoya) passando por Parnaíba no porto de amarração, e adentrava até as margens da fábrica de fiação da família em Teresina, a intitulada Companhia de Fiação Cruz localizada as margens do Rio Parnaíba em Teresina. Muitos estivadores pertenciam aos quadros de filiados do Centro Proletário e da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, essa é uma constatação possível pois em diversos momentos nos órgãos de propaganda dessas duas mutuais e em suas notas pagas a outros jornais não operários, as entidades reproduziam circulares da União Nacional dos Estivadores, dentro dessas notas em sua grande maioria reivindicações sobre as condições de trabalho da categoria, e promessas de alguns presidentes para por fim ao sofrimento daqueles trabalhadores.

A rota até São Luís do Maranhão, servia para levar tecidos e a rota de São Luís ao interior dos estados do Piauí e Maranhão, era um trabalho extremamente desgastante para os operários, as diversas mercadorias da família Cruz, unido a outros produtos tornavam as embarcações de carga lotadas e com péssimas condições para os tripulantes. A greve que surge por uma questão eminentemente econômica, mas também pode ser pensada como uma pauta que significa um último estopim de uma insatisfação coletiva.



Imagem 1- Trabalhadores estivadores no Porto de Amarração . Parnaíba-PI. Fonte: Diderot Marivignier. Parnaíba-PI.Foto calibrada por Giorgio Richard Nunes Silvério.<sup>20</sup>

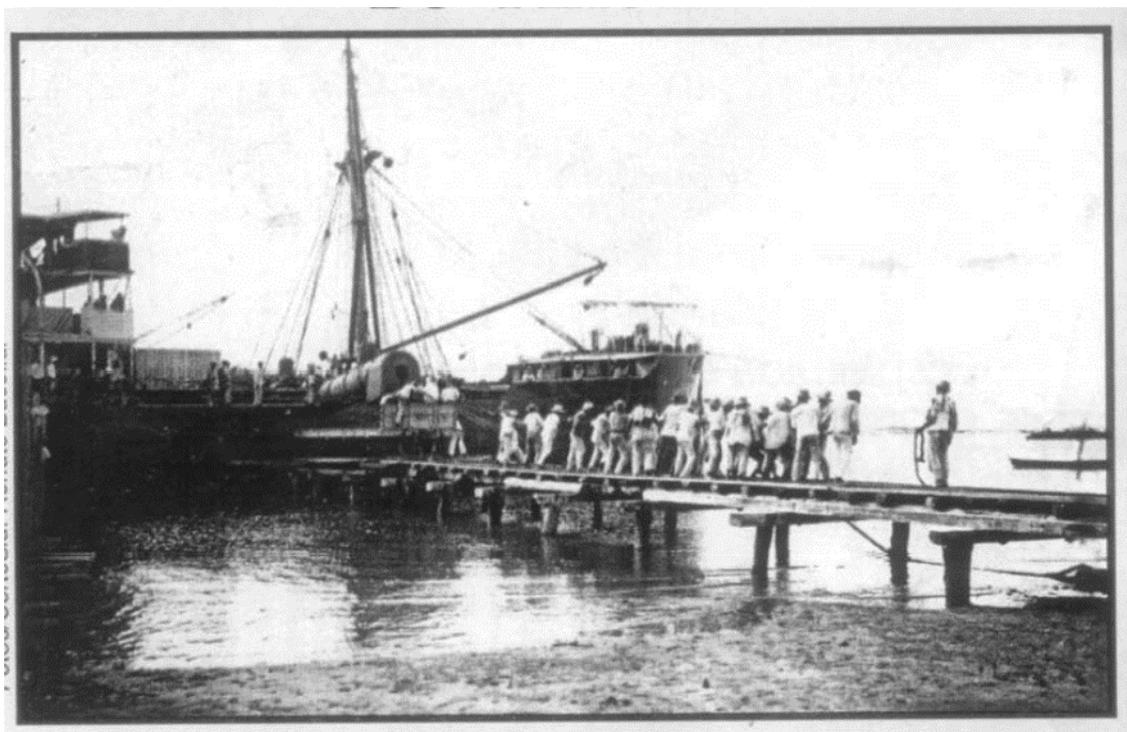


Imagem 2 – Estivadores descarregando locomotivas no trapiche de Amarração, em 1918, Fonte: Diderot Marivignier.Parnaíba-PI. Foto calibrada por Giorgio Richard Nunes Silvério<sup>21</sup>

Para além das greves de fato, o ideal grevista que rondava o mundo no início do século XX, provocava uma certa agitação nas sociedades mutualistas, alguns eram críticos ferrenhos desse método, outros aplaudiam e tencionavam para que ocorressem os movimentos em solo brasileiro. Através dos órgãos de Propaganda das associações mutualistas operárias, é possível a identificação de várias nuances da idéia de greve, e também das ações de enfrentamento social aos antagonicos ao projeto de elevação da classe operária defendida pelas mutuais.

Entretanto haviam como já citadas, visões contrárias ao método da greve, na edição número 11, do órgão de propaganda da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, o jornal *O Operário*, vem a seguinte nota “De todos os recantos do mundo civilisado chega-nos a noticia dessas lutas, onde se patenteiam bem os motivos de sua existencia. Aqui são as

---

<sup>20</sup> Apud GANDARA, Gercinair Silvério. Rio Parnaíba... cidades-beira.(1850-1950) 2008.Teresina: Edufpi, 2010.

<sup>21</sup> Apud GANDARA, Gercinair Silvério. Rio Parnaíba... cidades-beira.(1850-1950) 2008.Teresina: Edufpi, 2010.

greves, ora parciais, ora gerais que levantam-se ativas em busca de vitórias meramente problemáticas”<sup>22</sup> o autor desse pensamento é contra a ideia grevista, afirma em outra parte da nota tratar-se de um espírito de revolta que atrapalha a elevação da Classe, todavia pela sua própria escrita podemos notar que existia uma configuração grevista no período, que tinham caráter geral ou mesmo parcial, e quanto o autor menciona “vitórias meramente problemáticas”, demonstra que as pautas faziam-se por reivindicações específicas e bem pontuais.

A nota em discordância ao espírito de greve, não significa rotular a associação dona do jornal, como uma entidade sem preocupações com o enfrentamento da questão social, ou mesmo sem pertencimento aos conflitos entre capital e trabalho, em outros pontos a associação demonstra estar atenta a condição operária e sua necessidade de transformação, embora essa mudança não devesse passar pela prática de greves, mas sim por outros meios, como a criação de uma;

lei do trabalho feito de acordo com as necessidades do corpo e do espírito de cada um desses desherdados; premiando o esforço; associando o trabalhador ao capitalista que até hoje tem sido dono exclusivo das riquezas colossais adquiridas pelo mourejar dos pequenos. [sic]<sup>23</sup>

A ideia de uma luta através da institucionalidade republicana, e a bandeira de uma legislação trabalhista era algo que rondava alguns socialistas no meio-norte do Brasil da época, as influências positivistas e da formação em Direito de parte da elite letrada que estava dentro das mútuas operárias, explica em parte o legalismo defendido.

Embora algumas outras associações, mesmo que composta em suas diretorias por quadros da elite letrada, e até mesmo de militares, aprovava a ideia de greve, como é o caso da sociedade mutual Caxiense, União Artística Operária Eleitoral Caxiense, que em seu órgão de propaganda intitulado *O Trabalho*, entende que;

Aqui é o operariado um famoso juguete dessas classes mais protegidas pela política, enquanto em outros centros ele é luminoso foco de proteção dos governos para que o operariado não seja laço das pretensões de portentosos patrões ricos ali se alei não se agita para desoprimí-lo, a greve surge para garantir o direito de cada um –A lei ordena a greve obriga<sup>24</sup>

---

<sup>22</sup> FREITAS, Clodoaldo. Justo Desideratum. O Operário, Teresina, ano 1, n. 11, p.1, 21 mai. 1906.

<sup>23</sup> Primeiro de Maio. O Operário, Teresina, ano 1, n. 8, p. 1, mai. 1906.

<sup>24</sup> O Trabalho. Caxias, ano 1, n 1, p2, mai 1920.

A tensão entre o caminho da legalidade, a obtenção de direitos através das leis e o caminho de mobilizações grevistas, é algo recorrente no período, a União Operária Eleitoral Caxiense em vários números de seu jornal, publica lei decreto de número 3724, aprovado em 15 de janeiro de 1919, que refere-se sobre acidentes de trabalho, na tentativa de alertar os trabalhadores e trabalhadoras sobre seus novos direitos, embora por reconhecimento da mesma associação esses não estavam sendo respeitados pelos patrões.

No trecho acima, o entendimento da importância da lei fica evidente, porém a idéia é que a lei somente é colocada em vigor com a participação operária dentro de um processo que busca a efetivação de direitos, se a lei ordena, mas a única capaz de obrigar a se cumprir é a greve.

Esse entendimento deriva do fato da própria experiência daqueles trabalhadores, com o não respeito das ínfimas leis em relação a regulamentação do trabalho, e com o constante atendimento de trabalhadores e trabalhadoras associados que recorriam a caixa de socorros mútuos da entidade.

Em matéria no mesmo ano de 1919, no Jornal dos artistas de São Luís do Maranhão vem a seguinte matéria intitulada “Acidentes do Trabalho como as leis são executadas”,

matéria completamente nova a lei sobre acidente do trabalho continua a ser burlada de mil maneiras diferentes. Cada qual mais curiosa e reveladora da grossa ignorância da maioria da população inclusive os letrados e até os legisladores em relação às leis, no foro a lei sobre acidente de trabalho tem provocado verdadeiras balburdias e ainda há dias noticiamos o caso de um operário que tendo perdido dois dedos da mão direita em um acidente de trabalho, longe de ser indenizado pelos patrões foi condenado nas custas do processo. Sobre muitos outros aspectos continua a humanitária lei a ser burlada, um dos mais curiosos porém é o que nos x-ilegível-x ouvindo a narrativa de um operário vítima de um acidente, disse muito naturalmente acabava de sair da Santa Casa de Misericórdia onde em consequência do acidente foi internado como indigente.<sup>25</sup>

A lei que Eptácio Pessoa decretara, trazia até mesmo valores para indenização, mas não era entendida ou talvez não se quisesse ser entendida, por parte das autoridades locais, o que confluía para a necessidade de denuncia via imprensa operária, como o caso do operário citado acima, pelo Centro Artístico Eleitoral Maranhense, que era de fato a

---

<sup>25</sup>JORNAL DOS ARTISTAS. órgão do Centro Artístico Operário Eleitoral Maranhense, ano 1, 31 de agosto de 1919, n 16 p 3

entidade mutual que influenciou a criação da União Operaria Eleitoral Caxiense, o qual era uma espécie de “braço” da sociedade mutual Ludovicense, na cidade de Caxias.

A experiência com a aplicabilidade real da lei, faz com que o enfrentamento para algumas entidades seja feita de forma mais direta, principalmente através de bandeiras de luta defendidas via imprensa operária. Como no caso da luta pelas 8 horas diárias.

A União Progressista, vai empregar todos os esforços para a regularização de 8 horas de trabalhos diários para os artistas e operários desta cidade, na ordem seguinte: - das 7 horas as 10, das 11 as 16 (4 da tarde). O artista precisa ser mais livre, e ter um salário mais elevado, mais digno de seu sacrifício, especialmente, na dureza da época de carestias que atravessamos. [sic]<sup>26</sup>

A Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, defende intensamente a bandeira das 8 horas diárias, em um primeiro momento de sua vida associativa, essa bandeira está disseminada no meio-norte brasileiro desde 1906, quando chega em associações do Piauí e Maranhão as teses aprovadas no primeiro congresso operário Brasileiro.

Na mesma linha dos enfrentamentos relacionados as relações de trabalho, estavam também as reivindicações por melhores salários, um salário mais elevado era pauta frequente na reivindicação das sociedades mutuais no meio-norte,

O operário trabalha dez horas por dia, durante a vida inteira, entre amargos e pesados sofrimentos, exposto a gelidez do frio e ao fogo abrasador do sol, e, no entanto, quando já se sente alquebrado pelos dias da vida quando perde a vitalidade física, volta ao mísero casebre em extrema pobreza, indo muitas vezes, mendigar um obulo no outro dia a porta d'aquelle que enriqueceu com o suor do seu trabalho. Talvez dirão: \_ porque elle não economisou alguma coisa? Não sabia que tinha de chegar a velhice? \_Ah! E quem pode fazer um peculeo, quem passou a vida, com o peso de família, ganhando 1\$000 ou 1:500 por dia?<sup>27</sup>

O salário calculado para apenas a reprodução da força de trabalho, era alvo das preocupações, protestos e denúncias das sociedades operárias, a Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí reivindicava reiteradamente melhores condições para os operários, embora rejeitasse o método da greve como princípio de luta, a reivindicação por melhores condições de existência dos trabalhadores produzia essas retóricas mais incisivas.

---

<sup>26</sup> FESTAS. O Artista, Parnaíba, ano1, n.2, p.2, 07 set. 1919.

<sup>27</sup> BAPTISTA, Zito. Pelo Socialismo II. O Operario, Teresina, ano1, n. 16, p.1-2, 05 jul. 1906.

Algumas sociedades mutuais chegavam até mesmo propor valores e formas de pagamento que se encaixassem melhor nas condições de vida e existência dos trabalhadores e trabalhadoras. A União Artística Operária Eleitoral Caxiense propagava melhores formas de pagamento de acordo a dias na semana, a pedido dos próprios trabalhadores;

Tabela de Salários diários - Os operários Campinas e marceneiros reunidos na sala destinada aos trabalhos da União artística Operária eleitoral Caxiense em vista da atual carestia da vida resolvem pedir dia 10 do mês passado em diante para pagamento dos seus salários diários o comprimento da seguinte tabela: tabela mestre de obra 8\$000 oficial de 1ª classe 6\$000 oficial de segunda classe 5\$000 oficial de terceira classe 4\$000 seguem-se 32 assinaturas. Que as outras classes tenham o gesto de solidariedade dos Carpinas e marceneiros são os nossos desejos.<sup>28</sup>

]A organização e luta por melhores salários e a proposição dessas pautas dentro de um espaço de uma mutual, reflete um ponto importante em uma discussão a respeito de enfrentamentos sociais por dentro do associativismo mutualista na primeira república, trata-se do lugar ocupado pelas associações mutualistas nos conflitos com a classe patronal.

As manifestações de confrontos e apoio a greves reforçam o espaço do mutualismo com algo complexo, e que no Brasil e no Mundo no período do início do século XX, experimentou diversas colorações ideológicas e também de cunho político no sentido mais tradicional.

Parte dos enfrentamentos sociais, lutas avanços e recuos do movimento operário deu-se também por dentro da institucionalidade republicana, e no campo político, seja no apoio a candidatos, governos ou mesmo lançando nomes para compor um espaço que a princípio não cabia aos trabalhadores, a política em diversas situações fora uma saída aos reclames de uma vida de despossessão dos subalternos.

### **Trabalhadores, Estado e a política**

A Política já fazia-se presente dentro das próprias associações mutualistas do meio-norte, o clima de disputa pelos rumos e pela direção das entidades era intenso. O

---

<sup>28</sup>O TRABALHO. Órgão da Sociedade União artística Operária eleitoral Caxiense ano 1 1º de Janeiro de 1920, n 1, p 3

Centro Proletário de Teresina, que abrigava membros do Piauí e Maranhão, tem sua fundação no Ano de 1905, já no ano de 1909 publica um regimento especial para tratar-se especificamente de questões eleitorais da associação mutualista e auto-intitulada socialista.

Pelo teor do documento fica presente a ideia de disputas internas de vários projetos para o mutualismo dos subalternos, as várias paginas de um estatuto dedicado exclusivamente a questões técnicas de eleição para membros de Diretoria e outros cargos administrativos da entidade, demonstra os acalorados debates, que dentro de uma curta vida associativa fora possível.

O documento foi aprovado em sessão especial, no dia 21 de dezembro de 1909, e entre muitas questões decidiu logo em seu artigo de número 1, que;

A qualquer associado do Centro Proletário é facultado o direito de denunciar contra irregularidades ou ilegalidades que se derem nas eleições de membros da câmara geral, assim como os contestantes que se julgarem prejudicados com o resultado da eleição assiste o direito de contestação, na forma estabelecida por este regimento.<sup>29</sup>

O fator da possibilidade de reclamação referente ao resultado de qualquer eleição, revela que o clima das disputas era intenso, em outro trecho é nítido o interesse dos subalternos na proposição de chapas, e na direção da associação, e a importância que a comissão eleitoral desempenhava;

Art.6. Concluindo o exame de autentica e documentos eleitoraes, a comissão organizará uma relação nominal dos dez candidatos mais votados, todos na ordem da respectiva votação, afim de enviar ao presidente da câmara, juntamente com todos os papéis em seu poder, concernentes a eleição.

Estou tratando nesse ponto, de uma organização política operária, e a capacidade do operariado se organizar politicamente dentro de uma mutual, juntoao interesse evidente de vários trabalhadores na administração política da sociedade mutual, o que demonstra uma habilidade política, democrática eminente nas associações.

Ao atentarmos para a questão da política e da tentativa de participação operária nos assuntos referentes ao Estado Brasileiro, vamos perceber que a bandeira da instrução operária, perpassa tanto pelo viés de engrandecimento da classe, da tentativa de elevação intelectual dos subalternos, quanto pela tentativa de ampliação da participação no Processo

---

<sup>29</sup>REGIMENTO DA CAMARA GERAL DO CENTRO PROLETÁRIO, Teresina, 1906, P 1

Político Eleitoral, instrução e educação são dois caminhos que levam a uma maior presença e força dos trabalhadores, tanto da sociedade civil, quanto na sociedade política. As sociedades mutualistas em sua grande maioria tinham essa compreensão, assumiam esse compromisso junto aos seus associados e aos trabalhadores de um modo geral, uma vez que as escolas na grande parte das vezes, noturnas, abrigavam a qualquer operário ou operária que pudesse pagar em alguns casos pelo ensino, independentemente deste ou desta pertencer ou não a organização operária que oferecia tal serviço.

Porém existiam associações, que não cobravam por tal instrução, como o caso do Centro Proletário, que mantinha a escola “14 de julho”, nome em referência a Revolução Francesa, para os filhos e filhas dos trabalhadores e trabalhadoras.

Os preços das mensalidades, no caso das mutuais que cobravam, eram preços acessíveis à condição desfavorecida dos subalternos, a escola noturna da Sociedade União dos artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, tinha preços para a realidade dos operários e divulgava rotineiramente em seu órgão de propaganda as ações da escola noturna, a necessidade da instrução para o operariado e a localização e horários das aulas.

No Maranhão, assim como no Piauí, as associações Mutualistas tinham essa preocupação, trocavam até mesmo experiências com outras associações da Europa, principalmente Alemanha, Estados Unidos e Inglaterra, onde segundo os membros das associações mutualistas a educação era o modelo ideal a ser seguido:

Nós não precisamos sair do Maranhão (Maranhã) para notar isso, já que aqui em nossa cidade nós temos evidências disso. Até doze anos atrás uma escola, onde adultos jovens pudessem se encontrar depois do horário comercial tanto para aumentar seu conhecimento quanto para se ajustarem melhor à vida comercial, era uma instituição desconhecida, mas agora o Maranhão está de igual com muitas cidades do Brasil que tem isso, e é esperado que os Diretores do <<Centro Caixeral>> vão encontrar o sucesso que seus trabalhos merecem. Não há razão para, que com paciência e perseverança, o Sistema Educacional nesta terra não deva ver o com sucesso dos Estados Unidos, Inglaterra e Alemanha. Que seu lema nisso, como em outras questões, continue a ser: <<Ordem e Progresso>>.<sup>30</sup>

Havia um sonho de elevação moral e intelectual da classe trabalhadora, o sistema educacional poderia proporcionar isso, o presente artigo fora publicado

---

<sup>30</sup>Tradução livre do Artigo originalmente publicado em Inglês “Youth and Self-Culture and Education pela Sociedade Mutual Centro Caixerial de São Luís, em seu jornal de propaganda Centro Caixerial em 19/02/1902

originalmente em Inglês e enviado a várias associações mutualistas da Europa e dos Estados Unidos.

A Sociedade Mutual Centro Caixeiral mantinha contato com as associações mutualistas Parnaibanas, essas conexões eram em grande parte trocas de livros, revistas, manuais de ofício, e artigos relacionados a educação operária. É curioso o fato de que essa preocupação com a instrução é algo muito forte dentro das mutuais de Parnaíba.

Toda essa discussão em torno da instrução e educação operária girava em torno da possibilidade do operário adentrar a política, votando ou sendo votado, ou até mesmo em uma ideia presente na época, de que com a elevação intelectual da classe a valorização social do operariado seria uma realidade.

Dentro dessas questões, haviam associações que além de uma experiência associativa ativa no campo político interno, e com ações destinadas a instrução e educação dos trabalhadores, discutiam a política de uma maneira mais funcional, traçavam estratégias para alavancar o operariado na política. Exemplo disso são duas associações do Maranhão, que em seus próprios nomes, demonstram tal preocupação.

O Centro Artístico Eleitoral Maranhense e a União Artística Operária Eleitoral Caxiense, demonstram em seus quadros a presença de figuras políticas da época, e a intenção de fortalecer candidaturas operárias, e candidaturas de homens comprometidos com a causa dos trabalhadores, fazem parte das duas associações carpinteiros, alfaiates, pequenos comerciantes, maçons, militares, e políticos identificados pelas associações como amigos do operariado.

A União Artística Operária Eleitoral Caxiense é uma irmã da sociedade Centro Artístico Eleitoral Maranhense, que funcionava curiosamente em São Luís, com sede na mesma rua que Sociedade Anexa a Irmandade do Glorioso São Benedito. A Sociedade Caxiense, que teve sua fundação influenciada pelo Centro Artístico Eleitoral Maranhense, mantinha uma escola noturna para o engrandecimento da classe trabalhadora, o nome escolhido para tal instituição de ensino, foi Nilo Pizon, um Alfaiate que fazia parte dos quadros de direção da sociedade mutual de São Luís, ocupando o cargo de Presidente em 1919.

O Centro Artístico Eleitoral Maranhense, teve sua fundação em 23 de outubro de 1900, e foi feito “para defesa e propaganda do movimento operário”<sup>31</sup> além disso;

---

<sup>31</sup> JORNAL DOS ARTISTAS, Órgão de Propaganda do Centro Artístico Eleitoral Maranhense. Maranhão 1 de maio de 1919, número 2 P1

O nome que tem, diz bem alto, o que ele vem a ser: \_ é Centro, por que é ele o ponto médio da esfera social operária, é Artístico, por que fora fundado para ministrar todas as artes; é Operário por que uma das suas bases fundamentais é dar á Pátria homens com responsabilidade e competência para trabalhar em prol dos grandes ideais para o seu engrandecimento, é Eleitoral. Porque é Político; É Maranhense por que é do Maranhão.<sup>32</sup>

É importante frisar que o espaço do associativismo operário na primeira república estava voltado para uma multifacetada atuação das sociedades mutuais, embora algumas assumissem feições políticas eleitorais, outras partes das atividades associativas da classe não eram esquecidas, isso em parte pode ser creditado as leis referentes a proibição da sindicalização da época, mas ainda, a influência das irmandades, das corporações de ofício no mutualismo no Brasil, e também da presença da maçonaria, tanto enquanto seus quadros maçônicos, que estavam presentes em muitas das associações de trabalhadores, além da influencia das lojas maçônicas no quesito da própria organização interna e funcionamento das sociedades mutuais.

A meu ver, se pegarmos um estatuto de funcionamento interno, uma espécie de regimento das lojas maçônicas no meio-norte do Brasil e as compararmos com os regimentos internos das sociedades mutuais, iremos perceber uma intensa proximidade, aparências e rumos que parecem compartilhados.

A própria circularidade de ideias e ideais, contatos operários que os trabalhadores do meio norte do Brasil, tinham com associações operárias de países da Europa, EUA, e outras partes das Américas, conota a facilidade que as lojas maçônicas tinham em se entrelaçar com irmãos de lojas pertencentes a mesma potência, nesse período, a potência que dominava nas Lojas de São Luís, Teresina, Parnaíba e Caxias era o Grande Oriente do Brasil.

Conseguí perceber diversos dirigentes de associações mutualistas pertencentes a Maçonaria, literalmente em todas as associações pesquisadas, encontro membros da sublime ordem. Acredito que essa é uma outra pesquisa que envolve outras questões que ainda esta por ser feita. Entretanto a noção dessa proximidade da maçonaria com as associações mutuais, nos clareia alguns detalhes da participação do mutualismo no campo político, como por exemplo na escolha de representantes para os subalternos;

---

<sup>32</sup> JORNAL DOS ARTISTAS, Orgão de Propaganda do Centro Artístico Eleitoral Maranhense. Maranhão 1 de maio de 1919, numero 2 P3

DEPUTADO CUNHA MACHADO Na capital do país, viu passar a data do seu aniversário natalício o nosso prezado amigo, o exmo. Sr. Francisco da Cunha Machado, nosso digno representante na Camara Federal, onde ocupa com reconhecida competência a cadeira de presidente da comissão de justiça. O exmo. Sr. Deputado Cunha Machado é uma das figuras mais representativas na política do nosso Estado. Ao venerando chefe político, o 'jornal dos artistas' envia, embora tardiamente, os mais sinceros cumprimentos, tornando-os extensivos a sua exma. dama e ao seu digno irmão, s. exc. O sr dr. Raul Machado, preclaro Presidente do Estado.<sup>33</sup>

O Deputado Cunha Machado fora escolhido para ser o representante da Centro Artístico Eleitoral Maranhense, isso indica que por tabela ele era ainda, o representante da coligada União Artística Operária Eleitoral Caxiense. Cunha Machado era maçom, e tinha grande influência e prestígio no Maranhão, nasceu em 1860 em São Luís, seu irmão foi presidente da Província, inciou sua carreira política ainda no Império, pelo Partido Liberal, foi chefe de polícia em São Luís, exerceu o cargo de promotor público em São Luís, Grajaú e Alcântara, juiz de direito em Brejo, desembargador do Supremo Tribunal de Justiça, e juiz substituto em São Luís. A carreira política de Cunha Machado foi interrompida após ele ter se tornado Senador da República, quando Getúlio Vargas chega ao poder em 1930, e extingue os órgãos legislativos do país.

Existem dois fatos importantes nessa relação de Cunha Machado com as sociedades mutuais que ele era representante.

- 1) Quando o Presidente Deodoro da Fonseca renuncia e seu Vice Floriano Peixoto assume, alguns presidentes de Província são destituídos, e colocados em seus lugares ou vice-presidentes ou na impossibilidade, juntas provisórias, isso ocorreu no período da primeira república duas vezes no Maranhão, dado circunstancias políticas locais na primeira vez o vice-presidente era Senador estava no Rio de Janeiro e não pode assumir, na segunda um Presidente colocado por Floriano Peixoto, por pressões de políticos locais renuncia, logo em seguida seu vice se recusa assumir. Nesses dois episódios entre 1891 e 1892, o Deputado Cunha Machado participa da junta provisória que governa o Estado do Maranhão, participam colo ele dessa junta outras pessoas, como na primeira vez o capitão-tenente Oton de Carvalho Bulhão, Benedito Pereira Leite e Raimundo Joaquim Ewerton Maia. Na segunda vez , fora presidida por Cunha Machado e composta ainda por Benedito Pereira Leite e Raimundo Joaquim Ewerton Maia. Nas duas

---

<sup>33</sup> JORNAL DOS ARTISTAS, Orgão de Propaganda do Centro Artístico Eleitoral Maranhense. Maranhão 1 de maio de 1919, numero 2

juntas estavam presentes, Cunha Machado e Benedito Pereira Leite, esse último é uma figura ativa no associativismo no meio norte do Brasil, participava de diversas associações mutualistas operárias, era um entusiasta da classe proletária em relação à política. Ocupava cargo na diretoria do Centro Artístico Eleitoral Maranhense, o que significa que essa associação detinha um capital político real e que um de seus quadros já havia chegado à presidência da província, mesmo embora por meio de uma junta provisória.

- 2) No segundo fato interessante, está a trajetória de Francisco Cunha Machado, que se assemelha com a maioria, se não toda a elite letrada (termo de Marcelo Mac Cord), no que diz respeito à sua formação intelectual, que fora aprofundada a nível de ensino superior na Faculdade de Direito do Recife, no período do final do século XIX. Todos esses participantes da imprensa operária, profissionais liberais, escritores, simpatizantes do operariado, maçons, militares do meio norte tem em sua esmagadora maioria a formação em comum nesse mesmo período na Faculdade de Direito do Recife. Esse fato é de extrema importância para o entendimento dessa ligação de jornais, troca de correspondências, artigos escritos e trocados de autores maranhenses e piauienses, o ambiente da formação desses intelectuais contribuiu para a unificação de algumas ideias. Há claros reflexos disto no campo político, a própria visão do campo político, os ideários sociais, foram apreendidos principalmente no Recife. Caso pensemos em Higinio Cunha, Zito Baptista, Saraiva Lemos do Jornal O Operário de Teresina, D. Bucelles e Benedito Saraiva Cunha de Caxias, Francisco Cunha Machado, Benedito Pereira Leite, Horacio Couto em São Luís e Thomaz Catunda em Paranaíba, todos esses são bacharéis advindos da Faculdade de Direito do Recife. O que de forma intensa, provoca a conexão operária no meio norte por laços de formação intelectual.

### **Jornais para o Mundo**

A circulação e conectividade operária no período, são refratárias da imprensa operária, entre 1900 e 1920 aparecem diversos jornais operários no Piauí e Maranhão. Esses jornais circulavam de maneira local, e também circulavam dentro do país de maneira intensa, uma pequena parte era enviado a outros países.

Jornais como A voz do Povo, do Rio de Janeiro visitavam as redações de jornais operários no Piauí e Maranhão, além de constantes trocas de notícias e votos de parabéns a algum operário, ou de algumas associações de um canto a outro do país. Não era raro que as notícias referentes ao mundo do trabalho circulassem em vários jornais com a mesma informação advinda da mesma fonte.

Existe uma problemática para a análise desses importantes meios de divulgação das associações mutualistas, a sua brevidade e a irregularidade de publicação. Os jornais operários eram mantidos por compras e pelos fundos das sociedades de socorros mútuos destinados a propaganda de engrandecimento da classe, porém com a grande rotatividade de Diretores, e as dificuldades financeiras de publicação, o que se percebe são publicações que no começo mantêm uma certa periodicidade, mas com o passar do tempo vai diminuindo o número de exemplares por mês – há casos de jornais que somem por um período devido a problemas financeiros e reaparecem novamente mais tarde, outros somem, ou diminuem as publicações para economizar recursos.

Um exemplo disso é o importante jornal operário intitulado O Artista, que era impresso na cidade de Parnaíba, O Artista órgão de propaganda da Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, o Jornal começa suas atividades em 15 de agosto de 1919, sob o comando de José Bezerra Leite, um pintor que presidia a União Progressista dos Artistas Liberais e mecânicos de Parnaíba. Enquanto o jornal esteve sob seu comando fora entendido que aquele órgão de propaganda era de extrema importância para a classe, devendo a mutual destinar recursos e esforços para o crescimento da folha dos subalternos, o jornal era enviado ao Maranhão, a São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Estados Unidos, Inglaterra entre outras localidades.

A folha logo em seu início serviu de meio para propagação dos objetivos pontuais da Sociedade União Progressista dos Artistas Liberais e Mecânicos de Parnaíba;

1º-- Pugar sempre pelo aperfeiçoamento moral e instructivo de seus associados. 2º--Salvaguardar a honra e integridade da família dos artistas e operários em geral. 3º--Defundir a instrução pelos menores aprendizes de artes e offícios, compreendido em trez ramos do saber: Leitura, Musica e Dezenhos. 4º--Velar pela estabilidade da União, Progresso, Paz e Concordia de seus associados. 5º-- Funcionar em prédio próprio e ter um mobiliário descente. 6º-- Manter uma banda de musica exclusivamente de artistas e operários. 7º Estender por todos os meios ao seu alcance a benefienciencia mútua e funerária ao sócio que cair na miseria e no infortúnio e desdita. 8º Ter um orgam da imprensa para propaganda e defesa da Sociedade União Progressista e da classe artística em geral. 9º Não tomar parte directa ou indirectamente nos pleitos eleitoraes nem adotar este ou aquelle partido político local. 10º Ajudar e proteger ao sócio que precizar de

valimento pecuniário para movimentar uma acção de trabalho que lhe rezulte lucros e o bem estar, de conformidade a uma lei estatuída para este fim. 11º-- A Sociedade União Progressista reger-se-a por uma Constituição Artistica Social e um regulamento interno. 12º-- Não farão parte da União Progressista, -- os artistas e operários, entregues ao vicio do jogo de azar e da embriaguez. 13º Sem autorização da Directoria, nenhum sócio da União Progressista poderá fazer parte de commisões para festas cívicas e religiosas. 14º Nenhum sócio da União Progressista poderá sahir desta cidade para outra sem previa licença da Directoria. [sic]<sup>34</sup>

Nas próprias palavras da União Progressista, muitos dos princípios da Sociedade constituem a necessidade de se ter uma folha de propaganda ativa, para que tais objetivos consigam êxito, como por exemplo o segundo tópico, onde algumas vezes a folha fora usada para tal, tanto em questão de explanação para o conjunto das autoridades da sociedade política e do patronato, como também em defesa dos subalternos, no primeiro caso;

A sociedade não só trará a classe a facilidade de poder expor as suas dificuldades as autoridades estaduaes e federaes de maneira mais official e digna de procuração como procurara salvaguardal-a de exigências torpes de capitalistas ambiciosos e grosseiros. [sic]<sup>35</sup>

No segundo caso, a questão era de cunho mais prático uma defesa mais objetiva dos subalternos, quando “Pedimos ao quitandeiro que mandou escoltar o nosso consocio Benedicto Pereira da Silva, que quando desejar tal violência communique ao nosso presidente, pois temos leis.”<sup>36</sup>

Nos dois casos a vocação para defesa do operariado através das paginas da imprensa dos subalternos fica em evidencia. Entretanto com o desenrolar dos processos eleitorais da União Progressista, assume sua presidência Thomaz Catunda, o que faz com que haja uma mudança, que segundo o novo presidente fará com que as edições do jornal O Artista diminuam devido a outros interesses que a associação deveria privilegiar.

Ao final dos anos 1910 e início dos anos 20 há uma ploriferação de jornais operários. Alguns apareceram ainda nos anos 1900, mas assim como surgem desaparecem, e as vezes voltam a aparecer de maneira bastante efêmera.

O jornal O Trabalho da sociedade Harmonia de Flores da cidade de Timon no Maranhão, era impresso na tipografia do Piauí, assim como outros jornais Operários de

---

<sup>34</sup> BASE PARA A FUNDAÇÃO. *O Artista*, Parnaíba, Ano1, n.1 15 ago 1919, p.1.

<sup>35</sup> MELIOS. *O Artista*. *O Artista*, Parnaíba, ano1, n.2, p.1, 07 set 1919.

<sup>36</sup> AVISO. *O Artista*, Parnaíba, Ano1, n.5, p.4, 18 jul. 1920.

Caxias, isso também ajuda a explicar as publicações de dirigentes de associações mutuais piauienses em Jornais operários do Maranhão e vice-versa.

Em 1906 surge em Teresina o jornal *O operário*, Tem como seu Redator-Chefe M. Saraiva Lemos, o jornal faz parte da iniciativa da Aliança federativa dos Obreiros do Piauí e do Centro Proletário de Teresina, ambas sociedades mutuais com intensos laços associativos com o Circulo Federativo Socialista dos Obreiros de Caxias, além de manterem intensa troca de correspondências, informações textos e artigos com mutuais de todo o Brasil, principalmente as associações assumidamente socialistas.

O jornal o Artista é talvez o primeiro a se auto-intitular no meio norte como socialista,

O movimento socialista que se opera agora em todo o universo, é a prova exuberante de que os humildes, os arrojados auctores da estatua do Progresso, trilhando o caminho da Verdade do Direito e da Justiça conseguiram se impor ao respeito e admiração de todas as classes sociais.<sup>37</sup>

A tradução desse ideário social em folha dirigida aos trabalhadores, é uma das funções que os redatores tinham em suas concepções intelectuais, do que era e do que deveria ser a imprensa operária;

A imprensa é em synthese e em toda extensão da palavra- a grande educadora dos povos. O jornal, o ousado paladino da Idea que symboliza a Verdade ensinando a humanidade corruptora a trilha fulgida do dever e do Trabalho foi o grande legado que ao mundo civilizado trouxe o grande Gutemberg.[...] A Imprensa é o ágape supremo onde ao lado da idea de Fé, bebemos o falerno das doutrinas sãs. O jornal- é o campo vasto, onde e trava o combate brilhante do Bem vencendo o Mal. O Jornalista é o guerreiro homérico, patenteando dois baluartes- a Força e a Perseverança.<sup>38</sup>

A noção forte que a imprensa era uma educadora dos povos, transforma o papel da imprensa operária, em uma espécie de relação pedagógica, onde obviamente poderiam haver embates, esses sempre entre as concepções de mundo mais negativas no entendimento dos redatores, e as concepções mais positivas, cabia assim o jornalista vencer tal batalha. Isso explica a maneira como o jornal *O Operário* encara correntes operárias adversárias, os embates, as polêmicas se disseminavam em ambiente aberto pelas páginas da imprensa.

---

<sup>37</sup> Discurso publicado proferido por Zito Baptista no dia 1º de Maio de 1906 no Piauí

<sup>38</sup> PINTO, Sousa. A imprensa. *O Operario*, Teresina, ano1, n. 15, p.1, 23 jun. 1906.

A cultura operária de uma imprensa dos trabalhadores, estava presente também em associações do Maranhão, o *Jornal dos Artistas* de São Luís simboliza a força que a imprensa operária no meio norte tinha em respeito de penetração para além dos limites federativos, a constante recepção de outros jornais e o envio de jornais a outras associações de todo o país, são amostras da importância dos órgãos de propaganda na construção de uma auto identificação, que transpassa o ambiente geográfico restrito.

Entretanto, a defesa local do operariado era algo eminente nas páginas dos jornais, evidente que o princípio da defesa operária era algo compartilhado nas diversas associações e seus órgãos de propaganda. No *Jornal dos Artistas* em uma coluna que vem intitulado *A escravidão na capatazia*;

sabemos que os senhores vigias e fiscais desse departamento de trabalho do Estado vivem por um capricho que não se compreende, a perseguir os trabalhadores seus subordinados nossos associados, para esse fato revoltante chamamos a atenção do Senhor ilustre Coronel secretário da fazenda a fim de que os homens que procuram honradamente ganhar o pão de cada dia possam fazer com a liberdade que os regulamentos desse departamento diz facultar.<sup>39</sup>

A reclamação em questão diz respeito a trabalhadores do Estado, pertencentes aos quadros da associação, nesse caso a imprensa impulsiona um pedido, consegue dar voz e até mais força e visão a algo que rotineiramente vem ocorrendo em prejuízo aos trabalhadores.

Seguindo nesta mesma linha de reclamações o jornal dos artistas abria espaços para que os trabalhadores por si próprios reclamassem alguma questão referente a relação capital – trabalho. Caso emblemático é o do oficial de Pedreiro, Francisco Abel de Azevedo que ao publicar um texto no *Jornal dos Artistas* reclama da forma como fora tratado por um patrão, o pedreiro afirma que;

Não era quem o doutor julgava para ser afrontado em suas toscas frases e repudiado de uma maneira tão rude tão boçal como fui vítima, resultando enfim a minha expulsão de uma obra que jamais pensara na vida, já como um pai de família que tem sabido manter a minha reputação já como um artista que tenho elevado o meu caráter nas missões que me têm sido confiadas e agora afrontado numa linguagem mal ensinada completamente esquecida das dezenas de anos ---  
-----.

---

<sup>39</sup>JORNAL DOS ARTISTAS, Órgão de Propaganda do Centro Artístico Eleitoral Maranhense. Maranhão 1 de maio de 1919, num 2, p 2

O sentimento de revolta externado era uma possibilidade que a associação mutual permitia a seus associados, o poder da palavra escrita, na forma de um protesto público tinha muita força, talvez um jornal que tenha conseguido unificar os sentidos da imprensa operária no meio norte fora o Jornal *O Trabalho*, órgão da Sociedade União artística Operária eleitoral Caxiense;

os operários de Caxias representados por um grupo de membros devotados a causa própria proletária resolveram fundar este jornal ciente de que a propaganda pacífica é ainda hoje o meio mais salutar e se realizar um objetivo determinado ciente de que as ideias quando amparados por uma vontade firme uma resolução calma fazem conquistas mais duráveis do que as vitórias perigosas e efêmeras da força material. Os nossos Operários resolveram convergir os seus esforços na propaganda e defesa dos interesses da classe, esse jornal será uma válvula por um de nós outros homens do trabalho<sup>40</sup>

Logo no momento da fundação do jornal, é enfatizada a força das ideias, e a noção do jornal como válvula, algo que será usado para atingir os fins de conquistas mais consolidáveis, sempre em defesa do que entendiam como classe. Essa defesa permitia a comparação a outras realidades a troca de informações, e próprio envios dos jornais operários para o resto do mundo.

### **Historiografia e Mutualismo**

*Para quem se aproxima pela primeira vez da história do Brasil na décadas de 20 e 30, a tarefa interpretativa parece sobre-humana. Tudo ali é obscuro; as questões são incompreensíveis, os caminhos trilhados pelas classes sociais sugerem veredas sinuosas*

*Marilena Chauí*

*No capitalismo a classe é uma realidade histórica*

*Eric Hobsbawm*

O estudo das sociedades mutuais de trabalhadores no Brasil é relativamente ainda pouco abordado pela historiografia, se considerarmos a quantidade de associações mutualistas existentes principalmente no século dezenove, e primeira metade do século XX. Até o presente momento, inexistente trabalho referente ao mutualismo no Maranhão.

---

<sup>40</sup>O TRABALHO, Caxias 1 de jan de 1920 n 1, p1.

A quantidade expressiva de organizações de trabalhadores no império e no período da república, com as mais diversas formatações em suas composições formas e caráter, e a presença dessas agremiações até os dias presentes dá o rumo de que há muito ainda avaliado pela pesquisa histórica.

Dentro do campo de estudos do Mutualismo há um tema que parece um desafio a parte. Como compreender as “ambíguas”, “verticais”, “horizontais” relações do mutualismo com o estado?

Como tema recente em certo sentido, poucos se aventuraram a refletir sobre tal problema, um dos motivos talvez para a ausência de discussões mais aprofundadas sobre esse ponto, provavelmente se dê pelo fato dos estudos do mutualismo, embora em uma expansão considerável, não terem consagrados conceitos e modelos interpretativos próprios e adequados às descobertas empíricas das, relativamente poucas pesquisas existentes. O paradigma da relação mutual-Estado é um ponto de difícil acesso devido ainda a complexidade já supracitada das formas de mutualismo no Brasil.

Meu trabalho ainda que não tenha por objeto tal questão, tenta trazer algumas contribuições interpretativas para esse problema, tendo como horizonte central a problemática classe trabalhadora, associativismo e a relação mutuais-estado - a luz de reflexões que deem conta de refletir o caráter do Estado e do Associativismo mutualista. Isso devido ao fato de que vislumbro as sociedades operárias mutualistas no Brasil, especialmente no Nordeste brasileiro, em suas correlações de força com o Estado Brasileiro, para isso retorno um pouco ao período final do Império e sigo até alguns meados da República.

Parto da idéia de entendimento de um Estado Integral, procuro dessa maneira lançar questionamentos sobre as sociedades mutuais de trabalhadores, apreendidas em seus momentos de relações mais evidentes com estado brasileiro, essa dialética mutuais-estado seguindo um tom mais analítico, de embates entre frações da sociedade civil e sociedade política.

Tento entender em um sentido mais conceitual, as sociedades mutuais como sendo organizações da sociedade civil, dotadas de “vontade coletiva organizada”, um grupo social que estava inerte no jogo da hegemonia, e participava como protagonista das possíveis crises de hegemonia na sociedade civil, já que nesse trabalho em diálogo com outros e com o próprio Gramsci, traz a idéia de sociedade civil sendo percebida como base que institui o próprio conceito de estado.

Na obra *Os Intelectuais e a organização da cultura* o filósofo Antonio Gramsci define o Estado como sendo “todo o conjunto de atividades teóricas e práticas com as quais a classe dirigente justifica e mantém não somente a sua dominação, mas também consegue obter o consenso ativo dos governados”.

Dominação e consenso, são palavras aparentemente distintas, aparecem aqui em uma mesma frase de aparente incompatibilidade. Entretanto, Gramsci consegue perceber a dominação por parte do estado para além de uma estrutura repressora de aparato físico, militar e econômico. Na posição intelectual do Filósofo Italiano, a dominação é uma disputa pela hegemonia do campo social, disputa essa, que faz parte do jogo ideológico, cultural, político e econômico. Dessa forma, a idéia para se compreender o Estado, atravessa na obra do autor, a idéia de apreensão da figura e estrutura do estado como algo *integral*, ou da maneira que também aparece em alguns de seus textos, como sendo um estado *ampliado*.

Antonio Gramsci percebe que a própria configuração do estado é composta por frações. Partes da sociedade civil, a quem vou identificar (de forma apressada) como o povo, os trabalhadores, os subalternos. Já as frações da sociedade política, podem ser entendidas como frações historicamente de dominantes (sem que isso nos leve a um maniqueísmo simplificador, pelo contrário).

Por esse caminho, que amplia o conceito de estado em Gramsci, e consegue unir dominação e consenso em uma mesma frase, acarreto a idéia de que a dominação faz-se em um jogo complexo de busca por um consenso entre sociedade civil e sociedade política, o consenso ativo é uma disputa, que abrange a luta se classes, essa luta entre as classes está presente em diversos níveis e locais de embates, por exemplo no campo educacional, intelectual, artístico e também na relação capital-trabalho como um modo mais evidente. Então, é de dentro de todas essas lutas, nesses processos sociais complexos que abrangem todas as camadas do Estado, que surge a hegemonia.

A Hegemonia em Antonio Gramsci é um conceito difícil, uma chave de entendimento do social, que se quer a algo relacional, um processo ativo, o filósofo a entende como fruto de um jogo de disputa constante, e que deve ser percebido não como algo dado, ou apenas conseguido pela força, mas também pelo consentimento, que é intensamente disputado nos vários campos citados acima.

Em uma carta escrita a Tatiana, em 1931 o filósofo afirma:

[...] eu amplio muito a noção de intelectual e não me limito à noção corrente, que se refere aos grandes intelectuais. Esse estudo também leva também a certas determinações do conceito de Estado, que habitualmente é entendido como sociedade política (ou ditadura, ou aparelho coercitivo para adequar a massa popular a um tipo de produção e a economia a um dado momento); e não como equilíbrio entre a sociedade política e sociedade civil (ou hegemonia de um grupo social sobre a inteira sociedade nacional, exercidas através de organizações ditas privadas, como a igreja, os sindicatos, as escolas, etc.), e é especialmente na sociedade civil que atuam os intelectuais [...] (GRAMSCI, 2005, p. 84)

Justamente essa amplitude do conceito de intelectuais, que traz também uma nova determinação do conceito de Estado, é o que me possibilita pensar no conceito Gramsciano de hegemonia, e de equilíbrio entre sociedade civil e sociedade política, aquela que é exercida através de organizações privadas, o que me ilumina na compreensão primeira, do Estado e sua relação com as sociedades mutualistas, pois eram órgãos privados.

Ao partir para um estudo, com essa concepção de Estado em Gramsci, confesso certo desconforto, pois ainda que no início de uma vida acadêmica de pesquisas relacionadas ao mundo do trabalho, tento me inserir nos estudos da história social do trabalho, mais especificamente no campo que reflete sobre o mutualismo. Nessa área atualmente, são poucos os estudos mais recentes que se propõem a utilizar as reflexões de Antonio Gramsci - não é comum, estudos com reflexões voltadas para o filósofo, na área mais ampla da história social do trabalho atual, e tampouco na área de estudos sobre mutualismo.

Nesse aspecto, não sinto apenas um desconforto como também uma dificuldade de construir um texto de maneira mais fluida, onde a teoria e os conceitos que me proponho a empregar, pudessem aparecer diluídos no corpo da própria análise empírica. Não consegui realizar tal empreitada, pois percebo a necessidade de primeiro localizar alguns aspectos das reflexões teóricas e metodológicas que escolhi, haja visto que não é usual refletir as relações das sociedades mutualistas com o Estado, e ainda menos quando pensadas em uma perspectiva da filosofia da práxis de Gramsci.

Optei por explicar algumas idéias de Gramsci de maneira inicial, para em seguida refletir um pouco, de maneira breve sobre o rumo dos estudos do mutualismo no Brasil, e na segunda parte elucidar algumas questões sobre as ordenações do Estado brasileiro e sobre a maneira como algumas associações mutualistas se relacionavam com o Estado, para na parte final deixar algumas reflexões, apenas iniciais sobre a relação mutualismo - Estado na possibilidade de se pensar com a obra de Gramsci.

Nos estudos recentes sobre mutualismo no Brasil, segundo Cláudio Batalha existe:

das sociedades de auxílios mútuos adota dois enfoques distintos – em princípio, não contraditórios – para lidar com essas organizações. Um concebe o mutualismo como um fenômeno mais amplo e pluriclassista e o outro prefere interpretá-lo como uma das formas de organização dos trabalhadores. O primeiro privilegia a dimensão propriamente mutualista/previdenciária dessas organizações, ao passo que o segundo está mais atento para os aspectos que transcendem o mutualismo e que estão presentes nas intenções e nas práticas das associações. (BATALHA, Claudio. 2010, p.13)

Marcel Van der Linden traz algumas definições do Mutualismo, concernentes a sua preocupação com o global, entre elas, “O termo mutualismo se refere a todos os sistemas voluntários, nas quais as pessoas contribuem para um fundo coletivo, que é, no todo ou em parte, pago a um ou mais dos contribuintes segundo regras específicas de alocação”. (VAN DER LINDEN, Marcel. 2013, P.95)

A definição de mutualismo de Van der Linden é bastante ampla, para alguns até mesmo vaga e genérica, porémpartindo desse pressuposto posso considerar juntamente a definição de Van Der Linden, as Sociedades Mutualistas, e o mutualismo como sendo uma espécie de aparelho privado, que se encontra no campo da sociedade civil, que é coletivo, e que está inerte no jogo da hegemonia pois muitas vezes tenta influenciar pleitos eleitorais, nomeação de cargos públicos, lança até mesmo candidatos – quanto a questões na esfera intelectual, maioria das sociedades mutuais no Brasil detinham jornais de propaganda, mantinham escolas com professores e cartilhas próprias e próximas as sua concepções de projetos de sociedade.

Por alguns desses poucos aspectos apresentados, é notório a participação das sociedades mutuais no Brasil na vida pública, um dos motivos talvez por terem sido desde os seus nascimentos no século XIX, muito reguladas juridicamente pela sociedade política, em uma expressão de Marcelo Mac Cord estavam “Sob vigilância imperial”.

Marcelo Mac Cord ao analisar o mutualismo no século XIX, volta o seu olhar para a vigilância imperial e o clima de mudanças ocorridas no Império a partir da segunda metade do século XIX, segundo o historiador circulavam algumas discussões pelo poder legislativo do estado imperial, para tentar traçar algumas reformas, uma influencia dos pressupostos liberais e da concepção de estado de Adam Smith, que se espalhava pelos países ocidentais, o modelo smithiano visava cada vez mais vigilância e discussões a respeito do mundo do trabalho, especificamente da relação capital-trabalho, nesse sentido;

Como resultado destas discussões, foram aprovadas pelo poder central a Lei de número 1.083 (de 22 de agosto de 1860) e o Decreto de número 2.711 (de 19 de dezembro de 1860), que regulamentava aquela lei. Estas regras preconizavam uma forte vigilância sobre a livre iniciativa nas vidas financeira, econômica e associativa do país. Especificamente sobre este último aspecto, determinou-se que as chamadas “sociedades” (recreativas, religiosas, profissionais, artísticas, beneficentes etc.) teriam que obedecer a uma série de requisitos legais. Somente assim essas entidades garantiriam sua existência oficial e, conseqüentemente, seu funcionamento cotidiano.<sup>41</sup>

Essa lei de 1860 é o primeiro demonstrativo de um embate da sociedade política incidindo sobre as sociedades mutuais. A tentativa de regulamentação e vigilância serão percebidas em vários momentos no Império bem como na República.

De maneira inicial essa lei já trazia a obrigatoriedade da aprovação do estatuto de qualquer sociedade mutual pelo governo imperial, nas províncias essa missão ficava na responsabilidade do respectivo presidente, o que corroborava para que a vigilância fosse realizada de maneira mais pormenorizada.

Um ponto importante que Mac Cord destacou fora o artigo 31, intitulado “Das Sociedades de Socorros Mútuos”, pois exigia que as associações funcionassem “unicamente por objeto prestar auxílios temporários aos seus respectivos sócios efetivos nos casos de enfermidade ou inutilização de serviço, e ocorrer, no caso de seu falecimento, às despesas do seu funeral”<sup>42</sup>.

No Brasil existem relatos de sociedades mutuais que extrapolam tais ordenações, sociedades que participam politicamente da vida social, participam da vida educacional de seus sócios e também em lutas por direitos, nessa via é nítida uma tentativa do Estado Imperial em moldar o que deveria ser e como deveria se comportar uma associação de trabalhadores de caráter mutual, talvez nesse aspecto caiba mais uma vez trazer na perspectiva de Antonio Gramsci a noção de que o estado ampliado, ou integral é “todo complexo de atividades práticas e teóricas com o qual a classe dominante não somente justifica e mantém seu domínio, mas procura conquistar o consentimento ativo daqueles sobre os quais exerce sua dominação” (GRAMSCI, 2000, p. 244).

---

<sup>41</sup> MAC CORD, Marcelo. 2013, P129

<sup>42</sup> Arquivo Nacional (AN), Rio de Janeiro, *Collecção de Leis do Império do Brasil de 1860*, tomo XXIII, parte II, p. 1134.

A lei aprovada em questão, não traz apenas a força de sua aplicação, mas traz também uma realidade em que a partir daquele momento, a sociedade civil passa a se aproximar da sociedade política, e para desenvolver suas funções necessitará (pelo menos caso queira seguir na legalidade) da tutela e do consentimento do estado, e esse consentimento passa a ter uma lógica mais próxima ainda quando adquire um caráter federalista, já que cada presidente de província na condição de representante do poder do Imperador, poderá ou não aprovar tais estatutos.

Empiricamente em muitos estudos vimos que as sociedades mutuals desse período de vigência dessa lei transcenderam e até transgrediram tais ordenações, entretanto havia de se manter uma aparente boa relação com o Estado, para que pudessem realizar suas atividades, essa lógica perdurou até o início e meados da república.

Embora o controle sobre o mutualismo perceba-se mais intenso no período Imperial, essa tentativa constante, a existência do embate entre Estado e sociedades mutuals, é hoje um tema desafiador não somente no período imperial como no período da República. Existem vários indícios empíricos da presença de políticos na primeira República dentro de sociedades mutuals, representantes do estado, até mesmo governadores de províncias, todas essas conotações empíricas tem gerado uma série de debates a respeito da relação do Estado com as mutuals, e assim relativizado a idéia das sociedades mutuals serem consideradas organismos capazes de expressar uma cultura, ou consciência de classe dos trabalhadores, uma vez que alguns dos representantes da sociedade política adentram os quadros de tais associações.

A Historiadora Claudia Viscardi afirma que; “Parece haver um consenso entre os estudiosos recentes sobre o tema de que as mutuals não se construíram em espaços de resistência dos trabalhadores contra os abusos do capital.” (VISCARDI, Claudia.2010, p. 31.) De forma mais incisiva, a historiadora afirma sobre o próprio uso da classe enquanto potencial instrumento metodológico;

apesar do argumento parecer convincente, tal abordagem deva ser antecedida de uma discussão prévia acerca da pertinência do uso de referências classistas para o estudo do mutualismo. Não se trata de negar a existência de classes, mas de repensar seu potencial analítico para o entendimento desse fenômeno associativo, que ploriferou no Brasil entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX<sup>43</sup>

---

<sup>43</sup> VISCARDI, Claudia. 2010, p. 31

As dificuldades que os historiadores do mutualismo enfrentam em pensar o fenômeno em si, se dar pela sua própria complexidade enquanto fenômeno social, a sua amplitude e sua feição democrática. Por isso várias interpretações e visões ficam as vezes distantes umas das outras quando refere-se a questões teóricas e metodológicas do estudo do mutualismo.

Discordo da Historiadora Claudia Viscardi, inicialmente penso que devemos sim utilizar referencias classistas e as considero pertinentes, mas concordo com a necessidade de se, repensar tal concepção de classe e ampliar esse debate. Justamente nesse sentido que trago ainda de forma inicial essa possibilidade de pensarmos com Gramsci o fenômeno das mutuais. Dessa maneira que possamos refletir tanto a classe em sentido thompsoniano, bem como trazer um entendimento de classe e de aparelho privado de hegemonia no sentido Gramsciniano, vislumbro que assim possamos aumentar nosso potencial analítico.

Não pretendo de maneira alguma trazer um modelo fechado para uma discussão tão vasta e complexa, o que pretendo é trazer para um ponto crucial do mutualismo uma discussão teórica que me parece pertinente, a medida que estamos com dificuldades para pensar as relações ambíguas do mutualismo com o estado.

Em casos empíricos especificamente, podemos perceber algumas dessas dificuldades.

Na primeira república por exemplo, existiam diversas associações de trabalhadores de caráter mutualistas espalhadas pelo Brasil, no Rio de Janeiro a sociedade operária de cunho mutual, União Operária do Engenho de Dentro, teve por muitos anos a sua frente, seu presidente Pinto Machado, a UOED desenvolveu diversos projetos assistenciais, construção de casas, socorro a vítimas de acidentes de trabalho, manteve escolas de caráter socialista, encampou lutas políticas como a luta pelas 8 horas diárias, dentre muitas outras realizações, assim como grande parte das associações no Brasil da época, a UOED tinha sua rede de relações com outras sociedades de trabalhadores, espalhadas pelo Brasil e até mesmo de outros países.

Uma dessas associações agremiadas a UOED, era a Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, que mantinha escola operária, realizava ações de caráter assistencial, detinha em seus quadros ilustres membros da elite letrada local, bem como membros da

administração do estado, e também mantinha um jornal de propaganda operária, que se traduzia como um palco para as aspirações do socialismo e do mutualismo da época.

No primeiro de Maio de 1906, coube para a Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, a organização da festa do primeiro de Maio. E nesse âmbito já havia se passado o primeiro congresso operário brasileiro, onde fora decidido a maneira como as associações deveriam comemorar o primeiro de maio, e o que aquela data deveria simbolizar para tais associações.

Assim em uma edição do jornal O Operário em 1906, o instrumento de propaganda da AFOP, traz a seguinte indignação, com respeito a outra associação de trabalhadores de caráter mutual, :

Dizer que o „Operário“ é pasquim é desconhecer as leis do país em que habita e a língua da terra em que nasceu[...]Pois saiba o „Operário“ Pinto Machado, que o Governador do Estado é amigo dos operários de sua terra, e que antes, como depois da criação da „Aliança“, os operários do Piauí não são vítimas de perseguição das autoridades judiciais e policiais, sem terem, aliás, compromisso político ou ligação com o partido governista<sup>44</sup>

A indignação por parte da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, veio do fato do Presidente da União Operaria do Engenho de Dentro, o operário Pinto Machado tecer duras críticas a AFOP, por sua proximidade com o governador do Estado do Piauí, bem como saudá-lo no dia da festa do primeiro de Maio, para Pinto Machado tal atitude demonstra insensatez, incongruência com a luta operária.

Porem o que nos complica mais ainda é o fato da afirmação dos próprios dirigentes da AFOP, de que o governador do estado do Piauí é “amigo” dos operários de sua terra. Aqui nos dificultaria muito essa compreensão, pois um membro da sociedade política representante máximo do poder do Estado Republicano, é amigo dos membros da sociedade Civil.

A possibilidade de se pensar na perspectiva de Gramsci a relação Mutual – Estado estaria totalmente desacreditada nesse cenário empírico?

Acredito que não. Penso ser nesse ponto a maior necessidade das reflexões de Antonio Gramsci, se percebermos mais apuradamente, em alguns trechos da citação os

---

<sup>44</sup> O OPERARIO. 1906 P,1

membros da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, será possível visualizar a importância de se pensar tais relações complexas;

1) Quando é afirmado que “antes como depois” da criação da sociedade o governador é amigo dos operários - por saber empiricamente que a Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí é fundada ainda no Império, e que portanto estava inerte naquelas ordenanças já citadas neste texto, vislumbro a noção de que essa sociedade mutual foi forjada, teve seu nascimento sob uma forte vigilância do estado, assim tem suas peculiaridades nesse contexto pois surgiu em um mundo dado, em que o estado tenta controlar os grupos, os aparelhos privados de hegemonia.

2) No quesito seguinte, os membros da AFOP justificam tal ligação com o governador, e a fórmula proveitosa que a associação detém por ser amiga do governador, “não é perseguida nem por autoridades jurídicas nem policiais”, nesse ponto há uma evidente vantagem em um equilíbrio de forças, pois não há apenas uma amizade ingênua uma relação simples estado-mutual, mas existe benefícios. Gramsci chama a atenção para a maneira como se estabelece a hegemonia e o domínio que nem sempre é com o uso da força, mas também de outras maneiras se obtém um consenso que é ativo.

3) A afirmação final é verdadeira, a aliança federativa dos obreiros do Piauí não toma parte em nenhum pleito político. O que demonstra o jogo de hegemonia, o equilíbrio entre sociedade civil e sociedade política, o funcionamento bem como as atividades desempenhadas pela AFOP dependiam diretamente de uma relação de forças com o estado como figura completa e integral, e não somente com um representante político.

Nesses sentidos apresentados, encerro minha reflexão ainda de caráter inicial, que se pretendeu responder algumas questões pertinentes as relações mutuais-Estado. Assim como fora apresentado não são relações fáceis, exigem cuidados metodológicos, necessitam de uma perspectiva que dê conta de capturar tamanha abrangência e aparentes contradições. Por isso essas relações carecem de uma maior atenção por parte da historiografia brasileira do trabalho, que creio eu, pode se beneficiar com a incrementação das reflexões de Gramsci para pensar o estado, talvez não somente no caso do mutualismo, mas de outros campos de estudo dentro da perspectiva da História Social do Trabalho.

Os conceitos de Sociedade Civil e Sociedade Política como parte de um jogo, uma disputa pela hegemonia do tecido social, concebem de maneira primeira, a figura do Estado, como um Estado ampliado, na idéia de que essa estrutura do Estado tanto Imperial, quanto posteriormente na primeira República é composta por agitações, embates e correlações de força. As leis e as ordenanças desde 1860, trazidas por Marcelo Mac Cord são um exemplo dessa configuração de disputas pelo controle das relações sociais.

Não esquecendo de entender as sociedades mutuais como também parte desse estado ampliado, estando na sociedade civil e sendo um aparelho privado de hegemonia. Posso entendê-las como aparelhos privados de hegemonia por que primeiramente são privadas, são entidades coletivas de natureza jurídica que detém certa democracia interna, entretanto são privadas, e demonstram desde o século XIX que para além de funções assistências, fizeram-se palcos demonstrativos das lutas operárias no Brasil, embora com todo um aparato repressor e vigilante da sociedade política.

Como Aparelho privado de hegemonia as sociedades mutuais no Brasil, em sua grande maioria lutavam por direitos, por auxílios, por segurança estrutural, por trabalho digno.

Algumas também lutavam pelo socialismo , outras pelo anarquismo, mas também lutavam por instrução, pois em sua grande maioria as sociedades mutuais que mantinham escolas noturnas para operários e operárias, escolas para os filhos dos operários - as mutuais também lutavam pelo direito de se rebelarem, até mesmo com greves, no Piauí por exemplo existem relatos da participação de sociedades mutuais em greves.

As sociedades mutuais lutavam ainda pelo próprio direito de organização, uma vez já citada as formas de se conseguir manter uma sociedade mutual desde a sua fundação, até o seu funcionamento, dependia de muitas nuances jurídicas e políticas, nesses sentidos a necessidade da lutas por organização era constante, já que estavam inertes em um jogo de disputas pela hegemonia do tecido social. O que refletia em algumas associações na busca por incentivar uma formação associativa própria;

Art. 4. Os professores se esforçarão sobretudo, em formar o caráter dos seus alunos nas regras e de uma moral sã e estável , impelindo-os ao amor a pátria e a virtude, e uma perfeita compreensão dos deveres individuais, sociais e

políticos.(...) visando sempre desenvolver-lhes a inteligência e prepará-los lentamente para um socialismo racional e humanitário.<sup>45</sup>

Na historiografia é possível a identificação dessa idéia nas mais diversas regiões do país. A historiadora Rafaela Leuchtenberger, percebeu em Florianópolis, que:

Grande parte das associações, assumia, desde a sua fundação e já na elaboração de seus estatutos, um discurso moralizador, buscando orientar o comportamento de seus sócios e interferir em suas condutas pessoais. Tal conjunto de indicações possuía inúmeras motivações e intenções, expondo-se nas mais variadas formas, que iam desde definições estatutárias até a elaboração de campanhas disciplinadoras<sup>46</sup>

Essa observação de Leuchtenberger possibilita resultados que ampliam o entender das diversas tentativas de influenciar espíritos, dentro das sociedades mutuais<sup>47</sup> e suas relações com os trabalhadores<sup>4849</sup>. É observável naquela fonte, outra conotação de disciplina, uma parcela que remetia a tentativa de atrelar as mutuais ao Estado.

Por esse trecho do estatuto também é nítida a existência de muitas nuances referentes a esse auto-identificar-se operário, no nível da feição interna dessas organizações, e o forjar-se de uma identidade de classe, no bojo da própria luta de classes.<sup>50</sup> Estar atento a essas complexidades direciona o pesquisador do mutualismo brasileiro na vertente historiográfica, a não “propor uma história institucional em termos tradicionais, mas de possibilitar uma história social mais rica”<sup>51</sup> que possibilite o entendimento do fenômeno do mutualismo. Partindo da constatação que

---

<sup>45</sup> CENTRO PROLETÁRIO. A instrução no Centro Proletário. Teresina: Libre Papelaria Veras, 1909, p.15.

<sup>46</sup> LEUCHTENBERGER, Rafaela. *A influencia das associações voluntárias de socorro mútuos dos trabalhadores na sociedade de Florianópolis (1886 – 1931)* in: BATALHA, Cláudio; MAC CORD, Marcelo. (Orgs.). *Organizar e Proteger*. Trabalhadores, Associações e Mutualismo no Brasil (Séculos XIX E XX). Campinas, Editora da UNICAMP, 2014, p, 231.

<sup>47</sup> A sociedade mutual em questão intitulada Centro Proletario de Teresina, funcionou durante quase todo o recorte proposto. Manteve uma escola de cunho socialista reformista para os filhos dos seus sócios e também de outros operários.

<sup>48</sup> Essa e outras documentações e trechos inéditos, revelam as sociedades mutuais como verdadeiros palcos, construtivos e constitutivos de diversas consciências próprias dos trabalhadores, que eram sempre muito heterogêneas e ao mesmo tempo remetiam a uma retórica classista muito forte, uma retórica de unidade, que pode ser constatada pela imprensa operária do período.

<sup>49</sup> Esse argumento fora amadurecido na monografia, e percebido nos jornais operários *O Operário* e *O Artista*. Cf. FREIRE S. JÚNIOR, Leôndidas, 2013. p. 31.

<sup>50</sup> In: TRINBERGER, Ellen, K. E. P. THOMPSON: Understanding the process os history” in: Skolpol, Thelda Ed. *Vision an method in History Sociology*. Nova York, Cambridge University Press, 1984,p.221.

<sup>51</sup> BATALHA, Cláudio. *Vida associativa: Por uma História Institucional nos estudos do movimento operário. Anos 90: Porto Alegre, n.8, dezembro de 1997.*

O estudo do mutualismo permite que a investigação sobre os trabalhadores de determinado local e período ganhe contornos mais dinâmicos e complexos. Isso ocorre porque as associações mutualistas podiam ser criadas por diferentes grupos sociais, administradas por diversos agentes históricos e podiam ter um quadro de associados variado, oferecendo múltiplos benefícios e serviços.<sup>52</sup>

Justamente por toda essa amplitude no caráter do próprio mutualismo, existe a necessidade de pensá-lo metodologicamente de maneira mais abrangente e unido a empiria. A discussão sobre mutualismo defendida nessa pesquisa é realizada na perspectiva da história social do trabalho<sup>53</sup>. Campo que “vem demonstrando que setores das classes subalternas exigiram direitos por intermédio de irmandades, festas, capoeiragem, tradições africanas, ações de liberdade etc.”<sup>54</sup>. Assim o problema central da presente escrita, de como se deu o desenvolvimento histórico do associativismo mutualista, necessita de reflexões que amparem a amplitude de procedimentos de investigação empírica e também teórica, ao que se refere o associativismo operário.

Desde a década de 80, e até mesmo antes, ainda em 70<sup>55</sup>, e principalmente na década de 90, existem no Brasil produções de trabalhos bastante relevantes acerca não só de fenômenos mutuais, mas renovações nos estudos de experienciais sindicais<sup>56</sup>.

Novos estudos referentes ao Anarquismo<sup>57</sup>, estudos sobre socialismo<sup>58</sup>, e de outra perspectiva, se alargou os campos de estudo para o século XIX<sup>59</sup>, em busca dos primórdios da classe trabalhadora Brasileira e suas organizações, houve um alargamento também nos

---

<sup>52</sup> NOMEINI, Paula. *O mutualismo e seus diversos significados para os trabalhadores campineiros nas primeiras décadas do século XX*. In: BATALHA, Claudio; MAC CORD, Marcelo. (Orgs.). Organizar e Proteger. Trabalhadores, Associações e Mutualismo no Brasil (Séculos XIX E XX). Campinas, Editora da UNICAMP, 2014 p. 249.

<sup>53</sup> A luz de algumas correntes historiográficas que serão analisadas mais a frente no projeto.

<sup>54</sup> MAC CORD, Marcelo. *IMPERIAL SOCIEDADE DOS ARTISTAS MECÂNICOS E LIBERAIS: Mutualismo, Cidadania e a reforma eleitoral de 1881 no Recife*. in: BATALHA, Claudio; MAC CORD, Marcelo. (Orgs.). Organizar e Proteger. Trabalhadores, Associações e Mutualismo no Brasil (Séculos XIX E XX). Campinas, Editora da UNICAMP, 2014,p.181.

<sup>55</sup> Obras dos brasilianistas, como exemplo a importante obra empírica de Michael Hall e Paulo Sérgio Pinheiro. HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo S. *A classe operária no Brasil documentos 1889-1930: O movimento operário*. São Paulo: Alfa-Ômega, v. 1, 1979.

<sup>56</sup> COSTA, Hélio da. *Em busca da memória: Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Scritta, 1995.; MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos: Rio de Janeiro(1955/1988)*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.

<sup>57</sup> Neste grupo de renovação historiográfica, pode-se citar Edilene Toledo, Carlo Romani, Alexandre Samis entre outros.

<sup>58</sup> SCHMITT, Benito Os partidos Socialistas na nascente República. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *A formação das tradições 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

<sup>59</sup> Historiadores como Cláudio Batalha, Marcelo Badaró Mattos e Marcelo Mac Cord tem seguido esta trajetória de pesquisa, buscando os primórdios da formação da classe operária no Brasil.

estudos do operariado fora do eixo Rio-São Paulo. De um modo geral, nos estudos do trabalho houve um grande e qualitativo avanço.

Silvia Regina Petersen, entende por esse caminho que,

Há uma preocupação correta em buscar referências, nas regiões política e economicamente hegemônicas, mas esses trabalhos tiveram, via de regra, o viés de fazer aproximações na ausência de investigações mais precisas, de transferir explicações para suprir lacunas na investigação local<sup>60</sup>

Petersen, percebe o fato na década de 1990, hoje os trabalhos de história como já fora colocado, estão em expansão, e deslocaram-se de maneira quantitativa e qualitativa dos eixos Rio-São Paulo.

Na área do mutualismo temos por exemplo trabalhos que longe do eixo rio- são Paulo configuram hoje pesquisas centrais no estudo e definição do mutualismo brasileiro, como por exemplo os trabalhos de Marcelo Mac Cord no Pernambuco imperial, e o de Adhemar Silva Júnior, no Rio grande do Sul. Entretanto a observação de Petersen continua válida, pois ainda existem lugares onde o fenômeno do mutualismo, não foi analisado em modelo conectado a outras realidades.

Com a expansão de programas de pós graduação, e avanços empíricos e geográficos dos estudos, o presente momento é propício para isso.

Hoje, “certas dicotomias que prevaleceram durante algum tempo nesse campo, opondo, por exemplo: trabalho lazer, organização e cotidiano, militância e trabalhadores não-organizados; agora têm pouco espaço.”<sup>61</sup>.

Estando hoje nessa conjuntura, julgo perspicaz, pensar o fenômeno do associativismo mutualista, não enquanto algo pronto, mas algo em um debate transnacional, em uma perspectiva de história cruzada, faz-se uma empreitada possível de ser realizada, algo que em diversas associações mutualistas, constituiu para além de sua definição tradicional de proteção e vida assegurada. Houve também uma cultura associativa forte, palco de uma luta pelos ideários sociais<sup>62</sup>, e de um embate de reivindicações e anseios operários.<sup>63</sup>.

---

<sup>60</sup>PETERSEN, Silvia Regina Ferraz. *Cruzando fronteiras: as pesquisas regionais e a história operária brasileira*. in: ARAUJO, Angela.(Org). *Trabalho, cultura e cidadania*. São Paulo. Scritta, 1997, p.88.

<sup>61</sup> BATALHA, Cláudio. *Os desafios atuais da história do trabalho*. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006, p.89.

<sup>62</sup>Podemos encontrar dentro das mutuais disputas entre concepções de atuação sindical, ou somente de proteção, posições socialistas mais radicais, ou mesmo um socialismo cristão, entre adotar-se uma postura próxima aos ideais anárquicos, ou repudiá-los fortemente, juntamente a esses embates intra-organizacionais,

Dada a heterogeneidade de nossa classe, o estudo do mutualismo necessita estar atento para discussões historiográficas que justificam uma proposta mais abrangente da realidade do associativismo mutual, e alguns de seus problemas, que perpassam as discussões do associar-se do trabalhador e trabalhadora.

Uma discussão bibliográfica sobre um tema tão complexo, enfrenta muitas dificuldades, por ser uma bibliografia “rarefeita” como afirma Adhemar da Silva Júnior<sup>64</sup>, e as vezes contrastante, como já citamos anteriormente Cláudio Batalha, que ver na historiografia dois grupos de pesquisas.

Tânia de Luca, tem o mérito do pioneirismo de um trabalho acadêmico, que colocou o mutualismo como foco central da discussão.

De Luca hoje é um referência, para qualquer trabalho que se faça sobre sociedades de socorro mútuo, e principalmente daqueles que enviam pelo mutualismo enquanto algo mais ligado as funções providenciais e de previdência, Luca, ver nas sociedades de socorros mútuos, as “entidades que mediante contribuições mensais asseguravam aos sócios serviços previdenciários, como tratamento médico, auxílio a doentes, inválidos, velhos e viúvas.”<sup>65</sup>, definição válida, que pode ser aceita pela maioria dos estudiosos.

Entretanto De Luca privilegia por questões de opções metodológicas, o primeiro grupo de enfoque a qual Batalha se referiu, e parece enxergar o mutualismo de São Paulo, mais detidamente por esse viés, não lhe dando a característica de algo que possa transcender as definições básicas, pois as mutuais, “nadas as aproxima dos sindicatos, pelo contrário distancia”<sup>66</sup>, entretanto mais a frente em seu texto Luca de maneira ambígua afirma que as mutuais não se originaram dos sindicatos, mas são fenômenos contemporâneos, e percebe que “nem sempre seja possível demarcar fronteiras claras entre

---

ainda se vislumbra os debates da própria luta de classes, referentes a histórica relação conflituosa capital-trabalho.

<sup>63</sup>Rafael Maul Costa assinala uma concepção já bastante presente no meio acadêmico, “Já afirmamos anteriormente que não podemos tratar as sociedades mutuais como meramente pré-sindicais e sem caráter de lutas.” In: COSTA, Rafael Maul. A “Escravidão Livre” na corte: escravizados moralmente lutam contra a escravidão de fato (Rio de Janeiro no processo da abolição). Niterói: Tese de Doutorado, 2012.

<sup>64</sup>SILVA da, Adhemar Lourenço Jr. As sociedades de socorro mútuos: estratégias privadas e públicas(estudo centrado no Rio Grande do Sul, 1854-1940).Porto Alegre. PUC-RS, Tese de Doutorado (Doutorado em História) 2005 ,P.20.

<sup>65</sup> De LUCA, Tânia Regina. O sonho do futuro assegurado. São Paulo. Editora Contexto, 1990, p. 07.

<sup>66</sup> De LUCA, Tânia Regina. O sonho do futuro assegurado. São Paulo. Editora Contexto, 1990, p.10.

eles”<sup>67</sup>, abrindo caminhos para se pensar mais uma vez as sociedades de socorro mútuos como feições complexas, em Parnaíba por exemplo uma sociedade de socorros mútuos;

A União Progressista, vai empregar todos os esforços para a regularização de 8 horas de trabalhos diários para os artistas e operários desta cidade, na ordem seguinte: - das 7 horas as 10, das 11 as 16 (4 da tarde). O artista precisa ser mais livre, e ter um salário mais elevado, mais digno de seu sacrifício, especialmente, na dureza da época de carestias que atravessamos. [sic]<sup>68</sup>

O apelo dessa mutual Parnaibana, através de seu jornal de propaganda<sup>69</sup>, me faz perceber como o mutualismo se faz algo complexo e que dá margem para percebermos manifestações em tons reivindicativos, nesse caso uma mutual, assumindo reivindicações que podem ser entendidas como “práticas sindicais”. Ou seria que na empiria, o mutualismo, transcende de fato seus objetivos tradicionais?

Aldrin Castellucci, ver no mutualismo na formação da classe operária em Salvador, funções que vão “além dos vínculos com as antigas irmandades religiosas, algumas associações de auxílio mútuo, assumiram funções próprias das sociedades de resistência.”<sup>70</sup>

Nos trabalhos que podem ajudar o pensar das mutuais, para além de suas funções próprias, está as reflexões de práticas sindicais na Primeira República, temos os trabalhos de Marcelo Badaró Mattos, no livro, *Trabalhadores e Sindicatos no Brasil*, Badaró Mattos, com sua análise mais voltada de fato para a trajetória sindical, entende o estudo das práticas sindicais, como estudo do “instrumento de representação de interesses coletivos mais próximos ao mundo do trabalho”<sup>71</sup>, e quanto ao processo de formação desses sindicatos, apresenta em seu texto, a Liga Federal dos Empregados em Padarias, afirma que esta, organizada por João de Mattos, passa de uma sociedade de proteção, e de enfrentamento a escravidão para uma sociedade de característica de enfrentamento posteriormente ao capital, mais “típico” do sindicalismo, a trajetória dessa associação

---

<sup>67</sup> De LUCA, Tânia Regina. O sonho do futuro assegurado. São Paulo. Editora Contexto, 1990, p.11.

<sup>68</sup> FESTAS. *O Artista*, Parnaíba, ano1, n.2, p.2, 07 set. 1919. Jornal operário e instrumento de propaganda da Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba.

<sup>69</sup> Várias mutuais mantinham seus veículos de propaganda, O jornal *Operário* era vinculado a Sociedade de Benefício Mútuo Amarantino, o jornal *O Operário* era vinculado a Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, o jornal *O Artista*, como já citado também estava vinculado a uma mutual.

<sup>70</sup> CASTELLUCCI, Aldrin. *O associativismo mutualista na formação da classe operária em Salvador (1832-1930)*, in: BATALHA, Claudio; MAC CORD, Marcelo. (Orgs.). *Organizar e Proteger*. Trabalhadores, Associações e Mutualismo no Brasil (Séculos XIX E XX). Campinas, Editora da UNICAMP, 2014, p.62.

<sup>71</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. P.9.

remete o entendimento das organizações operárias enquanto, “um campo de possibilidades associativas”<sup>72</sup>.<sup>73</sup> Outro aspecto temático do livro, trata-se do entendimento de Mattos a respeito da propaganda positiva que os operários faziam na Primeira República, sobre o trabalho<sup>74</sup>, e que isso era um “pré-requisito para que se identificassem como classe.”<sup>75</sup> Algo muito característico nas sociedades mutuais.

Já na linha do entendimento do processo de formação do mutualismo brasileiro, Badaró alude para a ideia de que nas origens do mutualismo no Brasil, “cruzaram-se a tradição das corporações de ofício (que congregavam os artesãos) portuguesas e as irmandades leigas (entidades parareligiosas que também acumulavam funções assistenciais), fortes entre os portugueses e mesmo entre os africanos”<sup>76</sup>

O pesquisador que refletiu sobre essa temática, e que nos permite amadurecer essas e outras problemáticas da história do trabalho, fora Cláudio Batalha. Em seu texto, “*Uma outra Consciência de Classe?: O Sindicalismo Reformista na Primeira República*”<sup>77</sup>, Batalha, obstinado a trazer na dimensão da pesquisa empírica, um contraponto a historiografia usual que entendia somente um ou outro viés de classe, a “revolucionária” anarquista, ou a “maturidade da classe”, com a criação do PCB - demonstrou que aos setores mais “reformistas”, foram legados a um segundo plano, como danosos, ou até mesmo de terem uma “falsa consciência de classe”<sup>78</sup>, o autor argumentando sobre o reformismo operário remete aportes empíricos e conceituais para um possível início de compreensão do quadro das organizações operárias no Piauí e Maranhão, pois ao referir-se ao reformismo operário, entende que, “não representa uma corrente política determinada, mas um conjunto de correntes ideológicas – muitas vezes adversárias uma das outras”<sup>79</sup> e que detinham “uma série de práticas idênticas ou muito semelhantes”<sup>80</sup> essa experiência e

---

<sup>72</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 26.

<sup>73</sup> Constatação que é de extrema para a minha proposta, uma vez que vislumbro que as sociedades mutuais no Piauí e Maranhão continham ao mesmo tempo elementos do Mutualismo, no sentido clássico de proteção social e do Sindicalismo no sentido de enfrentamento da classe patronal.

<sup>74</sup> Em minha pesquisa de monografia encontrei essa mesma propaganda no Piauí, através da imprensa operária.

<sup>75</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. São Paulo: Expressão Popular, 2009, p. 35.

<sup>76</sup> 213 MATOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. 1º Ed. São Paulo. Expressão popular, 2009.p.46.

<sup>77</sup> BATALHA, Cláudio. *Uma outra consciência de classe?: O sindicalismo reformista na Primeira República*. Ciências Sociais Hoje. São Paulo: Vértice, 1990.

<sup>78</sup> Termo leninista, criticado por E. P. Thompson.

<sup>79</sup> BATALHA, Cláudio. 1990, p.5.

<sup>80</sup> BATALHA, Cláudio. 1990, p.5.

consciência complexa da classe trazida por Batalha, evoca o pensar das associações operárias do Meio-Norte brasileiro, que mantendo contato com as demais associações do Brasil, e do mundo, que vivenciando a experiência do cotidiano do período, iam desde o socialismo reformista, ao anarquismo - , e mesmo a uma ligação com o Estado no caso de certas associações<sup>81</sup>, porém, não partilho nesse caso de análises que “subestimam o movimento operário, e superestimam o estado”<sup>82</sup>, mas tentarei na historicidade possível compreender “as conjunturas possíveis que esses processos se deram”<sup>83</sup>.

Nestes sentidos, adquire a noção de que a classe não pode ser entendida enquanto algo dado, mas que pode, ser analisada através “das representações que ela tem de si própria, dos interesses que ela apresenta, dos objetivos que ela se propõe, das suas formas de organização e da noção de antagonismo social que manifesta...”<sup>84</sup>.

Em outro artigo<sup>85</sup>, Claudio Batalha se atém para algo que desde a década de 90<sup>86</sup>, vem sendo alvo de duras críticas dos historiadores do trabalho, a noção de que as sociedades mutuals, foram a fase embrionária dos sindicatos, “A idéia de que as novas sociedades de resistência substituíram definitivamente as velhas sociedades mutualistas é falsa. O processo foi lento e bastante complexo”<sup>87</sup>.

A tese da existência e da equivalência de funções das sociedades mutuals puras e das sociedades mais de resistências, justificam uma pesquisa que se queira complexificar alguns entendimentos correntes, uma vez que no Piauí e Maranhão, no recorte temporal proposto, tenho como empiricamente comprovar esta idéia, que “as sociedades de socorros mútuos já se situam num terreno mais próximo das sociedades de resistência do século XX.” .

Em outro ponto significativo do artigo, Batalha se refere a conjuntura das sociedades mutuals em Pernambuco, e as alusões a Proudhon, advertindo que isso possa

---

<sup>81</sup> Como no caso da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí e Centro Proletario, que por suas atitudes divulgadas pela imprensa, é perceptível certa ligação com o estado.

<sup>82</sup> BATALHA, Cláudio. 1990, p. 7.

<sup>83</sup> BATALHA, Cláudio. 1990, p. 7.

<sup>84</sup> BATALHA, Cláudio. 1990, p. 12.

<sup>85</sup> BATALHA, Cláudio. *Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária*. Cadernos AEL (Arquivo Edgard Leuenroth - IFCH/UNICAMP), Campinas, v. 6, n. 10-11, p. 41-68, 1999.

<sup>86</sup> Embora a década de 90 foi palco de uma crítica mais forte a esse tipo de ação, Aziz Simão já havia colocado tese contrária, “as mutuals contribuíram para a emergência do movimento operário, de um modo geral, mas não deram origem ao sindicalismo que apareceu quase na mesma época.” In: SIMÃO, Aziz. *Sindicato e Estado: Suas relações na formação do proletariado de São Paulo*. São Paulo: Dominus, 1966. p. 162.

<sup>87</sup> BATALHA, Cláudio. 1999, p. 47.

ser “indício da presença de adeptos do mutualismo como instrumento da ação autônoma dos trabalhadores”, quanto as referências a Proudhon, não foram encontradas de forma direta pelos trabalhadores<sup>88</sup>, porém a sociedade mutual, Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, remetia de forma freqüente, a necessidade de autonomia da organização, e uma forte propaganda anti-política, trazendo em seu jornal sátiras a respeito do jogo político, e artigos de cunho associativistas e de corporativismo e cooperativismo dos operários, por fora dos jogos políticos partidários tradicionais.<sup>89</sup>. Algo que será detalhado de forma mais detalhada no terceiro capítulo.

Outro ponto interessante ainda no mesmo artigo, são as referências as escolas mantidas pelas sociedades mutuais, que tinham objetivo de preparação profissional, no Piauí e no Maranhão teve-se algumas experiências desse tipo<sup>90</sup>, e até mesmo experiências de escolas mantidas por sociedades mutuais, com educação de cunho socialista<sup>91</sup>.

Em outro texto, tratando de questões relacionadas a relação Estado - sociedades mutuais, Claudio Batalha, justifica essas relações como, “Mais do que mera bajulação ou colaboração, como freqüentemente essas práticas têm sido analisadas, elas constituem exemplos de estratégias políticas que buscam comprometer moralmente as autoridades republicanas”.<sup>92</sup> Entretanto, não eram todas as sociedades mutuais, que queriam esse tipo de proximidade com políticos locais, ou até mesmo com o Estado, algumas tinham atitudes que aproximavam-nas do anarquismo e também do sindicalismo revolucionário, pois em seu próprio estatuto deixavam claro para seus associados “Não tomar parte direta ou indiretamente nos pleitos eleitorais nem adotar este ou aquele partido político local.”<sup>93</sup>, ou mesmo debochavam da política, esses fatos são justificados pelo entendimento que “havia uma simpatia difusa por um ou outro aspecto do anarquismo”<sup>94</sup> no Brasil no período proposto.

---

<sup>88</sup> Entretanto, “A Historiadora Teresinha Queiroz, traz um mapeamento de influências pertinentes a intelectualidade da Primeira República no Piauí (...) segundo Queiroz, os intelectuais do Piauí que foram para a escola de bacharéis do Recife, se contagiaram com o pensamento filosófico materialista, chegando a terem contato com Proudhon e Feuerbach” in: Cf. FREIRE S. JÚNIOR, *Leôndidas*. 2013. p. 55.

<sup>89</sup> Cf. FREIRE S. JÚNIOR, *Leôndidas*. 2013. p. 67.

<sup>90</sup> Escola 14 de Julho, mantida pelo Centro Proletário, e a Escola noturna de artes, mantida pela Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba.

<sup>92</sup> BATALHA, Cláudio et. al. (Org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 111.

<sup>93</sup> BASE PARA A FUNDAÇÃO. *O Artista*, Parnaíba, Ano1, n.1 15 ago 1919, p.1.

<sup>94</sup> TOLEDO, Edilene. A Trajetória Anarquista no Brasil da Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *A formação das tradições 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 66.

Benito Schmidt, auxilia-me a refletir em respeito as atitudes das mutuais das províncias do norte, no que tange a atitudes próximas das varias correntes políticas, e interesses dos trabalhadores, na sociedade união operária da cidade de Rio Grande, Schmidt observou que,

a sociedade abrigava em seu seio correntes comorientações diferenciadas: socialistas, anarquistas e mutualistas, além daqueles que simplesmente queriam usufruir dos benefícios oferecidos pela associação, como montepio, cooperativa, escola, atividades artísticas e recreativas etc<sup>95</sup>

Nesse âmbito, é nítida a noção de que o estudo de sociedades de socorro mútuo devem estar atentos para particularidades e nuances que formam o corpo de organização dos trabalhadores, essa visão de Schimidt, consegue captar o grau de disputas de projetos de ideais societários dentro das mutuais e os diferentes interesses dos associados, nessa trilha Benito Schimidt abre caminhos para se perceber características mais variadas de composição de sociedades operárias, seu entendimento também contempla o espectro da tentativa da sociedade operária dirigir os anseios e práticas do operariado. O historiador vê em seu trabalho um socialismo que conflitava com interesses de alguns, hora a sociedade se assumia socialista, hora recuava dada a tensão dos embates dentro da organização, que também como já foi citado continha quadros anarquistas.

O trabalho de Edilene Toledo, discutindo questões referentes ao anarquismo e ao sindicalismo revolucionário, me faz perceber em um contexto mais amplo na primeira república, que havia uma tentativa de que “os trabalhadores pudessem ser reconhecidos como elemento legítimos dentro dessa sociedade”<sup>96</sup>, sociedade que por exemplo, mergulhava filhas dos operários na prostituição, fato ligado a própria existência daqueles operários, e que era denunciado pelas mutuais, os que se aproveitam das condições daquelas pobres mulheres.<sup>97</sup> Outra característica de todas as sociedades mutuais estudadas,

---

<sup>95</sup> SCHIMIDT, Benito. *A diretora dos espíritos da classe: a “Sociedade União Operária” de Rio Grande (1893-1911)* Cadernos AEL (Arquivo Edgard Leuenroth - IFCH/UNICAMP), Campinas, v. 6, n. 10-11, p148-170, 1999.P,153.

<sup>96</sup> TOLEDO, Edilene. *A Trajetória Anarquista no Brasil da Primeira República*. In: FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *A formação das tradições 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.55.

<sup>97</sup> Há uma denuncia em trecho escrito no jornal de uma sociedade mutual do Piauí “Fazem a nota chic dos cafés da praça da matriz. A nossa conspiração volta-se hoje, para essa pobres creaturinhas de doze a quinze annos que como flores que se estoram, servem de repasto a gana bestial de indivíduos grosseiros e salteadores da virgindade desprrotegida. Quantas meninas impúberes, ainda que acossadas pela penúria renunciam a candura de sua inocência, entregando-se a fúria desses Satyros de seus fragies corpos adolescentes fazem instrumentos das mais vis abjecções e calcam nos a torpitude de todos os vícios aviltantes a delicadeza de seu sexo. Todos os dias vemol-as enchendo as ruas, os beccos, o mercado publico o jardim, fazendo de seu vicio taboa única de salvação, e já exibem nos gestos, nos rizos, nas faces, o requinte do

era o que Toledo enxerga referente a grande importância que os anarquistas remetiam a educação do operariado, era a “luta da razão contra ignorância do progresso contra o passado”<sup>98</sup>.

Em outra parte de seu texto, revelando uma problemática ainda de difícil compreensão, Edilene Toledo ao tratar da relação próxima do anarquismo com o sindicalismo revolucionário, remete a exemplos de experiências dessas fronteiras aqui no Brasil, como a ligação de militantes de diversas tendências do sindicalismo a “CGT (Confederação Geral do Trabalho) francesa”<sup>99</sup>, e campanhas sociais de cunho mais anarquistas “como na luta pela jornada de oito horas”<sup>100</sup>. No Piauí, existiram iniciativas próximas, nos casos das sociedades mutuais, Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, e na Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, em que a primeira com, “apoio da assembléia Geral, poderá fazer a confederação da ‘Alliança’ á Congregação Geral do Trabalho no Rio de Janeiro.”, entretanto “federada ou não, em hipótese alguma terá feição política”, e na segunda Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, tanto quanto na primeira também rejeitava a ação política também remetia a luta pela jornada de oito horas.<sup>101</sup>

É preciso entender essas sociedades mutuais e seu “descompromisso político”, inertes em seus contextos históricos.

Carlo Romani ilumina tal questão ao entender as dificuldades dessa relação política entre os trabalhadores e o estado brasileiro, principalmente na temporalidade dessas associações, pois aqui refere-se a um “período convulsivo de meados dos anos 20 quando houve a afirmação do moderno Estado brasileiro disciplinador e repressor”<sup>102</sup>, esse modelo de estado unido a uma certa insegurança estrutural dos subalternos organizados, talvez tenha força para explicar essa relação ambígua com a política. Entretanto essa realidade de distanciamento da política não é entendida como regra geral para as

---

desavergonhamento em que foram adestradas pela perversão de seus degenerados algozes” In: A PROSTITUIÇÃO PARA A MULHER E A IGNORANCIA PARA A CRIANÇA. *O Artista*, Parnaíba, ano1, n.2, p.1, 07 set. 1919.

<sup>98</sup> TOLEDO, Edilene. A Trajetória Anarquista no Brasil da Primeira República. In; FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *A formação das tradições 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.72.

<sup>99</sup> TOLEDO, Edilene. 2007, p.74.

<sup>100</sup> TOLEDO, Edilene. 2007, p.76.

<sup>101</sup> Cf. ALIANÇA FEDERATIVA DOS OBREIROS DO PIAUÍ. *Estatuto*. Teresina. 1929, p.1.

<sup>102</sup> ROMANI, Carlo. *A revolta de 1924 em São Paulo: Uma história mal contada*. p.52 In: ADDOR, Carlos; DOMINICIS, Rafael. *História do Anarquismo no Brasil*. Vol 2. Rio de Janeiro: editora Achiamé, 2009.

sociedades mutuals, existem casos onde essas agremiações tinham uma vida social mais institucional.

Um exemplo que ajuda a pensar essa outra faceta complexa do mutualismo e do associativismo da classe operária, é a pesquisa de Osvaldo Maciel<sup>103</sup>, ao estudar o caso dos caixeiros, complexa categoria de trabalhadores<sup>104</sup>, o que vou frisar do trabalho de Maciel, nesse primeiro capítulo, é sua compreensão de que, “na dinâmica das mutuals, existiu uma tendência muito forte à flexibilização dos estatutos para garantir seu funcionamento.”<sup>105</sup>

Como já explanado esses estatutos estavam sujeitos a aprovação do estado – a flexibilização destes conota a uma vida associativa mais disposta a se inserir no jogo da institucionalidade do Estado, demonstrando uma vivência associativa mais disposta a conversar com a política liberal do estado liberal Brasileiro da primeira República.

Além de me auxiliar na análise e compreensão da trajetória da sociedade de União Caixeiral de São Luís, essa afirmativa me faz perceber que existe uma necessidade constante de avaliação do contexto histórico em que essas entidades estão inertes, bem como o entrecruzamentos das diversas fontes de análise.

A questão das diversas fontes de análise, e do entrecruzamento de fontes, está presente no trabalho de Marcelo Mac Cord, o autor defendeu uma tese<sup>106</sup> inovadora, desbaratando algumas certezas historiográficas(que serão mostradas mais a frente), mostrou uma sociedade de artifices Pernambucanos no Império, e como essa sociedade conseguiu inserir-se nos debates políticos e participar, tencionar mudanças reais para os operários, construindo segundo o autor uma “sólida cultura política”, o autor demonstra como o associativismo, no século XIX, mais uma vez extrapolou, suas barreiras, fazendo até com que houvesse “uma forte concepção de classe”, Mac Cord lamenta que não há casos, indícios mais substanciais de uma caso parecido com o Pernambucano, onde os

---

<sup>103</sup> MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. *Filhos do trabalho, apóstolos do socialismo: os tipógrafos e a construção de uma identidade de classe em Maceió (1895/1905)*. Dissertação de Mestrado. UFPE. 2004.

<sup>104</sup> Maciel faz levantamentos, inventaria associados, demonstra áreas de atuações e mostra uma forte batalha pelo “controle da classe”, a polemica de duas sociedades de estímulo caixeiral que se enfrentam, e até mesmo disputas políticas internas nessas sociedades, o que demonstra um dos degraus dessa formação complexa que é a consciência de classe.

<sup>105</sup> MACIEL, Osvaldo. *Mutualismo e identidade Caixeiral: Caso da Sociedade Instrução e Amparo em Maceió (1882-1884)* in: BATALHA, Claudio; MAC CORD, Marcelo. (Orgs.). *Organizar e Proteger. Trabalhadores, Associações e Mutualismo no Brasil (Séculos XIX E XX)*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2014, P.147

<sup>106</sup> MAC CORD, Marcelo. *Andaimés, casacas, tijolos e livros: uma associação de artífices no Recife, 1836-1880*. Campinas: UNICAMP, (Tese, doutorado em história), 2009.

trabalhadores mais organizados conseguiram formalizar seus projetos políticos, eleitorais<sup>107</sup>.

Outro ponto importante que vale ressaltar na pesquisa de Marcelo Mac Cord refere-se ao seu entendimento dos valores próprios dos trabalhadores, e como esses valores impulsionaram o associativismo e deram força na parte educacional do mutualismo do período, a ideia de “instrução” é muito presente em diversas sociedades mutuais.

Um outro trabalho contemporâneo, que se propõe a analisar o fenômeno das sociedades de socorro mútuo em suas dinâmicas, é a tese de Adhemar Lourenço da Silva Júnior, pesquisa que faz-se hoje indispensável sua leitura a qualquer pesquisador que quera estudar o tema proposto.

Silva Júnior se declara em sua tese<sup>108</sup>, seguidor do modelo de Tania De Luca, desenvolve em sua tese, uma vasta revisão historiográfica e crítica a bibliografia nacional sobre o tema das sociedades de socorro mútuo, declara que alguns ainda seguem o modelo de José Rodrigues, e afirma que alguns ainda tratam o mutualismo como proto-sindical, defende esse argumento, por compreender o mutualismo como fenômeno em si e de maneira bastante restrita, como se o mutualismo, em si, tivesse uma essência e que essa essência estivesse a prova do processo histórico. Nesse trilho, o autor analisa mais detidamente os fatores previdenciários das sociedades de socorro mútuo, e os enxerga como entidades que visam atendimento em seus sócios no privado, com uma lógica própria e fechada em torno do que ele entende como material e espiritual.

Adhemar propõe categorias fixas de público e privado na análise das relações dos trabalhadores e das mutuais, nesse aspecto ele utiliza a “teoria da escolha racional”, segundo o autor, trabalhador entra em uma entidade de socorro mútuo por um interesse racional em um benefício material, e os dirigentes estariam interessados em benefícios espirituais, prestígio político.

Desse modo Adhemar não consegue enxergar nas sociedades mutuais a complexidade que Mac Cord enxerga por exemplo, no sentido de que não consegue vislumbrar que os trabalhadores podem exercitar suas vontades, paixões, anseios dentro de

---

<sup>107</sup> Embora a pesquisa de Mac Cord, seja exclusivamente no século XIX, será de valia para minha pesquisa ao analisar a proximidade que algumas associações no Piauí tiveram com a política, umas com repulsa, e outras com até mesmo, a tentativa de lançamento de candidatos.

<sup>108</sup> SILVA da, Adhemar Lourenço Jr. As sociedades de socorro mútuos: estratégias privadas e públicas(estudo centrado no Rio Grande do Sul, 1854-1940). Tese de Doutorado (Doutorado em História) UFRS.Porto Alegre,

uma mutual, não ficando rigidamente preso a um estatuto, como já nos informou Osvaldo Maciel, ou até mesmo ficarem presos na ideia de uma “escolha racional”.

Essa perspectiva talvez seja pertinente ao trazer a dimensão privada das sociedades mutuais, porém, como afirma Claudio Batalha, “o risco de tipologias muito rígidas sobre a natureza das associações operárias é o de não dar conta da diversidade e da riqueza de realidades complexas.”<sup>109</sup>

Dentro de toda essa complexidade apresentada até aqui, faz-se pertinente a pergunta; Teria fundamentação teórica e metodológica um trabalho que discuta Socialismo, Anarquismo e Sindicalismo em uma perspectiva ampliada que se queira uma análise transnacional, com um caminho de construção de consciências de classe? Aspectos aparentemente tão diversos podem ser analisados sobre uma perspectiva de classe? Uma vez que alguns autores começam a apontar para a problemática dessas análises de classe, embasadas nos estudos de E.P. Thompson dentro do fenômeno das mutuais, pois :

Pensamos que, apesar do argumento parecer convincente, tal abordagem deva ser antecedida de uma discussão prévia acerca da pertinência do uso de referências classistas para o estudo do mutualismo. Não se trata de negar a existência de classes, mas de repensar seu potencial analítico para o entendimento desse fenômeno associativo, que ploriferou no Brasil entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.<sup>110</sup>

A autora segue ainda com a afirmativa de que; “Parece haver um consenso entre os estudiosos recentes sobre o tema de que as mutuais não se construíram em espaços de resistência dos trabalhadores contra os abusos do capital.”<sup>111</sup>.

Dois argumentos que não devem ser generalizados, uma vez que no caso do Piauí e também no Maranhão o fenômeno do mutualismo, empiricamente pode ser elucidado que: 1) Havia um nítido e explícito auto-reconhecimento daqueles operários enquanto classe de operários, em todas as sociedades mutuais estudadas; 2) As mutuais no Piauí se constituíram também enquanto espaço de resistência contra o capital:

Não somos dos que pensam que a fortuna excessiva dos ricos seja distribuída entre os operários de hoje. Mas, o que entendemos é que tudo deve ter o seu limite e que a sociedade, pondo um freio a essas grandes acumulações de capital- origem do mal que affecta a maior parte do organismo humano.[...] A classe superior de tudo se apodera e de tudo se usufrue, enquanto que a dos

---

<sup>109</sup> BATALHA, Claudio. *Realçando o debate sobre mutualismo no Brasil: As relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos á luz da produção recente*, Mundos do Trabalho, vol,2,n.4 ago-dez. de 2010, p. 17.

<sup>110</sup> VISCARDI, Claudia. *O estudo do Mutualismo: Algumas considerações historiográficas e metodológicas*. *Revista Mundos do Trabalho*, vol2, n.4, ago-dez, 2010, p. 31.

<sup>111</sup> VISCARDI, Claudia. 2010, p. 31.

operários vive ainda sob o peso do sofrimento, na injustiça, da usurpação e do desprezo.<sup>112</sup>

Em seguida Cláudia Viscardi, chama atenção para um instigante ponto de pesquisa, a problemática dos sócios ilustres dentro das sociedades mutuais, e que essa tal “heteronomia implicava no fortalecimento das relações paternalistas e verticalizadas, que em nada contribuíam para a formação de uma ‘classe trabalhadora’.”<sup>113</sup>, este ponto, unido a argumentações sobre essas relações verticais dentro das mutuais, a autora remete a idéia de que as sociedades, em vez de acirrare uma luta de classes, contribuíam para a amenização desses conflitos.

De modo concreto é que essas relações verticais, de diversidades econômicas, étnicas para a noção de classe, atualmente vem sendo repensadas em outras obras<sup>114</sup>, de forma bastante inspiradora, todavia esse problema das hierarquias intra-classe, é algo que já rendeu e que rende muitas preocupações epistemológicas, Cornelius Castoriadis chega a explicar que uma sociedade que detêm meios tão duros de exploração do trabalhador, e que tenta dilacerar quaisquer laços de coletividade, apresenta nada menos que a máscara do lugar na pirâmide hierárquica, assim; “não é mais incompreensível que muitos se agarrem a ela; e que as rivalidades categoriais e profissionais estejam muito longe de desaparecer”<sup>115</sup>. Mas aconselha aos historiadores que “esses fatores e essas atitudes devem ser examinados, caso se pretenda – como é preciso – apresentar uma crítica radical da hierarquia”.<sup>116</sup>

Essas colocações de Cláudia Viscardi podem ser melhores solucionadas se pensarmos a classe, em um sentido Thompsoniano, não enquanto um termo analítico, porem enquanto algo histórico que ocorre ou não, e historicamente pode ou não ser demonstrado, pois na história, “nenhuma formação de classe específica é mais autêntica ou mais real que outra. As classes se definem de acordo com o modo como tal formação acontece efetivamente.”<sup>117</sup>. Como Eric Hobsbawm também nos alude; “no capitalismo a classe é uma realidade histórica”<sup>118</sup>.

---

<sup>112</sup> BAPTISTA, Zito. Pelo Socialismo II. *O Operário*, Teresina, ano1, n. 16, p.1-2, 05 jul. 1906.

<sup>113</sup> VISCARDI, Cláudia. 2010, p. 33.

<sup>114</sup> Nas obras de Mike Savage e Alexandre fortes. In: BATALHA, Cláudio et. al. (Org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

<sup>115</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *A Experiência do Movimento Operário*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.258.

<sup>116</sup> CASTORIADIS, Cornelius. *A Experiência do Movimento Operário*. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.258.

<sup>117</sup> THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e falsa consciência In: *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas Editora da Unicamp, 2001.

<sup>118</sup> HOBBSAWM, Eric. 1987, p. 37.

## Capítulo II.

OPERÁRIOS(AS) NO MUNDO: espaço do mutualismo operário, classe trabalhadora e a história global do trabalho

*O sertão é do tamanho do mundo.  
Guimarães Rosa*

*Riacho do Navio corre pro Pajeú/  
O rio Pajeú vai despejar no São Francisco/  
O Rio São Francisco vai bater no 'mei' do mar.*

*Luiz Gonzaga*

Era um começo de tarde fria na Bélgica em 9 de junho de 1891, quando pelas primeiras horas da manhã no Brasil, o Jornal *O Artista Caxiense* saiu aos becos e travessas de Caxias no Maranhão, trazendo informações escolhidas pela sociedade mutual Club Patriótico dos Artistas Caxienses.

O órgão de propaganda da mutual rapidamente é lido nas portas das oficinas e fábricas<sup>119</sup> - é enviado a ilha de São Luís pelos barcos a vapor que trafegavam pelo Rio Itapecurú. Em outra direção fora enviado a Flores, atual Timon, nessa cidadezinha foi lido por operários que moravam por ali, e depois enviado a cidade ao lado. Percorreu poucos metros em uma pequena embarcação para cruzar o rio Parnaíba e chegar em Teresina capital da Província do Piauí, longe da fria tarde de Bruxelas, os operários no Maranhão e Piauí se informavam da organização dos seus camaradas belgas.

Trazia a notícia “Greve na Belgica! O Congresso dos operários mineiros belgas, resolveu organizar uma greve geral para os fins de Maio, caso a câmara dos representantes da Belgica adie a revisão da legislatura sobre minas. Exemplo aos Brasileiros”<sup>120</sup>

A “Manchester Maranhense”, como foi rotulada pelos industriais eufóricos da época, era uma cidade, no sertão da província do Maranhão. Estava ao final do século XIX com uma presença operária significativa, demonstrada através de associações mutualistas, que mantinham jornais como ferramentas de propaganda e de comunicação operária.

Nesse contexto essas agremiações mantinham contato com outras organizações de trabalhadores ao redor do globo, e mesmo com sociedades mutuais mais próximas

---

<sup>119</sup> Existiam em 1985 cerca de 27 fábricas na cidade de Caxias, fábricas de fiação, de pilar arroz, de sabão, de cigarros etc.

<sup>120</sup> Greve na Belgica. *O Artista Caxiense*, Caxias, anoII, n.20, p3, 09 jun. 1891. Jornal operário e instrumento de propaganda da sociedade Club Patriótico dos Artistas Caxienses.

geograficamente, que de maneira semelhante as sociedades mutuais de Caxias, realizavam trocas de informações, de livros, jornais, estatutos, com operários de Lisboa, Liverpool, Nova York entre outras cidades.

Um exemplo dessas trocas, dá-se no caso da Sociedade Centro Caixeiral fundada em 1890, que da ilha de São Luís mantinha vínculos com organizações operárias de praticamente, todos os estados<sup>121</sup> brasileiros no ano de 1902, além de manter correspondência e troca de estatutos e jornais e relatórios com diversas outras associações operárias pelo mundo.

José Gomes de Castro era um operário e o Bibliotecário da sociedade mutual, cabia-lhe o dever de receber e enviar tais documentos e manter os intercâmbios, globais e locais, não era uma tarefa das mais fáceis, entretanto havia um ponto que poderia facilitar esse contato, uma vez que:

Somos filhos de um país em que as distancias de um estado a outro não são ainda cortadas com celeridade, por isso estamos bem longe daquelas humanitárias agremiações, mas a distancia não importa; ela nos é ligada por esse fluido sutil e imponderado que nos identifica- o pensamento.<sup>122</sup>

Essas relações de trocas de pensamento se davam através do telégrafo, pelo mar, pelos rios e até mesmo com o contato direto de trabalhadores do atlântico que vinham de outros países realizarem trabalhos esporádicos no delta em mar aberto do Rio Parnaíba, nos portos de Amarração na cidade de Parnaíba no Piauí e nos portos de Tutóia, e ainda em São Luís do Maranhão.

Os trabalhos esporádicos e os contatos através de trocas de informações traziam tanto estrangeiros, quanto informações para o sertão, mas não chegavam somente até a “Manchester Maranhense”, até a cidade de Parnaíba, ou até as capitais São Luís e Teresina – como de maneira recíproca da capital Teresina, de Caxias, de Parnaíba e de São Luís saíam anseios, projetos societários operários e os próprios operários que embarcavam mar a dentro em busca de novos trabalhos.

---

<sup>121</sup> Em 1902 foi feito um levantamento das obras da Biblioteca da Sociedade Centro Caixeiral, foram encontrados “545 volumes de obras em linguas diversas, sendo 530 gentilmente oferecidos, e 15 comprados” na sessão de jornais remetidos por outras associações operárias tem se a acusação de recebimento de jornais de organizações de trabalhadores provenientes de outros locais do Maranhão, Piauí, Ceará, Bahia, Alagoas, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Pernambuco, Paraíba, Santa Catarina, São Paulo e Paraná.in: *Centro Caixeiral*, São Luís, ano 12, n.x, p 80, 02 mar. 1902.

<sup>122</sup>*Centro Caixeiral*, São Luís, ano 12, n.x, p 01, 02 mar. 1902.

Havia uma verdadeira dialética do local-global, o local fazia-se também parte do global.

A relação Global-local é identificada como já afirmado na citada acima Sociedade Centro Caixeiral, ao receber e enviar regulamentos, estatutos como regimentos internos de associações operárias e também assinar jornais operários e não operários de outras partes do mundo, como o *Occidente* de Lisboa, *The Sphere* de Londres, entre outros jornais que vinham de Paris, de Buenos Aires, e de outros locais. Além da publicação de textos em Francês e Inglês.

O ambiente de trocas mútuas entre jornais, estatutos, elementos constitutivos do mutualismo operário fora uma realidade em diversos lugares do mundo no fim do século XIX e início do século XX, essa troca fornece um ambiente propício ao surgimento de uma integração na cultura associativa, caos essa possa ser pensada de um modo mais global.

Para além da troca de correspondências haviam também contatos diretos, no que se refere a participação de Associações Mutualistas do meio norte em congressos internacionais, como o caso do importantíssimo Congresso Trabalhista de Washington de 1919;

nota das sociedades operárias e patronais que se fizeram representar na conferência trabalhista em Washington. São Luís - Associação tipográfica maranhense, Centro Artístico OperárioEleitoral Maranhense, União Operária maranhense, Grêmio dos maquinistas e Centro dos Varejistas - Codó - Centro Operário Codoense - Caxias NR não somos conhecidos<sup>123</sup>

Aqui se caracteriza um forte internacionalismo operário, na medida em que as associações mutualistas fazem parte de um evento de proporção global, isso indica a preocupação e o entendimento de que a bandeira dos subalternos, as relações capital-trabalho são uma realidade consciente para o operariado do meio norte.

Um estudo que conseguiu refletir sobre esses intercâmbios operários associativos e seus vínculos nacionais e internacionais fora a pesquisa de Osvaldo Maciel, que percebeu que no ano de 1883, a organização mutual Sociedade Perseverança e Auxílio em Maceió por exemplo, recebe jornais de varias províncias do Brasil dentre elas do Piauí e Maranhão, inclusive de vários países como França, Itália, Inglaterra, Estados Unidos. Maciel atenta para o fato de isso possibilitar “a formação de uma cultura associativa sem

---

<sup>123</sup> O TRABALHO. Ano 1, Num 1, Caxias, p.1.

precedentes até então, fortalecendo os espaços de experiência mutual, da cultura letrada e da vida cívica urbana do país.”<sup>124</sup>

Realizar um esforço para evidenciar de maneira inicial, alguns desses contatos internacionais de associações mutualistas de trabalhadores nos finais do século XIX e em meados do século XX, elucidar ainda o mutualismo como fenômeno complexo, espacial, demonstrando um contorno de experiência e consciência de classe que vinha dos operários e operárias da época, traduzidos em suas vivências, costumes, auto-identificação com lutas, anseios, conquistas, medos e fracassos de outros trabalhadores ao redor do mundo, é o meu objetivo principal no presente capítulo, parto de uma concepção de *História Global do Trabalho*, bem como outras formas de escrita da história do trabalho a guia de estudos recentes<sup>125</sup>.

Entretanto antes de discutir o conceito de *História Global do Trabalho*, e adentrar a uma perspectiva de análise que enfoque o Brasil em suas relações com o mundo, tenho a noção de que me refiro nesse momento a um estudo que está localizado dentro do campo da história social do trabalho no Brasil, assim é necessário apontar uma das nossas grandes dificuldades referentes a alguns problemas relacionados a própria configuração dos estudos, no que se refere a um âmbito nacional, antes mesmo do global como observa Claudio Batalha, “Nos estudos da Primeira República têm-se a impressão de que os pesquisadores interiorizam a lógica federalista, restringindo-se a análises no âmbito municipal ou estadual.”<sup>126</sup>

O Problema dessa lógica Federalista será enfrentada aqui em primeiro momento, para que após possa ser feito o estudo inicial sobre as conexões mutualistas globais operárias. Assim, acredito que a pesquisa empírica das ligações existentes entre uma província e outra, tanto pelos setores patronais e principalmente pelos setores do

---

<sup>124</sup> MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. *A PERSEVERANÇA DOS CAIXEIROS: o mutualismo dos trabalhadores do comércio(1879-1917)*Tese de Doutorado em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.p.202

<sup>125</sup> Alguns estudos influenciaram minha perspectiva metodológica, como: LINEBAUGHT, Peter; Marcus, REDIKER. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. MARQUESE, Rafael de Bivar; PARRON, Tâmis Peixoto. *Internacional escravista: a política da Segunda Escravidão*. Topoi, v.12, n.23, p.97-117, dez. 2011. REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos & CARVALHO, Marcos J. M. de. *O alufá Rufino: tráfico, escravidão e liberdade no Atlântico negro (1822-1853)*, São Paulo, Cia. das Letras, 2010. FINK, Leon. *A grande fuga: como um campo sobreviveu a tempos difíceis*. *Rev. Bras. Hist.* [online]. 2012, vol.32, n.64, pp.15-25. ISSN 1806-9347. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-01882012000200002>.

<sup>126</sup> BATALHA, Cláudio. *Os desafios atuais da história do trabalho*. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006 P.93.

operariado, podem romper com um estudo na lógica municipal e estadual. Refiro-me principalmente as províncias do Piauí e Maranhão, e suas ligações com outros estados.

A conexão no sertão do nordeste já remontava a discussões que passavam também pelo âmbito das classes patronais, devido a confluência da geografia local, e ademais o próprio comércio e a indústria no *meio-norte* brasileiro do final do século XIX. O desembargador da República José Manuel de Freitas em 1885, já afirmava

Desejando esta Presidência a ouvir a opinião da diretoria da associação acerca do projeto da estrada de ferro que presentemente mais convenha a esta província – se o da Capital ao Rosário, pela nova estrada da estiva, que liga a ilha de São Luís ao continente, se a de Caxias a Teresina, unindo as bacias do Rio Itapecucu e Parnaíba, ou se a monção ao Tocantins, unindo a este ao vale do rio Pindaré<sup>127</sup>

A associação em questão, é a Associação Comercial do Maranhão, no final desse levantamento, o projeto considerado mais importante foi o da ligação com Teresina, unindo Caxias a Teresina pela estrada de ferro.

No fim do século XIX a ligação Caxias - Teresina por vias férreas está pronta, e na década de 1920 o vínculo por via férrea entre Teresina e São Luís também se completa, finalizando assim o projeto inicial da estrada de ferro, que desejava desde o século XIX a ligação por trilhos entre a ilha de São Luís e Teresina.

Entretanto essa conexão Piauí - Maranhão não era somente no meio patronal, a conexão que mais nos interessa se dava também no meio operário, e pode ser percebida de uma forma mais concreta em dois momentos: o primeiro momento no Primeiro Congresso Operário Brasileiro de 1906, e o segundo pelas próprias relações de trabalho, que se davam entre operários e operárias do Piauí e Maranhão nas águas transnacionais do Rio Parnaíba, e com relação ao mundo atlântico, através dos portos de Amarração e de Tutóia.

O primeiro momento que expressa essa ligação operária Piauí-Maranhão, parte de duas associações de trabalhadores de cunho mutualista, uma em Caxias e outra em Teresina.

A Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí e o Círculo Federativo Socialista dos Obreiros de Caxias - as duas associações combinam em enviar um único representante a um congresso socialista que ocorreria na sede na União Operária do Engenho de Dentro no

---

<sup>127</sup> apud SOUZA, Joana Batista de. *O Poder dos trilhos: a trajetória do trem em Caxias do final do século XIX até a década de 1920* in: MELO, Salânia;PESSOA, Jordânia(orgs). *Percorrendo Becos e Travessas: feitos e olhares das Histórias de Caxias*. Teresina: Edufpi, 2010.

Rio de Janeiro, entretanto esse congresso não ocorreu - o que ocorreu de fato foi o primeiro Congresso Operário Brasileiro em 1906.

O representante escolhido para falar pelas duas sociedades no congresso socialista, e para representar todas as associações do Piauí e Maranhão, foi Benedicto Saraiva da Cunha. Porém, por algum motivo o congresso socialista idealizado pela União Operária do Engenho de Dentro como já citado não houve, Benedicto resolveu ir assim mesmo ao Rio de Janeiro, mesmo não havendo o congresso socialista, resolveu continuar a missão de ir a capital federal para fazer parte do primeiro congresso operário brasileiro, de cunho mais amplo do que o imaginado congresso socialista.

Curiosamente, ao analisar as resoluções do congresso operário brasileiro, percebo que “Além destas sociedades que estavam representadas no Congresso, há a acrescentar o Círculo Socialista dos Obreiros de Caxias, cujo representante adoeceu em viagem”.<sup>128</sup>

A notícia da doença e da viagem de Benedicto, não foram bem aceitas pela Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, pois essa queria participação de um delegado apenas, se fosse no congresso socialista, o que não houve, assim em seu órgão de propaganda *o Operário*, a mutual do Piauí ataca Benedicto, e o acusa de esconder em Caxias no Maranhão, um jornal da associação que afirmava que o congresso socialista fora cancelado. Benedicto era sócio das duas associações, mas residia na cidade de Caxias,

Segundo a Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí ao chegar em Caxias o seu jornal de propaganda, a sua edição anterior, o Sr. Benedicto Saraiva da Cunha que até então era o correspondente do jornal naquela cidade, “irreflectidamente ocultou o nº5 do „O Operário” [sic] que continha a explicação da União Operária do Engenho de Dentro, e fez isso por que não queria “perder o dinheiro que lhes ofereceram os collegas para represental-os no Congresso Socialista” [sic].

O Jornal *O Operário* termina a matéria afirmando que Benedicto já se encontra em viagem. Mas se de fato este adoeceu, se ficou com o dinheiro dos operários pra si, onde foi parar, até aqui não consegui saber.

O que importa nesse acontecimento é saber que a Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí e o Círculo Socialista dos Obreiros de Caxias demonstram que constroem experiências associativas conjuntamente, outro ponto que pude descobrir, trata-se do fato do senhor Benedicto Saraiva da Cunha ocupar cargos importantes na diretoria tanto em uma

---

<sup>128</sup> apud PINHEIRO, P. Sérgio; HALL, Michael. *A Classe Operária no Brasil: Documentos 1889-1930*. vol. 1, São Paulo: Alfa Omega, 1981, p.45

sociedade mutual, como na outra, pois era 1º secretário da Assembléia Geral da Sociedade Centro Proletário<sup>129</sup> e também 1º secretário da Sociedade Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, e por fim presidente do Circulo Federativo Socialista dos Obreiros de Caxias, evidenciando a proximidade das mutuais e as ligações dos trabalhadores do *meio-norte*, nesse primeiro momento.

Em 1906 a Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, detinha um capital associativo importante, funcionava de fato como uma espécie de federação das sociedades mutuais do Piauí, a associação demonstrava diversas vezes atenção especial aos reclames das sociedades mutuais dos trabalhadores estivadores, tanto a nível nacional quando em nível local, no que diz respeito as demandas dos trabalhadores dos vapores do Rio Parnaíba em Teresina, e dos estivadores do porto de Amarração em Parnaíba.

No segundo momento, refiro-me as relações de trabalho em águas internacionais, onde já começa então a se desenhar uma configuração que rompe tanto a lógica federalista de análise do mutualismo, quanto também o nacionalismo metodológico. O ambiente se passa no Rio Parnaíba, pelos idos dos anos de 1920, próximo ao único Delta em Mar aberto das Américas.

Um negro de nome Abílio, um mulato baiano, era o comandante de uma barca no Rio Parnaíba - ao raiar do sol ele ia pelo Rio na direção do continente para o oceano atlântico, naquela madrugada um amigo seu, trabalhador da embarcação apitou 4 vezes ao se aproximar de uma margem, isso significava a senha daquela embarcação, que queria comprar quatro bois, os bois eram para os trabalhadores portuários comerem. Ao receber o carregamento, enquanto alguns estivas terrestres lutavam para carregar a embarcação com o gado, Abílio procurava mais lenha, pois era tirada em metro para manter funcionando parte das embarcações da empresa que ele trabalhava.<sup>130</sup>

Abílio recolhia esse gado, nos portos de amarração em Parnaíba no Piauí e do outro lado no porto de Tutóia no Maranhão, geralmente os trabalhadores que moravam no Maranhão e no Piauí trabalhavam nas mesmas empresas dividiam experiências nas relações de trabalho e também de organização.

O que demonstra relação de trabalho interestadual, pois eram muitos trabalhadores, a maioria negros que trabalhavam de marinheiros, estivadores, maquinistas,

---

<sup>129</sup> Associação mutualista com sede em Teresina Piauí.

<sup>130</sup> Depoimento de Jeremias APUD GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba... cidades-beira*.(1850-1950) 2008. Teresina: Edufpi, 2010, P.333,

e serviços gerais em embarcações, que circulavam entre um estado e outro, Jeremias por exemplo

trabalhava só em terra, quer dizer, daqui do cais pra dentro da barca. Aliás, esse daqui de dentro do cais pra dentro do barco era o estivador marítimo. O estivador terrestre tirava de dentro do Armazém pra colocar no cais, a gente conferia e entregava ao mestre do barco, que ia pra Tutóia levar carga tinha a estiva terrestre, estiva marítima e os trabalhadores de armazéns, muita gente<sup>131</sup>.

Em Amarração, grande parte do transporte era realizado por barcas transportadoras, a maioria dos produtos exportados passavam pelos operários da companhia inglesa Both Line, que transportava todos os produtos para serem levados até Tutóia no Maranhão e também São Luís e de lá em navios maiores carregados por outros trabalhadores adentravam oceano atlântico. Nesse ponto das relações de trabalho é percebido uma internacionalização da prestação de serviços.

A Both Line prometia segundo as páginas da imprensa da época, serviço rápido e regular com luxo e conforto entre Europa, Nova Iorque, demais portos atlânticos dos Estados Unidos da América e o Norte e o Sul do Brasil, cabine de luxo, camarotes para até 3 pessoas e nas linhas regulares viagens a Liverpool, Porto, ilha da Madeira, Pará, Manaus, Maranhão, Ceará, Parnaíba e Tutóia.

Toda essa intensa movimentação rompe pelo menos aqui nesse contexto específico, com uma lógica Federalista e já começa também a apontar para um cenário de internacionalismo operário, segundo Gandara:

Embarcaram e desembarcaram, trouxeram e levaram encomendas, mercadorias, despacharam colheitas, filhos que transitaram de cá prá lá, (do Piauí para o exterior) de lá prá cá, (do exterior para o Piauí) trabalhadores, aventureiros, que não saberíamos evidenciar com precisão de onde vinham, nem o que faziam.<sup>132</sup>

Evidenciar com precisão de onde vinham e o que vinham fazer esses trabalhadores que entravam, e os que saíam, é um dos desafios atuais nesse estudo que se pretende transnacional.

Nesses sentidos colocados até aqui, que indicam um olhar transnacional, cabe apresentar um pouco do que se trata a proposta da *História Global do Trabalho*, para essa

---

<sup>131</sup> Apud GANDARA, Gercinair Silvério. 2008.p, 337.

<sup>132</sup>GANDARA, Gercinair Silvério. 2008.p 346.

discussão. Elenco seu principal autor e referencia na área, Marcel Van Der Linden que afirma:

No que diz respeito à metodologia, trata-se de uma “área de interesse”, mais de que um paradigma teórico bem definido ao qual todos tenham necessariamente que aderir. No que se refere aos temas, a História Global do Trabalho foca no estudo transnacional – e na verdade, transcontinental – das relações de trabalho e dos movimentos sociais trabalhistas na acepção mais ampla do termo, por transcontinental quero dizer o estudo que coloca todos os processos históricos num contexto mais amplo, por ‘menores’, em termos geográficos, que sejam esses processos, comparando-os com processos ocorridos em outros países, estudando as interações internacionais, ou usando uma combinação de ambos. O estudo das relações de trabalho envolve tanto o trabalho livre como o não livre, tanto o pago como o não pago. Os movimentos sociais dos trabalhadores envolvem tanto organizações formais quanto atividades informais. O estudo tanto das relações de trabalho quanto dos movimentos sociais requer que uma atenção igualmente séria seja devotada ao “outro lado” (empregadores e autoridades públicas). Relações de trabalho envolvem não apenas o(a) trabalhador(a) individual, mas também sua família, quando aplicável. Relações de gênero desempenham um importante papel tanto com a família, e em relações de trabalho envolvendo membros individuais da família. No que diz respeito ao período histórico estudado, a História Global do Trabalho não impõe limites à perspectiva temporal, embora na prática a ênfase é usualmente posta no estudo das relações de trabalho e movimentos sociais dos trabalhadores que emergiram com a expansão do mercado mundial, a partir do século XIV.<sup>133</sup>

Realizar estudos sobre associativismo operário, pela perspectiva da área de interesse da história Global do trabalho, em minha concepção, aumenta o nível de dificuldade não somente da metodologia empregada, mas do acesso as fontes, das próprias explicações que envolvem essas interações internacionais, o quadro complexifica-se a medida que essa empreitada está unida ao estudo do Mutualismo. As sociedades mutuais na historiografia mais usual, freqüentemente são entendidas enquanto realidades micro, com laços de atuações muito específicos, até mesmo privados segundo alguns historiadores mais próximos ao grupo dos pesquisadores que vislumbram mais a parte de seguridade social das associações, como já citados no primeiro capítulo.

A dificuldade de tal empreitada entretanto, é percebida por Van der Linden que alude a duas principais dificuldades para se escrever uma história global do trabalho, o autor elencandois erros por parte dos “nacionalistas metodológicos”, segundo Linden esses “são vítimas de dois erros intelectuais graves.

---

<sup>133</sup>VAN DER LINDEN, Marcel. *Trabalhadores do Mundo: Ensaio para uma História Global do Trabalho*. Campinas: Editora da Unicamp.2013,p.14-15

Em primeiro lugar, eles naturalizam o estado-nação. Com isso, quero dizer que eles consideram o estado-nação como sendo a unidade analítica básica e auto-evidente da pesquisa histórica.”<sup>134</sup> O Segundo erro grave que é apontado refere-se aos que “confundem sociedade com Estado e território nacional. Ou seja, eles partem do pressuposto de que as ‘sociedades’ (formações sociais) são geograficamente idênticas ao estado-nação, redes sociais múltiplas de poder não são sociedades única”<sup>135</sup>.

A afirmação de Van der Linden aponta-me para o repensar dos fluxos de idéias, de projetos societários que circulavam no período estudado, que vinham pelo atlântico da Europa principalmente, mas também da América Central, da própria América do Sul como da Argentina, e de outras regiões do Sul Global, aspectos espaciais que são partes constitutivas das sociedades mutuais de operários, dentro das sociedades Maranhense e Piauiense no início do século XX.

Linden adverte que as sociedades “Não são totalidades jamais encontraremos uma sociedade única, circunscrita num espaço geográfico e social.”<sup>136</sup>

Em situação concreta, o espaço do mutualismo operário no meio-norte brasileiro, passa por mim a ser integrado a uma perspectiva mais ampla, própria de um conceito geográfico de espaço-tempo que leve em considerações os intercâmbios operários da época. A análise desses dados faz com que as análises de dados locais em outros capítulos desse esforço acadêmico, passem por uma tensão permanente entre o local e o global, transformando o associativismo operário, no que a época era entendido como conexão de pensamentos, de projetos de liberdade e de sonhos em comum.

Nesses termos, Teresina e sua configuração operária não faz-se em torno dela mesma, não está fechada aos seus ciclos, Caxias também não, São Luís, Parnaíba, Amarante, Flores Codó, Floriano, Rio de Janeiro, São Paulo, Maceió, Sergipe, Lisboa, Manchester, Caiena, todos esses locais a certo modo tem uma conectividade, um ideal, uma bandeira, uma experiência em comum. O tal “pensamento” que os identifica segundo a Sociedade Centro Caixeiral de São Luís.

Tais configurações operárias, além de uma conectividade de projetos societários e experiências compartilhadas, apresentaram também em diversos momentos, projetos destoantes de diversos locais do mundo, e justificativas de comparação para o abandono de

---

<sup>134</sup> VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.15.

<sup>135</sup> VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.16

<sup>136</sup> VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.16

idéias políticas e sócias. O Anarquismo por exemplo, que será esmiuçado em outro capítulo, é uma demonstração de que para algumas sociedades mutualistas, as idéias dos anarquistas europeus não lhes trazia nenhuma simpatia, ao contrário, as viam com repulsa, condenavam seus métodos de ação.

Elucidar tais pontos de contato é o desafio do presente, para tentar romper com o “nacionalismo medológico”. Porém segundo Van der Linden “o maior obstáculo, (...) continua sendo nossa própria mentalidade.”

Na nossa mentalidade, ainda pensamos talvez um século XIX, ou mesmo início do XX, com locais distantes, desconectados, com associações operárias, trabalhadores com dificuldades para criar laços de um local para outro, unido a esse fato a ideia reducionista da compreensão do Mutualismo, principalmente a corrente historiográfica que vislumbra o mutualismo como uma espécie de extensão do poder estatal Liberal.

Provavelmente parte da dificuldade da grande fração dos trabalhos não só referentes a história do Trabalho, nesse quesito de se pensar as relações sociais para além do controle e participação do estado, seja o fato desses internalizarem a idéia de Rousseau, Locke e Hobbes, de Soberania, Território e Povo.

Desembocando em uma noção que restringe o campo de atuação do social e da cultura desde meados do século XVIII, ao espaço social regido por leis próprias de cada Estado ou região, a idéia de Montesquieu de que essas leis definem e diferenciam os estados, e essa divisão não atoa, segundo o filósofo tem o poder próximo de uma teoria geral da sociedade.

Há algum tempo já sabemos que o mutualismo é um fenômeno global, presente em diversos países em temporalidades próximas. Um importante estudo de Marcel Van Der Linder nos deu essa dimensão.<sup>137</sup> O olhar para as conexões históricas entre culturas, povos e costumes, no presente momento é também fortalecido pelos chamados estudos indianos, com a idéia de *Histórias Conectadas*, Sanjay Subrahmanyam, seu autor referência alude para a idéia de que é necessária romper com uma noção de história universal e se concentrar no que deve ser uma história global, o historiador para Subrahmanyam, não pode reproduzir uma identidade herdada de uma idéia fabricada de

---

<sup>137</sup> LINDEN, Marcel van der (ed.). *Social security mutualism. The comparative history of mutual benefit societies*. Bem/Berlin/Frankfurt/New Iork/ Wien: Peter Lang, 1996.

estado nação, assim a historia global teria a tarefa de fazer a conexão de histórias que ainda não conseguem vislumbrar a importância do estudo do “outro”.<sup>138</sup>

Com a área de interesse da *História Global do Trabalho* elucidada, e com uma indicação de possibilidade de se pensar nessa conexão entre as histórias, passo agora para a análise mais detida das interações nacionais e transnacionais das associações mutualistas do meio-norte do Brasil.

Um Ponto que refere-se tanto a relações no âmbito nacional quanto global trata-se da questão de um olhar global das associações mutualistas operárias referente ao tema da guerra.

O *Jornal dos artistas* em São Luís em 1908, e o *Jornal O Artista* em Parnaíba no Piauí em 1919 preocupam-se, com esse conflito mundial. No *Jornal dos artistas*, aparece em 1908, um artigo intitulado “O operariado contra a guerra”, e nesse artigo vem uma nota circular de São Paulo da *Folha do Povo* onde o Anarquista Edgard Leuenroth demonstra preocupação com o mundo, e a possibilidade crescente de militarização, uma pauta que segundo Leuenroth, faz-se pertinente a medida que diz respeito ao operariado do mundo inteiro, que pode ser prejudicado em caso de guerra.

A resposta a Leuenroth é publicada pelo *Jornal dos Artistas* no sentido de demonstrar que os tempos atuais não cabem mais guerras, conflitos mundiais, e que o operariado deseja paz e trabalho para fazer do mundo um lugar melhor<sup>139</sup>. Essa é uma questão internacional que agrupa associações do Brasil preocupadas com a ameaça de uma guerra, entretanto em 1908 ainda não havia tido a Primeira Guerra Mundial.

Comparado esse momento, com um momento posterior a Primeira Guerra Mundial, tem-se algumas observações que remontam a uma proximidade de duas associações mutuais e suas preocupações globais, para a Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba. Depois da primeira guerra mundial:

Nós um punhado de humildes operários ainda sob a imorredora impressão dos horrores da ultima guerra que durante cinco annos devastou a velha e culta Europa assombrando o resto do universo pensamos e queremos numa attitude salesiana, agremiar os nossos collegas, das diversas classes operarias desta sempre nobre e invicta cidade, para que unidos a nós, em sociedade,== unida e forte, possamos também, num assomo de crentes pela

---

<sup>138</sup>SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Em busca das origens da História Global*: Aula inaugural no College de France. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 30, n 60, p. 219-240 jan – abr 2017.

<sup>139</sup> O OPERARIADO CONTRA A GUERRA *Jornal dos artistas* Silvio de Lóres.8 e 15 do 11 de 1908

felicidade humana, commungar no grande, farto e interminável banquete da paz nascente[sic]<sup>140</sup>

A paz é uma bandeira unificadora desses trabalhadores, mesmo uns em uma cidade, e outros em outra, em períodos diferentes, uma mutual antes da guerra e uma depois da guerra é perceptível a tensão local-global. Estas são as primeiras letras do *O Artista* ao público leitor, que assinala uma grande conectividade daqueles operários com as questões da agenda mundial.

Um fato que é corriqueiro para os jornais operários da época, assinala também um movimento que estava ocorrendo a nível nacional e mundial, uma maior preocupação com a questão dos trabalhadores. Após a 1ª guerra, quando dar-se o Tratado de Versalhes, o mundo passa a se preocupar com a questão operária, com a questão social, para confluir essas preocupações, criam-se então as Conferências Internacionais do Trabalho, para assegurar novas políticas públicas aos operários do globo inteiro - que aquelas alturas já haviam amedrontado parte do mundo, já tinham demonstrado o que eram capazes de realizar, a exemplo trágico- para alguns - a Revolução Russa em 1917.

Todos esses vínculos nacionais e transnacionais apresentados até aqui, perpassam por associações de cunho Mutual. A noção de *História Global do Trabalho* em um estudo que se queira entender tal área de interesse nas sociedades mutualistas, pode parecer algo inatingível para uma parte da historiografia do mutualismo no Brasil, que considera apenas a dimensão privada do das Sociedades Mutuais, e as rotulam como tendo uma lógica de funcionamento muito restrita, privativa.

Tento visualizar as formas de ação e o comportamento social de tais associações, que por várias vezes demonstram um mutualismo internacionalizado, não esquecendo sua definição tradicional de seguridade privada, porém buscando por melhorias sociais e exemplos nas condições de vida de outros trabalhadores ao redor do globo..

Marcel Van der Linden traz algumas definições do Mutualismo, concernentes a sua preocupação com o global, entre elas, “O termo mutualismo se refere a todos os sistemas voluntários, nas quais as pessoas contribuem para um fundo coletivo, que é, no

---

<sup>140</sup> MERCURIO. Agosto de 1919. *O Artista*, Parnaíba, Ano1, n.1, p.1, 15 ago. 1919.

todo ou em parte, pago a um ou mais dos contribuintes segundo regras específicas de alocação”.<sup>141</sup>

Linden alça o termo “Solidariedade transfronteiras”, para explicar tais fatos, ele firma algumas prerrogativas para o que denomina como “Internacionalismo operário” e explica que existem “razões que fazem com que grupos de trabalhadores de diferentes países se unam para tentar promover seus interesses em comum”<sup>142</sup>, são apontados quatro motivos para a compreensão do internacionalismo operário, dentre os quatro, o primeiro refere-se a “Identidade de interesses grupais de curto prazo”, nessa motivação, “As condições de vida e de trabalho dos trabalhadores de dois ou mais países mudam de tal forma que seus interesses se tornam mais ou menos idênticos, criando a possibilidade de uma promoção conjunta de interesses.”<sup>143</sup> O internacionalismo nesse ponto se assemelha a algumas alusões dos trabalhadores do meio-norte Brasileiro com os trabalhadores da Argentina.

A mutual Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, através de seu jornal destaca que é urgente instruir o operário, e que o exemplo a ser seguido, deve ser o de algumas associações operárias da Argentina que tem conseguido inúmeros benefícios - refere-se no jornal o fato de um grupo de trabalhadores argentinos que segundo a compreensão dos redatores são mais polidos, menos entregues a radicalidade, e que esses tem conquistado benefícios que outros grupos de trabalhadores não os tem conseguido através de outros meios, mas o jornal adverte contraditoriamente a sua fala anterior que “Essas associações porém não devem observar a sentimentos egoístas”, e termina o assunto com a notícia de um congresso internacional de trabalhadores ocorrido na Argentina, e festejando a união internacional dos trabalhadores.

O exemplo Argentino, está assim como a publicação desse jornal operário, situado ao final dos anos 1920, Segundo Norberto Ferreras, na Argentina desse período:

Os sindicalistas revolucionários, mesmo quando não participavam eleitoralmente, diferiram dos anarquistas no fato de manter relações, e quase sempre boas, com o governo de Yrigoyen. Grande parte das conquistas operárias do período se deviam muito mais à intermediação deste grupo em determinados conflitos e ao acesso direto que tinham às altas esferas do governo, que às táticas socialistas. Para o governo de Yrigoyen era muito mais proveitoso atender às

---

<sup>141</sup> VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.95

<sup>142</sup> VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.290

<sup>143</sup> VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.290

demandas deste grupo, desautorizando aos reclamos socialistas e mostrando que o crescimento eleitoral não se traduzia em conquistas para os trabalhadores.<sup>144</sup>

A atitude da sociedade mutual em questão é perfeitamente compreensiva, pois existe como Linden afirma uma “ possibilidade de promoção conjunta de interesses”, quando se analisa o perfil político dessa mutual, vimos semelhanças com os grupos dos sindicalistas revolucionários citados por Norberto Ferreras, já que no estatuto de tal associação, estava claro “9º Não tomar parte directa ou indirectamente nos pleitos eleitoraes nem adotar este ou aquelle partido político local.[sic]”<sup>145</sup>. Em outros trechos os artistas ,fazem deboche da Política representativa:

Eis aqui um interessante questionário: Que é política? \_ É a sciencia que ensina a viver do orçamento. \_ Que é orçamento? \_ É a panela nacional onde todos desejam metter a colher. \_ Como se divide a política? – Divide-se em partidos. \_ Pode dizer-me quantos partidos há? – Dois, o dos que estão em cima e dos que estão em baixo. – Costumam inverter essas funções políticas? – Sim senhor, por meio de uma troca de papéis que determina uma revolução. – E então o que succede? – Succede que aqueles que esmagaram grittam, e os que grittaram esmagam. – Obtêm-se por meio dessa inversão algum beneficio político? – Não, senhor, porque a ordem dos factores não altera o producto. [sic]<sup>146</sup>

Os trabalhadores da Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, naquele momento tinham a consciência do que se passava pela Argentina, referente a condição operária. Estavam atentos as mudanças na sociedade daquele país, que “tinha mudado significativamente, não era mais uma sociedade que olhava para o trabalho como um elemento menor. Agora os trabalhadores tinham a quem e como reclamar, embora isso não fosse totalmente certo, mas pelo menos a sua presença era considerada central.”<sup>147</sup>

Dessa maneira, essa unidade operária que indicava uma identificação com o outro, para além de projetos societários perpassava também pelas próprias condições de vida.

---

<sup>144</sup> FERRERAS, Norberto O. The Contemporary Argentine Society Constitution. Society and Work between 1880 and 1920. História, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 170-181, 2006 P.178

<sup>145</sup> BASE PARA A FUNDAÇÃO. *O Artista*, Parnaíba, Ano1, n.1 15 ago 1919, p.1.

<sup>146</sup> A POLITICA. *O Artista*, Parnaíba, ano1, n.1, p.3, 15 ago. 1919.

<sup>147</sup> FERRERAS, Norberto O. The Contemporary Argentine Society Constitution. Society and Work between 1880 and 1920. História, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 170-181, 2006 P.P179

Consegui encontrar em levantamentos da imprensa operária, relatos empíricos de contatos de sociedades de auxílio mútuo de Teresina, Caxias, Parnaíba e São Luís com agremiações de Buenos Aires.

Alguns esforços já foram feitos através de uma pesquisa em relatórios da companhia de navegação a vapor do Maranhão, no Arquivo Nacional, é possível identificar nomes de trabalhadores, e de onde vinham. Encontrei uma embarcação chegando a Tutóia cheia de trabalhadores de Buenos Aires em 1914.<sup>148</sup>

Entretanto, qual o outro pano de fundo que pode também explicar essa ligação latino-americana? Uma de minhas hipóteses, parte da própria experiência de vida dos trabalhadores e trabalhadoras do período, que atravessam similaridades não somente com a Argentina mas por muitos outros países.

A questão operária na virada do século XIX para o XX, faz parte da agenda mundial das preocupações de governos, entidades, grupos intelectuais - alguns desses grupos preocupavam-se com as condições de existência da classe trabalhadora, condições de sobrevivência que em minha visão pode ser usado para explicar algumas conexões globais operárias do período.

Norberto Ferreras afirma que na Argentina do início do século XX, os trabalhadores viviam em locais que possibilitaram o surgimento de aspirações operárias, pois

Foi nesses espaços de classe, claramente segregados dos espaços burgueses, que as idéias socialistas e anarquistas floresceram e cresceram. O conventillo, os bairros de choupanas e as casas pobres foram as sedes das primeiras e difusas instituições operárias. Daqui surgiram outras instituições, baseadas no reconhecimento de pertença a um grupo diferente dos proprietários e patrões, que atenderiam aos interesses políticos e culturais dos trabalhadores, tais como bibliotecas, grupos teatrais e locais políticos.<sup>149</sup>

Essas mutuais surgem desses espaços, são trabalhadores que vivem nesses espaços, desse mundo que tem realidades locais mas que também são internacionais, pois a condição operária da virada do século XIX para o XX, parece estar muito próxima, já que as relações do grande Capital seguem uma lógica de mercado de um liberalismo excludente no período estudado.

---

<sup>148</sup> In: Microfilme AN 553/2001

<sup>149</sup> FERRERAS, Norberto. O cotidiano dos trabalhadores de Buenos Aires 1880-1920. Niterói. EDUFF2006.p.89

A agenda do capitalismo para algumas regiões do mundo, de certa maneira consegue aproximar as condições de vida de trabalhadores da Argentina e do Brasil como dos operários de Manchester, da Bélgica e de outros Países.

O próprio sonho da elite do meio-norte no Brasil do século XIX em transformar a Caxias na Manchester Maranhense, evoca tais questões, a medida que se nos detivermos as reais condições dos trabalhadores de Manchester no século XIX e compararmos aos projetos que estavam sendo implantados no meio-norte brasileiro para o operariado, vamos perceber algumas convergências nas condições de vida dos trabalhadores e trabalhadoras, perceberemos ainda, um dos motivos pelo qual o mutualismo nessa região ter assumido caráter de luta, até mesmo contra a ordem vigente e contra o capital<sup>150</sup>.

O rótulo de Caxias, enquanto Manchester Maranhense já se opera enquanto uma tentativa de se perceber aquela cidade enquanto internacional, e no sonho de se construir um pólo de indústrias ao redor de Caxias. Em Teresina por exemplo a maior fábrica no início do Século XX, era uma fábrica de fiação, dos mesmos proprietários da fábrica de fiação de Caxias fundada no século XIX, um desses donos, fora quem primeiro cunhou o termo eufórico de “Manchester Maranhense”.

Ainda sobre essa idéia de Manchester, Friedrich Engels, tendo estudado a situação dos operários e das operárias na Inglaterra do Século XIX, evidenciou alguns aspectos da própria cidade da época “Manchester é constituída de um modo tão peculiar que podemos residir nela durante anos, ou entrar e sair diretamente dela, sem jamais ver um bairro operário ou até mesmo encontrar um operário.”<sup>151</sup>

Assim como a cidade de Manchester foi pensada para esconder seus operários, a São Luís do final do século XIX também fora projetada com a mesma idéia arquitetônica, segundo relatos<sup>152</sup> os negros, os trabalhadores viviam em locais fétidos, pouco ventilados, porões por debaixo de armazéns, casarões, lugares entregues a toda sorte de doenças.

Teresina, da mesma maneira em fins do século XIX e início do XX, reservava moradias em verdadeiros casebres, choupanas, bem afastados das áreas centrais da cidade,

---

<sup>150</sup> No Jornal da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, é percebido vários embates contra a ordem econômica vigente, “Pelas fabricas, pellas officinas, pellas lavouras, vemos centenas de homens a trabalhar para um só individuo acumular riquezas, e elles, d’ali, como escravos inconscientes, onde esgotaram toda actividade da vida, onde viram desaparecer os sonhos e as illusões da mocidade, chegam ordinariamente, ás portas da velhice, sem ter um abrigo para as noites de desalentos, sem ter um pedaço de pão para mitigar a fome e de seu filho no dia d’amanhã... [sic]” in: BAPTISTA, Zito. *Pelo Socialismo I. O Operario*, Teresina, ano 1, n. 15, p.1, 23 jun 1906.

<sup>151</sup> ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, São Paulo, Boitempo, 2008, P.88

<sup>152</sup> Almanack dos Pobres. São Luís, 1886.

que assim como São Luís e Manchester era possível um visitante entrar e sair de tais cidades sem necessariamente cruzar com um operário, Teresina tinha uma rua de trabalhadores denominada “Rua dos negros”, onde grande parte da classe trabalhadora morava segregada, residiam ali até mesmo crianças, meninas de 9 a 14 anos as quais eram a principal mão de obra da extensão do sonho da “Manchester Maranhense” no Paiuí, a fábrica de fiação.

Em Parnaíba a situação era parecida, além das condições miseráveis de vida, que os “vinte e tantos mil trabalhadores e trabalhadoras sofriam com uma vida sacra, a dor e o desespero” segundo a sociedade mutual dos artistas Liberais- as doenças sexualmente transmissíveis chegavam a mulheres, filhas dos operários pobres, que tinham de se entregar a prostituição pelas praças, e pelo cais, para conseguirem um dinheiro para sobreviver.

Segundo Engels os bairros, as moradias:

Resumindo o resultado de nosso percurso através deles, diremos que 350 mil operários de Manchester e arredores vivem quase todos em habitações miseráveis, úmidas e sujas; que a maioria das ruas pelas quais têm de passar se encontra num estado deplorável; extremamente sujas, essas vias foram abertas sem qualquer cuidado com a ventilação.<sup>153</sup>

As semelhanças, confirmam idéia de que é necessário pensar no operariado e suas ações de uma maneira global, com essa visão o Historiador Marcelo Badaró Mattos percebe que ;

A reconfiguração recente da classe trabalhadora parece ter sensibilizado também os olhares dos historiadores sobre o passado, gerando debates que, a partir de diferentes ênfases teóricas ou de pesquisas empíricas variadas, convergem para a necessidade de complexificação do entendimento das relações de trabalho e do perfil da classe trabalhadora nas diferentes situações históricas a partir das quais o capitalismo se implantou em escala global.<sup>154</sup>

Perceber essas situações históricas imbricadas na classe trabalhadora na medida da implantação de um capitalismo global, é uma tarefa difícil, entretanto caso se queira enfrentá-la, uma possibilidade é observando maneiras como os trabalhadores respondem a essa lógica de um capitalismo global.

---

<sup>153</sup>ENGELS, Friedrich.2008, P.104-105

<sup>154</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalho, classe trabalhadora e o debate sobre o sujeito histórico ontem e hoje* .p,119. In; DAVID NEVES, Renake Bertholdo. *Trabalho estranhamento emancipação*. coleção NIEP MARX, vol I, Rio de Janeiro: editora Consequencia, 30/07/2015

No meio-norte brasileiro o exemplo, a social democracia alemã do início do século XX, teve muita reverberação no meio do mutualismo, pois a “aspiração do Partido Socialista Alemão, é a de conquistar os trabalhadores ruraes, incluindo entre elles os pequenos proprietários. Si é a união que faz a força, a união das classes sacrificadas poderá mais do que uma só.”<sup>155</sup>

Havia na época em diversas mutuais a admiração pelo “socialismo alemão” ou a social democracia, não por acaso um alemão aparece como esperança de uma solução para as lutas da classe trabalhadora no período, e no território vivido, no início de cada numero do jornal *o operário*, e que corrobora com a idéia da necessidade de se arriscar aos erros e acertos metodológicos dos caminhos da história global do trabalho, a frase em questão é do alemão Karl Marx “Trabalhadores do mundo inteiro todo Uni- vos”.

Essa Frase encontrava-se sempre em cada número do órgão de propaganda da Aliança Federativa dos Obreiros do Piauí, que assim como outras mutuais buscavam sempre informações sobre o mundo naquela época, o exemplo político dos operários na Alemanha parecia ser o mais desejado, devido a informações que chegavam até aquelas mutuais.

Segundo Marcel Van der Linden, um dos pontos que ajudam a pensar um internacionalismo operário é “A troca de informações. As lideranças operárias há muito reconhecem a necessidade de compreender o desenvolvimento dos salários e dos preços, a legislação trabalhista etc. em outros países.”<sup>156</sup>

A receptividade de tais informações não fazia-se algo automático, havia uma certa apreensão crítica, principalmente por parte das elites letradas que também compunham os quadros de muitas sociedades de socorros mútuos o jornal *O operário* observa que;

“Há um obstaculo muito sério á tão elevado desideratum, e este obstáculo é o espírito de revolta, que infelizmente, na velha Europa, e em muitas das nações Americanas, vai se infiltrando nas classes, sobre diversas formas doutrinarias(...) De todos os recantos do mundo civilizado chega-nos a noticia dessas lutas, onde se patenteiam bem os motivos de sua existencia. Aqui são as greves, ora parciais, ora geraes que levantam-se altivas em busca de vitorias meramente problematicas, ali são os comícios em que se discutem os meios de levaravante a solução do magno problema que preocupa os espíritos. [sic]<sup>157</sup>

---

<sup>155</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. Ordem do dia. *O Operário*, Teresina, ano 1, n.11, p.2, 21 mai. 1906.

<sup>156</sup> VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P.293

<sup>157</sup> FREITAS, Clodoaldo. Justo Desideratum. *O Operario*, Teresina, ano1, n. 11, p.1, 21 mai. 1906.

É notável a preocupação com as greves, com as agitações operárias - a mutual em questão preferia outros meios de resolução do problema do operariado, meios que recusavam uma ação mais direta, no entanto o que nos interessa nesse ponto é a visão que se tinha da Europa, e acrítica a um certo rumo que o operariado Europeu estava tomando.

Também circulava o pensamento, em certo caso, de que as mutuais do sertão podiam influenciar as agremiações operarias do mundo todo, inclusive

do mesmo modo que os ecos longínquos dos nossos irmãos da Europa chegaram até nós, fortes e penetrantes, assim teremos a alegria de ver as nossas palavras em doce tremular, reverberarem-se por essa massa que reagita precipite na cooperação incessante e trabalhosa para o engrandecimento da classe.<sup>158</sup>

Essa alegria da sociedade mutualista Club Patriótico dos Artistas Caxienses, é a mesma alegria em defender uma causa que era dos mineiros Belgas, no trecho acima é nítido a concepção de que embora longe das palavras dos irmãos trabalhadores do velho mundo, elas chegaram até aqueles trabalhadores no interior do sul global, não apenas chegaram como encontraram receptividade.

Porém, essa não era uma via única, a internacionalização operária era entendida de um modo participativo, os trabalhadores tinham a perspicácia de entender que as palavras de um jornalzinho de uma sociedade mutual do sertão do Brasil chegariam a tremular, reverberar-se pelo mundo, o sertão para aqueles trabalhadores era do tamanho do mundo.

Como a epígrafe inicial de Guimarães Rosa sugere. O que fazia do sertão do tamanho do mundo eram os laços de cooperação que deveria ser incansável para o engrandecimento da classe. Mas de qual classe aqueles operários se referiam? A qual classe se identificavam naquele local? Uma classe de trabalhadores de Caxias ? do Maranhão? Do meio norte do Brasil?

O que no mínimo, deve-se abstrair é que naquele momento embora a sociedade mutual em questão, se auto denomine “patriótica” em seu próprio nome, esse patriotismo parece estar voltado para uma, “Identidade indireta de interesses grupais”, que ocorre quando “Os trabalhadores de um país apóiam a melhoria da situação de trabalhadores de outro país que enfrentam condições ainda piores, por que essa melhoria é uma condição

---

<sup>158</sup>*O Artista Caxiense*, Caxias, anoII, n.20, p3, 09 jun. 1891. Jornal operário e instrumento de propaganda da sociedade Club Patriótico dos Artistas Caxienses.

para o sucesso da promoção de seus próprios interesses.”<sup>159</sup> Como no caso supracitado dos mineiros Belgas.

Essas conexões globais no meio-norte brasileiro, davam-se também nas próprias relações de trabalho, principalmente dos trabalhadores portuários, segundo Linden;

Alguns grupos de trabalhadores da área de transportes ( marinheiros por exemplo) viajam constantemente de um país para o outro, já sendo, portanto, organizados em nível internacional. As atividades coletivas relacionadas a suas condições de trabalho, por tanto, já de partida têm uma dimensão transnacional.<sup>160</sup>

O fluxo de trabalhadores estivadores, marinheiros entre os portos de Tutóia no Maranhão e Amarração no Piauí, bem como suas história ajudam a traçar o tom transnacional das relações de trabalho que se davam no período.

Somente no ano de 1918 foram exportados 1.710,270 milhões de kilos de cera de carnaúba para a Alemanha, 686.521 mil kilos para a Grã Bretanha, 941.183 mil para os EUA, 20.568 mil kilos para a Bélgica, 508.576 mil para a França, toda essa mercadoria de exportação<sup>161</sup>, circulou pelos portos de Parnaíba e do Maranhão.

O trabalhadores na época tinham a noção da internacionalização desse trabalho de exportação, como o senhor JeremiasRicardo Lima, que trabalhava para a firma do senhor Jacob, um francês que tinha um comércio de exportação e importação, segundo seu empregado;

A firma exportava cera de carnaúba quem comprava era os Estados Unidos, em grande quantidade. Comprava também, o babaçu, tucum, mamona, milho, couro de boi, algodão, goma de mandioca e muitos outros produtos... A batata de purga, era exclusividade da Alemanha, era especialidade dela... pra fazer remédio. Em resumo até osso de bicho que morriam eles compravam o osso. A Alemanha comprava isso. O maior freguês era o americano da cera de carnaúba.<sup>162</sup>

Jeremias afirma também que era “questão de se você saísse daqui cinco horas da manhã chegava lá de noite aí passava a carga das alvarengas para os navios que saía de Tutóia, pro destino deles, América do Norte, Inglaterra, Alemanha, esses países todos,

---

<sup>159</sup> VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P,290.

<sup>160</sup>VAN DER LINDEN, Marcel.2013, P, 292.

<sup>161</sup> Fonte: Carta CEPRO 1981.

<sup>162</sup> Apud GANDARA, Gercinair Silvério. 2008.p.334.

dependia da carga que eles levavam. Mas a maioria era inglesa, americana e da Alemanha que era país que comprava”<sup>163</sup>

Jeremias tinha a noção de que todos aqueles países dependiam da carga que era movimentada por aqueles trabalhadores. Assim ele se percebe inerte em um sistema mundial de produção e circulação de mercadorias, além de experienciar uma relação diferente com o próprio tempo. Jeremias e outros operários estivadores orientavam-se muitas vezes pelo horário de Londres, da Ilha da Madeira, de Paris entre outras cidades.

Na historiografia do trabalho no Brasil, existem estudos recentes que já pensam a relação do trabalhadores que trabalharam juntos estivas da terra e do mar, essa realidade também houve em Recife em um período um pouco atrás do nosso estudo inicial, eram pretos descendentes de africanos também,

Na década de 1850, africanos e seus descendentes das mais variadas condições jurídicas, alemães, belgas e portugueses labutaram em canteiros de obras públicas recifenses. Esses espaços permitiram que concepções de trabalho justo fossem misturadas com areia, cimento, cal e água. O produto dessa síntese foi um dos materiais de construção que colaborou com a edificação do proletariado atlântico, empreitada que se iniciou nos séculos XVII e XVIII – como propôs *A hidra de muitas cabeças*. Por meio das fontes e das análises realizadas nesse artigo, percebemos que o proletariado atlântico residente na capital pernambucana experimentou peculiaridades constituintes, fruto da dialética entre global e local.<sup>164</sup>

Necessitamos pensar o mutualismo brasileiro a luz de novos estudos, percebendo essa dialética local global, e o quanto disso influenciou os operários no meio norte e quanto o meio norte influenciou operários de outras partes do mundo.

Porém como afirma Marcel Van der Linden, “A pesquisa sobre a verdadeira história do internacionalismo da classe trabalhadora ainda se encontra em seus primórdios, apesar dos importantes avanços ocorridos nos últimos anos.”<sup>165</sup>

Outro trabalhador portuário que nos dá indícios das relações de trabalho de uma maneira mais ampla ao redor das exportações, e do internacionalismo da classe trabalhadora é Doca Monteiro que afirma “aqui devida já experimentei de tudo, vaqueiro,

---

<sup>163</sup> Apud GANDARA, Gercinair Silvério. 2008, p.334.

<sup>164</sup> MAC CORD, Marcelo. *CONEXÕES ATLÂNTICAS NOS CANTEIROS DE OBRAS PÚBLICAS RECIFENSES: LUTAS SUBALTERNAS CONTRA A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO. DÉCADA DE 1850*. REVISTA DE HISTÓRIA COMPARADA, Rio de Janeiro, 7, 1: 156-185, 2013. P. 180

<sup>165</sup> VAN DER LINDEN, Marcel. 2013, P. 291.

de tocador de carga, tudo, tudo, tudo já experimentei: comerciante, fui comerciante de loja de tecidos, fui comerciante de mercearia...”<sup>166</sup>

Essa afirmação de Doca Monteiro, de já ter feito de tudo é bem característico do tipo de relação de trabalho estabelecida em países de capitalismo periférico no mundo daquele momento.

Caso pensemos na extração, e comercialização de commodities como a cera de carnaúba, vamos vislumbrar que é necessário diferentes relações de trabalho em diferentes cadeias de trabalho para a extração; a comercialização da matéria bruta, a extração do pó, até a exportação, o processo passa por várias relações de trabalho, formas de pagamento, trabalho por hora, por quantidade, e por dia, formas de trabalho que eram denunciadas pelas mutuais da época, comparadas a formas de trabalho escravizado de fato.

Para entender melhor a perspectiva da história global das relações de trabalho, bem como fornecer meios adequados para interpretação desses fenômenos dos trabalhadores a nível do globo, Marcel Van der Linden traz a teoria do *sistema-mundo* de Warllestein, nessa maneira, é observado por Immanuel Warllestein que;

uma característica essencial do *sistema-mundo* capitalista: o trabalho assalariado é de fato uma característica definidora do capitalismo, mas não em todos os empreendimentos produtivos. O trabalho livre é a forma de controle do trabalho usada para os trabalhadores qualificados dos países centrais, ao passo que o trabalho forçado é usado para os trabalhadores de menor qualificação das áreas periféricas. A combinação de formas, portanto, é a essência do capitalismo. Quando a totalidade do trabalho, em todas as regiões é livre, temos o socialismo.<sup>167</sup>

O trabalhador Jeremias Ricardo por exemplo, relata a jornada de trabalho dele e de alguns companheiros;

O sujeito fugia e se escondia pra descansar, porque o serviço era dia e noite, tinha época de embarque que você não pegava só o dia não, você pegava dia e noite pra dar conta do serviço. isso ocorria por causa da estadia do navio, estadia marcada. Chegava tal dia com saída marcada para o dia tal. Então tínhamos que despachar antes daquele dia. Ia pra Tutóia dentro do prazo. Isso nunca falhou. Eu trabalhei muitas noites pra chegar a tempo do serviço lá<sup>168</sup>.

---

<sup>166</sup> Apud GANDARA, Gercinair Silvério. 2008, p.333.

<sup>167</sup> WARLLESTEN, Immanuel. *Modern World-system I*, p.127.

<sup>168</sup> Apud GANDARA, Gercinair Silvério. 2008.p 337.

O que fica nítido em tal fala de Jeremias, para além da jornada exaustiva, era o fato de o relógio daqueles operários, a própria concepção de tempo deles pautava-se pela lógica de um tempo global, o relógio dos operários estivadores naqueles portos do Piauí e Maranhão, eram relógios globais.

De tudo que fora colocado nesse texto que faz parte de um esforço de pesquisa, talvez o que se tenha que perceber em última instância é que o global, os intercâmbios internacionais faziam parte da experiência associativa e do formar-se de uma consciência de classe dos operários e operárias estudados até aqui, o elemento do internacionalismo operário esteve presente no tempo estudado, e como nos adverte E. P. Thompson “nenhuma formação de classe específica é mais autêntica ou mais real que outra. As classes se definem de acordo com o modo como tal formação acontece efetivamente.”<sup>169</sup>

No início desse texto, a epígrafe que é o trecho da música de Luiz Gonzaga refere-se aos rumos das águas do Rio São Francisco, o autor se coloca no lugar de um peixe na segunda parte da música, e afirma que faria o caminho contrário o das águas em direção ao continente, somente para “ver o meu brejinho/Fazer umas caçada/Ver as "pega" de boi/Andar nas vaquejada/Dormir ao som do chocalho/E acordar com a passarada/Sem rádio e nem notícia/Das terra civilizada.”

Esse desejo de aproveitar um tempo lúdico, sem notícia daquele fluxo internacional, tentando fugir daquela cadeia global de trabalho, talvez fosse a vontade do operário Jeremias, pois “se pensa que eu terminava um serviço desse e ia dormir não, eu ia era pra farra, pra qui, pra culá tinha muito lugar pra ir.”<sup>170</sup>

### Capítulo III

#### **ORGANIZAR A CLASSE: Sociedades mutuais e Ideários sociais**

---

<sup>169</sup> THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e falsa consciência In: *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas Editora da Unicamp, 2001.

<sup>170</sup> Apud GANDARA, Gercinair Silvério. 2008. p.337.

*Depois de compreender a lógica interna do processo histórico, o Partido "educa" os trabalhadores, que serão o instrumento consciente da realização do fim da história.*

*Slavoj Zizek*

## **Espectros de Anarquismo**

Ainda nos tempos de colégio, me lembro de um diretor que sempre ao reclamar com os alunos dizia “respeitem essa instituição, respeitem o professor em sala de aula!” e quando o tom de sua voz subia ele bradava “Vocês estão pensando que isso aqui é bagunça?! Bando de anarquistas!”. Aquela rotulação de “anarquista”, para mim e meus colegas sempre fora motivo de diversas interpretações, naquela época a maioria de nós achava a palavra engraçada, a entendíamos como sinônimo de bagunça generalizada, de desordem de caos.

Um período mais a frente, já na graduação em História tornei a ouvir algo parecido ao participar das lutas estudantis, contra o aumento das passagens em 2012, e posteriormente no movimento que conhecido como “jornadas de junho” em 2013, vivi uma experiência que me recordou os tempos de colégio, dessa vez junto de outros amigos, ouvi “Bando de anarquistas! O que vocês querem é bagunçar a luta revolucionária!”. Dessa vez a afirmação não partira de um diretor membro de uma instituição educacional mas sim de um dirigente partidário, de uma corrente de esquerda partidária revolucionária. Fato que corrobora com a irônica epígrafe de Slavoj Zizek no início do texto.

Para além motivos dessas duas afirmações em períodos e em contextos distintos, percebo que a palavra anarquismo está carregada de caricaturas, assim como a própria concepção do que de fato é o anarquismo, esse tipo de confusão, unido a essa visão que associa o anarquismo a desordem, a bagunça, ou mesmo o associando a um empecilho a luta por uma revolução social – esses argumentos não são uma novidade.

Na História da classe trabalhadora no Brasil, é possível perceber desde o início do século XX, fortes propagandas anti-anarquistas, para responder por um lado o forte crescimento do anarquismo no Brasil.

Para José Albertino Rodrigues no que se refere ao movimento operário, “os aspectos marcantes do período são dados pelos anarquistas, que construíram o grupo mais

ativo e aguerrido, conduzindo o movimento operário com determinação e bravura, justamente numa época em que a violência policial foi das mais fortes”<sup>171</sup>.

Embora a historiografia recente já tenha relativizado as colocações de José Albertino, é possível entender as correntes anarquistas em um lugar de destaque dentro da História operária no período do início do século XX.

Nessa compreensão, pretendo em meu estudo, analisar a presença de ideais anarquistas no meio norte da primeira república, visualizando as críticas que se fazia ao anarquismo, e também as próprias idéias anarquistas que circulavam, através da imprensa, e principalmente da imprensa operária do período.

O anarquista Edgar Rodrigues, um “sujeito agente e pensante, um intelectual orgânico do anarquismo, um militante, produtor e divulgador de uma cultura libertária”<sup>172</sup> em sua obra<sup>173</sup> cita três jornais operários que segundo o autor são do Piauí “A Revolta (1919); A Voz do Trabalhador (1920); O Artista (1919).

Nesse artigo irei analisar algumas referências críticas ao anarquismo no Jornal *O Operário* de 1906, e apresentar tanto críticas como proximidades com o anarquismo no Jornal citado por Edgar Rodrigues *O Artista* surgido em 1919 na cidade de Parnaíba.

Pretendo nessa análise, apresentar um mundo operário fora do eixo Rio-São Paulo que ainda carece de estudos mais empíricos, busco assim evidenciar tanto a presença de idéias libertárias quanto as críticas desses ideais libertários, por parte de duas associações mutualistas. A aliança Federativa dos Obreiros do Piauí e a Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de Parnaíba, a primeira tinha como órgão de propaganda o Jornal já citado *O Operário*, e a segunda detinha *O Artista*.

Em sentido primeiro, é necessário o entendimento que na Primeira República circulavam idéias que estavam presentes no mundo inteiro da época, ideais Anarquistas, Socialistas, Positivistas entre muitos outros. O que ajudava a transformar a imprensa operária em um palco de disputas ideológicas das mais diversas - segundo Bóris Fausto ;

Mais importantes talvez do que frágil sindicato, o jornal constitui um dos principais centros organizatórios anarquistas e de difusão da propaganda.

---

<sup>171</sup> RODRIGUES, José Albertino. *Sindicato e desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia, 1968, p.10.

<sup>172</sup> ADDOR, Carlos. *UM HOMEM VALE UM HOMEM: memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues*. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2014, P.22

<sup>173</sup> RODRIGUES, EDGAR. *Pequena história da História da imprensa social no Brasil*. Rio de Janeiro, 1996. Disponível em [http://www.portalgens.com.br/pequena\\_historia\\_da\\_imprensa\\_social\\_no\\_brasil.pdf](http://www.portalgens.com.br/pequena_historia_da_imprensa_social_no_brasil.pdf).

Veículo de expressão escrita, transforma-se também com frequência em veículo oral, ao ser lido em voz alta para os trabalhadores analfabetos. Quando consegue manter certa continuidade ao longo dos anos, espelha as condições do movimento social.<sup>174</sup>

Essas notícias, nesses veículos de expressão, circulavam pelo globo nesse período, a questão operária era um tema internacional, as preocupações com as relações de trabalho e com as formas como os trabalhadores ao redor do mundo encampavam a luta contra a exploração, fazia com que diversas partes do mundo estivessem conectadas de certa maneira.

A Historiadora Teresinha Queiroz, ao pesquisar a intelectualidade na Primeira República, traz importantes reflexões sobre ideários sociais que circulavam no nordeste Brasileiro, Queiroz aponta para a Faculdade de Direito do Recife como local privilegiado e porta de entrada para o pensamento filosófico materialista, segundo a Historiadora os contatos iniciais com Proudhon, Feuerbach e Marx, dentre muitos outros autores advinham de Pernambuco.<sup>175</sup>

Benedict Anderson, em seu livro *Sob Três Bandeiras*, recentemente publicado no Brasil estuda as relações internacionais do anarquismo e do anti-colonialismo em pelo menos três países de forma mais atenciosa no século XIX, segundo o autor "Tanto Filipinos quanto Cubanos encontram, em diferentes medidas, seus aliados mais fiéis em meio aos anarquistas franceses, espanhóis, italianos, belgas e britânicos- cada qual por razões próprias, com frequência não nacionalistas".<sup>176</sup>

Anderson reflete ainda sobre o mundo do final do século XIX e início do XX, sobre a possibilidades de ter realizado tais estudos - é afirmado que foram "possíveis por que as ultimas décadas do século XIX testemunharam a gênese do que poderia ser chamado de 'globalização incipiente'. A invenção do telégrafo foi rapidamente seguida por muitos aperfeiçoamentos e pela instalação de cabos submarinos transoceânicos. O 'cabo' logo passou a ser visto como algo natural por cidadãos de todo planeta."<sup>177</sup>

---

<sup>174</sup> FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social*. São Paulo: Difel. 1977, p.91.

<sup>175</sup> Cf. QUEIROZ, Teresinha. *Os Literatos e a República*. Edufpi. 2011, p. 266.

<sup>176</sup> ANDERSON, Benedict. *Sob três Bandeiras: Anarquismo e imaginação anticolonial*. Campinas/Fortaleza: Editora da Unicamp/Editora da UECE, 2014, P.20.

<sup>177</sup> ANDERSON, Benedict. *Sob três Bandeiras: Anarquismo e imaginação anticolonial*. Campinas/Fortaleza: Editora da Unicamp/Editora da UECE, 2014, p.20

Com essa idéia de conectividade e de circulação de idéias que parto para análise de algumas páginas do jornal *O Operário*, que no dia primeiro de Maio de 1906, dia importante, traz textos referentes mais ao trabalho em si do que ao trabalhador. Porém um desses textos incide sobre a questão dos tão distantes naquele momento, direitos trabalhistas. Naquele momento havia uma nascente preocupação em todo o mundo em se discutir uma composição de Lei do Trabalho, rearranjando<sup>178</sup> o sistema liberal capitalista, que até pouco tempo atrás afirmava inaceitável qualquer regulamentação que fosse parte a parte do patrão/operário, ou capital/ trabalho, por isso discutiam na época que a:

lei do trabalho feito de acordo com as necessidades do corpo e do espirito de cada um desses desherdados; premiando o esforço; associando o trabalhador ao capitalista que até hoje tem sido dono exclusivo das riquezas collosaes adqueridas pelo mourejar dos pequenos. [sic]<sup>179</sup>

Neste ponto e em muitos outros, há a tomada de parte que *O Operário* efetua, ao lado dos trabalhadores, “trabalhadores ordeiros”, que respeitam as leis – já para os trabalhadores europeus, o tom do jornal muda, encarando-os como trabalhadores errantes, precipitados, pois eram agitadores, gostavam de desordem, e aqui, há que se abrir uma explanação para que fique claro como já fora citado, que a questão operária, neste período, é algo internacional.

Os temas, as discussões, as greves e agitações que ocorriam na Europa e nos Estados Unidos circulam, via telégrafo, para o mundo inteiro, e decorre disso o tom desagradado com os operários Europeus, e como quaisquer outros operários que se assemelhem a agitações sociais, pois “O 'nihilismo' o 'anarchismo' sanguinario, o 'socialismo' sonhador de uma igualdade impossível, hão abalado com seos exageros os centros mais cultos do mundo” [sic] Com essas matérias o Jornal *O Operário*, na edição do dia do trabalho, demonstra um jogo ideológico para o convencimento dos operários, principalmente contra o anarquismo, o que irá se repetir em muitas outras ocasiões.

No número 4 do jornal, lançado no dia 25 de Março de 1906 ocorre um curioso fato, trata-se da expulsão do jornal *O Operário* das oficinas do jornal *A Pátria*, e mais intrigante ainda, foi o motivo de tal expulsão:

---

<sup>178</sup> Sobre a ideia de rearranjo liberal, e as perspectivas liberais e o operariado na Primeira República Ver: MUNAKATA, Kazumi. *A legislação trabalhista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

<sup>179</sup> Primeiro de Maio. *O Operário*, Teresina, ano1, n. 8, p. 1, mai. 1906.

Mesmo contra a vontade de meia dúzias de aristocratas da actualidade o proletariado ha de vencer sempre. E enquanto contar com o apoio daquelles que sabem perfeitamente perseguidos e perseguidores, elle estará sempre ao lado dos homens de bem, trabalhando pelo levantamento moral e entelectual de sua terra. [sic]<sup>180</sup>

Primeiramente os editores se reconhecem enquanto parte do proletariado do Piauí, e assim proferem esta retórica de desabafo contra os poucos, mas poderosos, que talvez os impediram de continuar aonde estavam, mas o motivo da expulsão é o que chama mais atenção;

Somos meninos, sabemos, porem temos sentimentos... nós não queremos trocar por qualquer homem... Si a nossa Penna não sabe desenhar longos artigos litterarios também não se prestará nunca para render elogios baratos a quem quer que seja... „O Operario“ é redigido por meninos, porem mesmo assim, saberá se collocar sempre ao lado dos homens distinctos pelo character, pela intelligencia e pelo trabalho. Não queremos seguir entriça de pessoa alguma, não queremos conselhos anarchistas, e por isso nos atiraram na rua... Mas os que nos odeiam podem ficar convictos de que „O Operario“ - orgam das classes laboriosas- se não sujeittará aos caprichos de uma meia dúzia de aristocratas. [sic]<sup>181</sup>

A identificação dos redatores aparece aqui, na verdade tratavam-se de jovens, jovens rapazes trabalhadores membros de sociedades mutuais, que pretendiam lutar a seu modo, para o engrandecimento do operariado do Piauí e Maranhão, e talvez por isso, por sua opções políticas se sentiram desconfortáveis a ter que publicar matérias para bajular pessoas importantes da época, cuja a procedência não fosse a ideal para um jornal operário, jornal, que queria estar ao lado de homens inteligente e distintos pelo caráter.

Já no ponto dos conselhos anarquistas, não acredito que tal jornal tenha esse referencial doutrinário, dado os diversos jornais da época e a forte propaganda anti-anarquista de todos. Creio que nesse ponto, os redatores do operário usam a palavra anarquista lhe conferindo um significado ruim, baixo, desprezível, pois a propaganda anti-anarquista no período era tão forte para os redatores, que podemos considerar que naquela época, para os mesmos essa palavra se tratava de uma espécie de xingamento moral.

Mas, não era somente o jornal de cunho operário a impetrar uma propaganda anti-anarquista, isso partia também de outros órgãos de imprensa, como o jornal do comércio,

---

<sup>180</sup> O OPERÁRIO. *O Operario*, Teresina, ano 1, n. 4, p.1, 25 mar. 1906.

<sup>181</sup> O OPERARIO. *O Operario*, Teresina, ano 1, n. 4, p.1. 25 mar. 1906.

que reproduzia notícias chegadas de outros locais do mundo, para construir uma imagem que liga o anarquismo a violência;

O anarquista Matteo Moran autor do atentado contra as vidas dos reis da Espanha, no dia do casamento destes, ao ser capturado pela polícia de Sua Majestade Católica, suicidou-se em Harrejon. Dentro da bacia de água que fazia parte da bagagem do proselyto da destruição, foi encontrada a chave da mala de sua propriedade contendo várias bombas explosivas. A polícia verificou que Moran, logo em seguida ao crime, raspou os bigodes na redação do jornal “La Presse. [sic]”<sup>182</sup>

Nesta ocasião o *Jornal do Comércio* segue a linha de vários outros jornais do período, a idéia fortemente anti-anarquista. Que se seguia em várias publicações do jornal; “Acusado de profetar um assassinato contra o imperador da Alemanha, esta em Berlim, o Anarquista Rosenberg.”, e esta propaganda anti-anarquista se proferia a exemplos do mundo inteiro, porém, não parava por aí a distância do *Jornal do Comércio* e o operariado da capital. Essa distância era traduzida na defesa das classes patronais;

Não tem nenhum fundamento a notícia que circulou, na última semana, de haver um operário desprendido-se do andaime em que trabalhava na chaminé da fiação. Quebrando uma perna na queda e morrendo no dia seguinte. [sic]<sup>183</sup>

Os acidentes operários eram bastante comuns na época, e o menosprezo, ou até mesmo a tentativa de esconder tais fatos, era o que queriam os donos de empreendimentos industriais. Mas, retomando o *O Operário*. A edição número 11 traz uma interessante batalha ideológica para o palco da imprensa operária. Mas uma vez trata-se do combate ao anarquismo, logo no 1º texto do jornal leram os operários e a sociedade da época;

Há um obstáculo muito sério á tão elevado desideratum, e este obstáculo é o espírito de revolta, que infelizmente, na velha Europa, e em muitas das nações Americanas, vai se infiltrando nas classes, sobre diversas formas doutrinárias(...) De todos os recantos do mundo civilizado chega-nos a notícia dessas lutas, onde se patenteiam bem os motivos de sua existencia. Aqui são as greves, ora parciais, ora geraes que levantam-se altivas em busca de vitórias meramente problemáticas, ali são os comícios em que se discutem os meios de levar avante a solução do magno problema que preocupa os espíritos. [sic]<sup>184</sup>

---

<sup>182</sup> NOTÍCIAS. *Jornal do Commercio*, Teresina, ano 1, n. 1, p.1, 1 jul. 1906.

<sup>183</sup> NOTÍCIAS. *Jornal do Commercio*, Teresina, ano 1, n. 3, p.1, 14 jul. 1906.

<sup>184</sup> FREITAS, Clodoaldo. Justo Desideratum. *O Operario*, Teresina, ano 1, n. 11, p.1, 21 mai. 1906.

A circulação dessas idéias de greves, de revoltas pela Europa, de um modo geral das ações mais diretas reflete a enorme influencia que o movimento anarquista deu ao operariado brasileiro, principalmente nas décadas anteriores a 1920. O anarquismo na Primeira República brasileira, trouxe idéias de ações ,além das idéias de fim do estado, e uma forte propaganda anti-clerical. O anarquismo, tanto influenciava em questões até mesmo de doutrinação, como também de repulsa.

E é interessante como nessa edição este primeiro texto, parece preparar o leitor para o texto principal, que é uma opinião a respeito do 1º Congresso Operário Brasileiro, o qual o Piauí não teve delegados, mas que se repercutiu pelo estado as resoluções tomadas lá. Nas Palavras do jornalista Medeiros e Albuquerque do jornal *A Notícia*, apreende-se como os redatores do *O Operário* resolveram asbtraír os idéias do Congresso;

Desde o principio um grupo de operários, na sua maior parte italiana vindos de S. Paulo, impôs-se e predominou. Esse grupo fez passar resoluções violentas. Suas tendências eram nitidamente Anarchistas. Apesar de tudo é com sympathia que se deve considerar o trabalho do Congresso, não pelo que votou, mas pelo que sem votar, elle fez. Não é possível pedir a homens laboriosos, sem instrucção, sem prática de exprimirem certas idéias que da primeira vez em uma assembléa, , achem logo o termo justo, phrase própria para dizerem tudo o que querem e só o querem.[...] No congresso era natural que os operários vindos de fora e com um pouco mais de pratica dessas reuniões tivessem grande superioridade sobre seus collegas mais inexperientes[...] quando os operários voltarem a calma verão que as resoluções violentas não podem ser a norma corrente de nenhum partido. Por isso já os protestos começam a apparecer. Em todo o caso o proveito real que se tirou do Congresso foi facto dos operários abituaram-se a entrar em accordo a verem-se, a fallarem-se, a trocarem idéias. Mais tarde, comprehenderão melhor os seus verdadeiros interesses, sentirão que o problema não pode ser resolvido pelo emprego exclusivo da força que sódever utilizada em certos casos extremos.[...]Assim embora pouco fique das resoluções votadas no Congresso, ficará a tendência a união da classe. [sic] <sup>185</sup>

Este é um relato que demonstra uma opinião da sociedade mutual, que vai além do que podemos apreender pelas resoluções do Congresso, e fica nítida a disputa que houvera no Congresso e agora nas páginas do jornal entre Socialistas e Anarquistas.

A questão da Liberdade e da Justiça parecem ser o ponto central das divergências, pois os socialistas não querem a tal liberdade que querem os anarquistas, mas querem através da justiça, reformar o sistema vigente, e assim acreditam conseguir que a exploração seencerre.

---

<sup>185</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. Ordem do dia. *O Operário*, Teresina, ano 1, n.11, p.1, 21 mai. 1906.

No segundo momento desse texto, parto para análise do Jornal operário citado por Edgar Rodrigues, *O Artista*, folha publicada na cidade litorânea de Parnaíba. Nesse jornal a questão da presença de ideais anarquistas começa a se complexificar;

Nós um punhado de humildes operários ainda sob a imorredora impressão dos horrores da ultima guerra que durante cinco annos devastou a velha e culta Europa assombrando o resto do universo pensamos e queremos numa atitude salesiana, agremiar os nossos collegas, das diversas classes operarias desta sempre nobre e invicta cidade, para que unidos a nós, em sociedade,== unida e forte, possamos também, num assomodecentes pela felicidade humana, commungar no grande, farto e interminável banquete da paz nascente[sic]<sup>186</sup>

Estas são as primeiras letras do *O Artista* ao público leitor, que assinala uma grande conectividade daqueles operários com as questões da agenda mundial, aliás isso é bem comum para os jornais operários, assinala também um movimento que estava ocorrendo a nível nacional e mundial, que se tratava de uma maior preocupação com a questão dos trabalhadores. Mas, essa tentativa de organização operária em Parnaíba em torno de um jornal de uma associação, que não parecia tender aos lados anarquistas, mas apenas as questões da agenda do dia, mais ligadas a dignidade, a uma tentativa de paz em abstrato, em um contexto mais ampliado, demonstra como era essa idéia de unificação dos operários de Parnaíba, fazendo perceber que:

Esta inspiração que nós imodestamente, qualificamos de nobre e genial, não nos induz, por certo, ao triumpho sonhado, pela delictuosa pratica das greves, das barricadas e das revanches, contra os capitães e contra as leis: queremos o nosso engrandecimento pelo aperfeiçoamento moral e intellectual dos nossos adeptos, pela sua compreensão nítida dos nossos direitos pela cohesão de princípios, pela unidade de vistas aos santos ideaes das classes agremiadas cuja transcendência acceitavel concretisa-se no necessário arrasamento dessa barreira moral que segrega o operário do convívio feliz da nação e da sociedade e sobretudo da representação official. [sic]<sup>187</sup>

Assim a intenção de criar uma agremiação operária, parecia ser primeiramente o combate às formas de ações diretas, tidas como anarquistas, e lutar pela auto-emancipação da classe operária através da elevação intelectual dos operários, mas no final do trecho, parece que o jornal quis aludir que o operário infelizmente se mantém distante da política, da representação oficial, esse fato é curioso pois esse jornal é repleto de retóricas anti-

---

<sup>186</sup> MERCURIO. Agosto de 1919. *O Artista*, Parnaíba, Ano1, n.1, p.1, 15 ago. 1919.

<sup>187</sup> MERCURIO. Agosto de 1919. *O Artista*, Parnaíba, Ano1, n.1, p.1, 15 ago. 1919.

política, porém em algumas idéias mais a frente, essa relação entre operariado e política, começa a ficar mais visível, e inicia um enigma de qual de fato é a visão do jornal.

O jornal afirma ainda não ser o momento de tratar tais temas políticos devido que isso “causa desequilíbrios sociaes” [sic], mais a frente em outra matéria, é colocado no jornal um documento da Sociedade União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberares de Parnahyba, a Base para sua fundação, já citada anteriormente.

Todas essas normas, são facilitadoras na compreensão dos perfis ideológicos do jornal *O Artista*, pois como já mencionado este era um órgão de propaganda de tal instituição, e vários destes temas são repetidamente abordados pelo jornal, por hora interessa saber essa relação curiosa com a política. Anteriormente faz-se críticas a ação direta e indica-se o caminho da política, e já nas bases de fundação no artigo nono, traz taxativamente a retórica anti-política.

Isso pode ser interpretado entendendo que o operariado poderia estar politicamente dividido, ou que uma associação que tendesse a um lado, desagradaria a tantos outros operários do outro, ou até mesmo pode-se entender aqui uma influencia do anarquismo, ou do sindicalismo revolucionário, que ambos refutam a ação por vias políticas - entretanto este argumento não se sustenta se colocado ao lado da fala inicial do jornal contra greves e barricadas.

Ao que parece o mais provável até agora seja uma tentativa de unificar os operários, e por tanto deixar de lado as paixões políticas. Mas é em outro trecho do jornal, em um tom de humor, que consegui chegar a uma conclusão sobre a relação deste jornal operário com a política da época;

Eis aqui um interessante questionário: Que é política? \_ É a sciencia que ensina a viver do orçamento. \_ Que é orçamento? \_ É a panela nacional onde todos desejam metter a colher. \_ Como se divide a política? - Divide-se em partidos. \_ Pode dizer-me quantos partidos há? - Dois, o dos que estão em cima e dos que estão em baixo. - Costumam inverter essas funções políticas? - Sim senhor, por meio de uma troca de papéis que determina uma revolução. - E então o que succede? - Succede que aqueles que esmagaram grittam, e os que grittaram esmagam. - Obtêm-se por meio dessa inversão algum beneficio político? - Não, senhor, porque a ordem dos factores não altera o producto. [sic]<sup>188</sup>

---

<sup>188</sup> A POLITICA. *O Artista*, Parnaíba, ano1, n.1, p.3, 15 ago. 1919.

Esse argumento de desdenho da atividade política, lembra bastante a propaganda anarquista, e também do sindicalismo revolucionário, entretanto a sociedade que comanda o jornal, não incita a greves, a ações diretas, não contesta a própria feição do estado enquanto instituição. Porém em alguns momentos o discurso do Jornal começa a se modificar, até mesmo a de forma contraditória, assumir um papel anarquista.

Contraditoriamente a tudo isso que fora afirmado anteriormente, é na coluna intitulada “O dia redemptor”[sic], que virá um extenso texto, explicando a história do 1º de Maio, e é nesse ponto que para muitos historiadores, empiricamente se determina as visões políticas e as aspirações para a classe operária.

Na Primeira República, as organizações operárias, a imprensa operária que tendia as correntes mais socialistas, identificavam o 1º de Maio referindo-lhe ao exemplo da França, dos trabalhadores que remetiam a decisão do Congresso Socialista Internacional ocorrido em 1889 - de em 1890 no dia 1º de Maio que os trabalhadores franceses encamparam uma luta a favor das 8 horas de trabalho.

Já o lado dos sindicalistas revolucionários e dos anarquistas, remetiam sempre a lembrança dos mártires de Chicago, que o historiador Eric Hobsbawm, alude que houve um peso significativo desses mártires de Chicago no movimento operário dos países Latino-Americanos<sup>189</sup>, que por ocasião fora o a lembrança tida pelo *O Artista* naquele dia, e que ao contar o desenrolar dessa história de Chicago, confirmou o que Cláudio Batalha percebeu que, “a idéia de martírio está indissociavelmente ligada à noção de redenção”. Redenção essa que era o próprio título do texto, que em sua parte final, contraditoriamente ao discurso da ideologia do trabalho que inicia o jornal, afirma que o 1º de Maio em Parnaíba, pela consciência da memória dos mártires de Chicago, é o dia em que os operários; “Proclamam ser o dia da emancipação do trabalho”.

Essa vertente de ideais anarquistas no Piauí é percebida também no que se refere a própria Revolução Russa, em sua sua fase inicial e em outro momento faz alusões referentes ao Anarquista Kropotkin – o jornal afirma para os trabalhadores ;“Mirar-vos neste espelho de crystal que a historia apresenta-o dia 1º de Maio, nos Estados Unidos e a Revolução Russa – exemplos da emancipação operaria universal”<sup>190</sup>

Quanto a essa referência a Revolução Russa, esta pode ser melhor entendida pela explicação de que;

---

<sup>189</sup> Ver: HOBSBAM, Eric. *A formação das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

<sup>190</sup> SERRANO. *O Artista*. Parnaíba, Ano III, nº 12. 1º Mai. De 1922.

Neste primeiro momento, final dos anos dez, o movimento anarquista também crê na agonia do capitalismo e vê na Revolução Russa uma dimensão libertária – a concretização da tão almejada “Revolução Social”, que iria retomar, aprofundar e completar o processo iniciado pela “Revolução Política” na França de fins do século XVIII, e aprofundado tragicamente pela experiência da Comuna de Paris, em 1871: a emancipação da humanidade do jugo de todo e qualquer autoritarismo. Liberdade, Igualdade e Fraternidade: o socialismo libertário se considera uma atualização e um aprofundamento da Revolução Francesa.<sup>191</sup>

A identificação com a revolução Russa faz parte do que Carlos Addor, nomeia demomento de “euforia revolucionária”<sup>192</sup> época também da *Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*, para caracterizar a conjuntura Brasileira no final dos anos dez, , fortemente influenciada pela Revolução Russa. Entretanto pelo Jornal O Artista essa influencia durou pouco tempo, ao saber do assassinato de Kropotkin;

O príncipe Kropotkine, que há pouco foi assassinado pelos russos, falava do futuro com sapiência dos iluminados, e uma visão ampla, observa a marcha dos fenômenos sociais e verifica, cabo de longa experiência e longa meditação que o (-----) tinha deixado de ser uma abstração para constituir uma realidade. E, a medida que ataca a burguesia enfustada, a nobreza hypocrita, a decomposição lenta dos Estados, afirma com assombro, que alguns grupos de homens livres e honestos se levantam, clamando que já soou a hora fatal e que é mister agir.<sup>193</sup>

A lenta decomposição do Estado foi o que talvez não trouxe o sonhado novo mundo.

Assim fica nítida uma presença da idéia de anarquismo e práticas identificadas com o anarquismo, dentro das sociedades de auxilio mútuo. Essa presença dava-se a medida que os próprios sócios, principalmente através dos órgãos de propaganda das sociedades mutuais, demonstravam apreço ou até mesmo repulsa por essa corrente social.

O espectro anarquista, que por essas poucas linhas tentou demonstrar-se em uma configuração operária na Primeira Republica, trilhava caminhos complexos que em certo momento fazia-se em combate ao imaginado o anarquismo enquanto caos, e em outro na esperança de um novo mundo.

Por essa concepção, é possível compreender outras correntes, que também estavam presentes dentro daquelas sociedades de socorro mútuo, e que disputavam as

---

<sup>191</sup> ADDOR, Carlos. *UM HOMEM VALE UM HOMEM*: memória, história e anarquismo na obra de Edgar Rodrigues. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial, 2014, P. 146

<sup>192</sup> ADDOR, Carlos. *A Insurreição Anarquista no Rio de Janeiro*. 2ª edição revista e atualizada. Rio de Janeiro: Achiamé, 2002.

<sup>193</sup> ?. O Artista. Parnaíba, Ano II, n° 06. p. 04. 24 ago. de 1920.

atenções dos trabalhadores do período, como por exemplo o socialismo, um outro ideário social que assumia diversas formas, jeitos e compreensões por parte das sociedades mutuais.

## **Pelo Socialismo**

Existe uma enorme dificuldade em conceituar o que entende-se como Socialismo na Primeira República, as leituras, os modos de entendimento desse ideário social, são atravessados por dificuldades de interpretação, já que o conceito de Socialismo aparece de maneira bastante pulverizada na visão das sociedades mutuais, o conceito de Socialismo muitas vezes aparece enquanto algo sinônimo de outra coisa, como Progresso, Civilidade, Patriotismo, Bem-coletivo, Engrandecimento Moral, Caridade, Iluminismo, Racionalidade dentre muitas outros conceitos que aparecem na grande parte das vezes, no campo do que pode ser considerado como algo “bom”.

Fica claro que o Socialismo, enquanto ideia e na medida em que existe auto intitulações de operários e associações mutuais no meio norte, enquanto socialistas. É percebido que o ideário social foi imensamente mais denso e mais presente do que o Anarquismo. Muitas associações e dirigentes de mutuais, declaravam-se socialistas, entretanto os entendimentos desse conceito é o que configuram a diversidade de interpretações.

Em um artigo publicado em 1906 pelo Jornal O Operário, vem talvez a defesa e a explanação mais abrangente do entendimento do que era Socialismo no meio norte na quele momento. O jornal impresso em Teresina era enviado a Caxias, para o Círculo Socialista dos Obreiros de Caxias, fora enviado para Parnaíba e para São Luís, no artigo, o Socialista Zito Baptista afirma que;

Basta contemplar-se o estado actual da sociedade para chegar-se a convicção de q' a questão do socialismo, remontando séculos de luctas e de guerra, desde as primeiras épocas da historia da humanidade, está, infelizmente, em nossos dias sem a sua completa e desejada solução. Por mais que se tenha evoluído, por mais que se tenha chamado o povo à instituição do socialismo- que se funda na igualdade da justiça- ainda não se fez desaparecer do seio da sociedade o PREDOMINIO, isso é, o inqualificável direito que certa classe de indivíduos assume sobreoutra dando lhe a sorte q' bem aprouve: ainda vemos a 'extrema riqueza de uns, insultar a extrema pobreza de outros;' a abastança e a gloria rindo

desdenhosamente da colméia dos infelizes, dos desherdados da sorte, que vivem a tragar o fel das injustiças sociaes. A substancia do trabalho do operário ainda não recebeu o premio do seu legitimo valor. Pelas fabricas, pellas officinas, pellas lavouras, vemos centenas de homens a trabalhar para um só individuo acumular riquezas, e elles, d'ali, como escravos inconscientes, onde esgotaram toda actividade da vida, onde viram desaparecer os sonhos e as illusões da mocidade, chegam ordinariamente, ás portas da velhice, sem ter um abrigo para as noites de desalentos, sem ter um pedaço de pão para mitigar a fome e de seu filho no dia d'amanhã... [sic]<sup>194</sup>

Em outra edição o texto continua;

Hoje para todas as classes, á excessão da operaria o governo e os homens de respresentação têm dirigido os seus olhares, enchendo-as de privilégios e de garantias. [...] O operário trabalha dez horas por dia, durante a vida inteira, entre amargos e pesados soffrimentos, exposto a gelidez do frio e ao fogo abrasador do sól, e, no entanto, quando já se sente alquebrado pelos dias da vida quando perde a victalidade physica, volta ao mísero casebre em extrema pobreza, indo muitas vezes, mendigar um obulo no outro dia a porta d'aquelle que enriqueceu com o suor do seu trabalho. Talvez dirão: \_ porque elle não economisou alguma coisa? Não sabia que tinha de chegar a velhice? \_Ah! E quem pode fazer um peculeo, quem passou a vida, com o peso de família, ganhando 1\$000 ou 1:500 por dia? Não somos dos que pensam que a fortuna excessiva dos ricos seja distribuída entre os operários de hoje. Mas, o que entendemos é que tudo deve ter o seu limite e que a sociedade, pondo um freio a essas grandes accumulações de capital- origem do mal que affecta a maior parte do organismo humano.[...] A classe superior de tudo se apodera e de tudo se usufrue, enquanto que a dos operários vive ainda sob o peso do soffrimento, na injustiça, da usurpação e do desprezo.[...] Para o operário ficou o trabalho árduo, duro e ingrato, para os aristocratas as delícias de uma existência feliz a sombra dos seus palacetes, entre flores e perfumes, entre risos e harmonias. Sob o prisma da realidade, diremos em resumo, estes vivem num paraízo aquelles entre as chammas do inferno. E eis o motivo porque luctam se debatem os socialistas procurando com a serenidade da palavra, com a luz do direito e da razão, fazer cessar essa injustiça, incongruenta á evolução altruística do século que atravessamos.[...] e é bom que não se continue a abuzar da complascencia de uma classe material e ignorante, é certo, mas que, já muitas vezes, levada ao desespero de causa, tem mostrado o seu heroísmo, derribando thronos e preconceitos e destruindo gerações educadas pra que despontem gerações novas ao calor das luzes da democracia como atesta a historia

---

<sup>194</sup> BAPTISTA, Zito. Pelo Socialismo I. *O Operario*, Teresina, ano1, n. 15, p.1, 23 jun 1906.

das paginas sublimes da revolução franceza.[sic]<sup>195</sup>

A concepção de Socialismo das sociedades mutuais do meio norte nesse momento, passa pela ideia de progresso social, do avançar rumo a uma sociedade que ao contrário da que está posta, coloque seus olhares para a classe trabalhadora, a influencia dos pensamentos positivistas dentro de uma concepção iluminista de progresso também ficam evidentes.

Nesse sentido positivista iluminista, é que surge a ideia de um socialismo legalista, que vê nas próprias leis, na justiça uma possibilidade de transformação social. Tem-se de maneira inicial uma luta pelo Socialismo pois esse significa também a garantia de direitos aos trabalhadores, direitos os quais ainda não se vêem materializados.

Por isso, a compreensão de que as injustiças sócias a desigualdades entre as classes existem, dentro da própria ideia de Socialismo, cabe também a noção da descoberta do “nós” e do ser antagônico as bandeiras dos subalternos organizados, a outra classe, a que detém o predomínio, por conseguinte esmaga a classe que trabalha, realizando o processo de precarização e de despossessão.

Na segunda parte do texto fica latente uma interessante visão sobre socialismo, imbricada em um entendimento organicista do tecido social, ao iniciar o texto o autor chama a atenção para a ideia de que nenhuma classe é desprezada igual a classe dos trabalhadores no atual sistema social, e que os operários passam por verdadeiros martírios em suas vidas, dentro de um processo de despossessão, e que é necessário(aqui entra uma proposta de fundo socialista no entendimento da época) por fim a acumulação desenfreada de Capital, que na visão Socialista é a raiz do problema.

A “classe superior”, os “ricos” os “aristocratas” são aqui entendidos como os antagônicos que devem ser enfrentados pelos Socialistas, que tem a missão de defender uma “classe material e ignorante”. O tom de direção da classe, justifica na possibilidade apontada para a realização e a própria missão do Socialista, que deve ser a luta a luz do Direito e da Razão, e com serenidade. É clara a ideia de um Socialismo pertencente a uma elite letrada, o qual é impossível adentrá-lo sem instrução, sem educação e elevação moral. Talvez por esse motivo, que algumas escolas das sociedades mutuais, se propunham a ensinar o Socialismo.

---

<sup>195</sup> BAPTISTA, Zito. Pelo Socialismo II. *O Operario*, Teresina, ano1, n. 16, p.1-2, 05 jul. 1906.

Entretanto um Socialismo “Racional” entendido como algo que deva ser aperfeiçoado, sem dar margem as “theorias subversivas, e os arrastando para um ambiente impregnado de venenos Moraes”[sic]<sup>196</sup>

Porém essa visão de um socialismo mais “reformista”, com todos os problemas que esta palavra tenha, deve ser relativizada devido as próprias vigilâncias e perigos do tempo em questão, esperar de uma mutual em 1900 uma retórica contra a ordem e o sistema estabelecido, é algo incabível, dado a vigilância dos jornais e a impossibilidade de se publicar certas coisas.

Muito devido a isso, as vezes, percebo ambiguidades e aparentes contradições entre uma defesa mais amena e “racional” do Socialismo e um enfrentamento mais de fato ao Capital, ou ao modelo econômico.

Existiram associações que colocaram em seu próprio estatuto a primazia de ser Socialista e ser mutual, como o Centro Artístico Operário Eleitoral Maranhense, uma sociedade mutual que, “Tem ela por base principal, segundo o artigo primeiro da sua constituição ser uma instituição beneficente e instrutiva e política inspirada nos seus princípios do socialismo moderno para o amparo e levantamento das classes laboriosas”.<sup>197</sup>

A idéia de um Socialismo Moderno é justamente um socialismo que preza por uma certa institucionalidade, respeito as regras do establishment político e jurídico republicano.

Por essa razão nesse entendimento de socialismo, o órgão do Centro Artístico Operário Eleitoral Maranhense, trás num dia de domingo em 17 de agosto em 1919 uma edição que se propõe a debater o trabalho e o capital com um artigo neste título, o centro afirma;

A grande questão a ser debatida do capital e do salário não passa disto. E se alguém disser, nos afirmar que existe o antagonismo verdadeiro natural e necessário entre o capital e o trabalho, podemos contestar e com sobra de a razão afirmar; tal proposição é prova de ignorância o capital não é mais do que economia acumulada ,o possuidor do capital é só inimigo do trabalho quando esconde o seu capital em uma meia em lugar oculto, ou quando o enterra metido em uma vasilha e qualquer os que fazem isso são chamados avarentos e com justa razão são censurados desprezados pois que antepõem erradamente o seu próprio interesse ao de seus semelhantes.<sup>198</sup>

---

<sup>196</sup>SANTOS. Samuel A. dos. O Trabalho. *O Artista*, Parnaíba, Ano3, n. 11, p.2, 01 mai. 1922.

<sup>197</sup> JORNAL DOS ARTISTAS. 1 de maio, 1919, Maranhão, num 2, p.2.

<sup>198</sup> JORNAL DOS ARTISTAS. Maranhão. 17 de ago 1919, ano2 , p3

No trecho acima fica nítido o entendimento de Capital, não enquanto uma relação social como em Marx e Engels, mas como dinheiro ou mesmo salário, por isso a compreensão de que não existe tal contradição entre esse salário e o trabalho, somente haveria algo negativo, no entendimento da mutual, se alguém impedisse esse capital de circular na sociedade, o que seria o problema do capital; avareza.

A irmã Caxiense da mutual Centro Artístico Operário Eleitoral Caxiense, tinha uma interpretação histórica sobre o problema e a necessidade do Socialismo, no entendimento da Mutual;

O século décimo nono, foi o período da dominação burguesa, é necessário que o século vinte realize a obra mais justa a igualdade social de todas as classes a cada um seu dia, chegou agora nossa vez queremos e havemos de ter um papel importante no conjunto social não pela violência que é contraproducente não pelo exclusivismo que é odioso não queremos como os maximalistas o domínio único da classe operária nem tão pouco de qualquer outra seja ela de aristocratas militares clero burguesia porque em qualquer caso seria o despotismo o que repugna o nosso espírito democrático queremos direitos iguais aos outros homens não direitos abstratos mas realidade viva não igualdade fictícia dos códigos mas a igualdade efetiva apoiada no costume<sup>199</sup>

A percepção histórica de que o século XIX fora um século de dominação burguesa, reforça a idéia do progresso linear, do socialismo enquanto o amanhecer de uma nova era, nesse âmbito a noção de tempo em que a cada tempo chega a hora de uma classe, de que a história é dinâmica em promover uma espécie de sobe e desce de classes, assim é chegada a época dos trabalhadores.

Todavia esse papel social preterido, não é pedido ou exigido através de força, existe uma recusa ao método de união dos revolucionários, isso fica claro na crítica ao maximalismo. Existe uma ideia de fundo que permeia mais uma vez a noção de justiça e de direitos iguais, direitos de fato. O entendimento de socialismo aqui é a noção de que o ideário social pode trazer uma igualdade, através da justiça e do direito igualdade entre as classes, rejeitando a dominação de uma sobre a outra, o que seria despotismo segundo os subalternos.

Todas essas visões de Socialismo são bastante parecidas, isso se deve a formação em comum dos diversos socialistas dirigentes das entidades mutuais, a grande maioria vai estudar na Faculdade de Direito do Recife, é de lá que saem as ideias Socialistas. Caso

---

<sup>199</sup> O TRABALHO. Caxias, ano 1, 1 de Jan de 1920 num 1, p.1.

pensemos em Clóvis Beviláqua, Hygino Cunha, Zito Baptista, Thomaz Catunda, Benedito Leite todos esses tem sua formação nas cadeiras da escola de Bacharéis do Recife.

Esse Socialismo como já citado estava emaranhado em noções iluministas, positivistas e de alcance do progresso social. O Socialismo, no meio norte do Brasil, fora de extrema importância na formação de um associativismo mutualista com uma causa a ser seguida, esse ideário social possibilitou algumas lutas e a ideias de que as associações mutuais devem lutar em defesa dos trabalhadores para além do campo de uma estratégia privada de sobrevivência e amparo de seguridade social.

## **Conclusão**

O filósofo Walter Benjamin ao refletir sobre a narrativa historiográfica, nos conta a história de um autômato construído para um jogo de xadrez, feito de tal maneira com um jogo de espelhos que, junto a um corcunda anão guiando um fantoche, poderia responder a qualquer jogada com uma contra jogada no mesmo tempo. Benjamin, afirma que o anão poderia ganhar qualquer partida com esse artifício ilusório, qualquer mexida no tabuleiro, teria a contra-resposta correta.

Esse anão segundo estudiosos da obra de Walter Benjamin refere-se a Stálin, o qual teria tido a pretensão de dominar a interpretação histórica a tal maneira de construir um sistema em que o materialismo histórico e dialético virasse uma espécie de “jogo de cartas marcadas”, onde o corcunda Stalin, com um fantoche pudesse saber de antemão todas as respostas, esse fantoche seria a interpretação marxista da história.

Ao decorrer desse trabalho, o leitor pode perceber a complexidade envolta no mutualismo, nas associações mutuais e nos trabalhadores. A ideia de um esquema rígido de análise histórica não pode e nem consegue dar conta da interpretação complexa de um passado dos subalternos organizados. As nuances, os caminhos as apostas, o jogo associativo foge a uma lógica pré-estabelecida, por que é antes de tudo é dinâmico, faz se desfaz e se refaz. Dentro de uma mesma associação podemos perceber trabalhadores com heterogeneidade de pensamentos em determinados momentos, entretanto com uma certa homogeneidade em alguns outros contextos.

Não nos é dada a possibilidade de um fantoche com um jogo de espelhos, porém nos é pedido algumas respostas, essas respostas poderam ser encontradas na própria classe

trabalhadora, ao tentarmos acompanhar suas festas, seus jornais, seus textos, seus reclames, suas greves, suas assembleias, os seus próprios costumes de um modo geral.

A centralidade da análise do associativismo, nos permite uma percepção do que foi o mutualismo operário no meio norte, ao compreendermos o processo do associativismo, obviamente como uma manifestação intrínseca dos Subalternos.

Com o presente trabalho, é possível antes de mais nada responder a pergunta inicial; “Existe uma história dos trabalhadores perto da Linha do Equador?” Sim existe. Uma história com mais lacunas do que gostaria o autor, porém uma história que tentou mostrar como que o mutualismo foi de extrema importância na formação de identidades operárias e como, o associativismo de uma forma mais ampla contribui para o processo histórico de formação da classe trabalhadora.

As associações mutualistas apresentadas nesse trabalho, fazem parte de um conjunto de possibilidades de análises histórica da classe trabalhadora, são parte e instrumento da classe operária, nesse viés a discussão referente a Estado, Política e Classe trabalhadora, acredito ter dado conta de demonstrar como o mutualismo consegue ao mesmo tempo lutar na institucionalidade burocrática Republicana, e está próximo aos anseios mais imediatos e até mesmo desejos de enfrentamento mais direto aos inimigos diretos dos subalternos.

Espero com esse texto, ter conseguido apresentar as associações operárias do Piauí e Maranhão, seus trabalhadores, e a maneira como essas organizações contribuíram para o formar-se de uma classe trabalhadora.

A conclusão de um trabalho acadêmico é sempre uma formalidade exigida, confesso que ainda não entendo como finalizar um texto de uma maneira mais satisfatória, todavia se tratando de uma tema que tenho plena consciência que não dei conta de explorá-lo o quanto eu inicialmente queria, porém os prazos estão cada vez mais curtos, “encerro” este trabalho o deixando em aberto para que as pesquisas continuem, pelas minhas mãos e pelas mãos de quem se interessar...

## REFERÊNCIAS

### *Bibliografia*

ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. *Cotidiano e pobreza: a magia da sobrevivência em Teresina*. Teresina: EDUFPI, 2010.

BATALHA, Cláudio. A historiografia da classe operária no Brasil: trajetória e tendências. In: FREITAS, Marcos Cezar de. (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo, Contexto, 2000.

BATALHA, Cláudio et. al. (Org.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

BATALHA, Cláudio. *Dicionário do Movimento Operário: Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920*. São Paulo: Perseu Abramo, 2009.

BATALHA, Cláudio. *O movimento operário na Primeira República*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política - Obras Escolhidas - Vol. I - 8ª Ed.* São Paulo: Brasiliense, 2012.

- BATALHA, Claudio; MAC CORD, Marcelo. (Orgs.). *Organizar e Proteger. Trabalhadores, Associações e Mutualismo no Brasil (Séculos XIX E XX)*. Campinas, Editora da UNICAMP, 2014.
- BATALHA, Cláudio. *Os desafios atuais da história do trabalho*. Anos 90, Porto Alegre, v. 13, n. 23/24, jan./dez. 2006.
- BATALHA, Claudio. *Realçando o debate sobre mutualismo no Brasil: As relações entre corporações, irmandades, sociedades mutualistas de trabalhadores e sindicatos á luz da produção recente*, Mundos do Trabalho, vol,2,n.4 ago-dez. de 2010
- BATALHA, Cláudio. *Sociedades de trabalhadores no Rio de Janeiro do século XIX: algumas reflexões em torno da formação da classe operária*. Cadernos AEL (Arquivo Edgard Leuenroth - IFCH/UNICAMP), Campinas, v. 6, n. 10-11, p. 41-68, 1999.
- BATALHA, Cláudio. *Uma outra consciência de classe?: O sindicalismo reformista na Primeira República*. Ciências Sociais Hoje. São Paulo: Vértice, 1990.
- BATALHA, Cláudio. *Vida associativa: Por uma História Institucional nos estudos do movimento operário. Anos 90*: Porto Alegre, n.8, dezembro de 1997.
- CARONE, Edgar. *Movimento operário no Brasil 1877-1944*. 2. ed. São Paulo: Difel, 1984.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A Experiência do Movimento Operário*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHAUÍ, Marilena. *Apontamentos para uma Crítica da Ação Integralista Brasileira*. In: *Ideologia e Mobilização Popular*. São Paulo, CEDEC/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- COSTA, Hélio da. *Em busca da memória: Comissão de fábrica, partido e sindicato no pós-guerra*. São Paulo: Scriccta, 1995
- COSTA, Rafael Maul. *A “Escravidão Livre” na corte: escravizados moralmente lutam contra a escravidão de fato (Rio de Janeiro no processo da abolição)*. Niterói: Tese de Doutorado, 2012.
- De LUCA, Tânia Regina. *O sonho do futuro assegurado*. São Paulo. Editora Contexto, 1990
- ENGELS, Friedrich, *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*, São Paulo, Boitempo, 2008.
- FERREIRA, Maria Nazareth. *Imprensa Operária no Brasil*. São Paulo: Ática, 1988.
- FREIRE S. JÚNIOR, Leôndidas. *Cultura Operária Associativa: o centro proletário piauiense e os trabalhadores da primeira república no Piauí*. In: VI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 2012, Teresina. Anais Eletrônicos...

- Disponível em  
<<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Leondidas%20Freire%20S.%20Junior%20&%20Antonio%20Melo%20Filho.pdf>> Acesso em 23 mar. 2013.
- FREIRE S. JÚNIOR, Leôndidas. *OS OPERÁRIOS E OS JORNAIS*:As relações entre a imprensa operária e os trabalhadores (as) do Piauí na Primeira República. 96 fls. Monografia (Graduação em História) UFPI. 2013.
- GOMES, Ângela M. de Castro. *A invenção do trabalhismo*. São Paulo: Vértice, 1988.
- GOMES, Ângela M. de Castro. *Burguesia e Trabalho*: Política e legislação social no Brasil 1917 - 1937. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- HALL, Michael; PINHEIRO, Paulo S. *A classe operária no Brasil documentos 1889-1930*: O movimento operário. São Paulo: Alfa-Ômega, v. 1, 1979.
- HARDMAN, Francisco Foot; LEONARDI, Victor. *História da Indústria e do Trabalho no Brasil*: das origens aos anos 20. São Paulo: Ática, 1991.
- HOBSBAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- HOBSBAWM, Eric. *Sobre a História*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- HOBSBAWM, Eric. *Como mudar o mundo*: Marx e o Marxismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- LINDEN, Marcel van der (ed.). *Social security mutualism*. The comparative history of mutual benefit societies. Bem/Berlin/Frankfurt/New York/ Wien: Peter Lang, 1996.
- MAC CORD, Marcelo. *Andaimos, casacas, tijolos e livros*: uma associação de artífices no Recife, 1836-1880. Campinas: UNICAMP, (Tese, doutorado em história), 2009
- MACIEL, Osvaldo Batista Acioly. *Filhos do trabalho, apóstolos do socialismo*: os tipógrafos e a construção de uma identidade de classe em Maceió (1895/1905). Dissertação de Mestrado. UFPE. 2004
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Escravidados e livres*: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.
- MATTOS, Marcelo Badaró *Trajetórias entre Fronteiras*: O fim da escravidão e o fazer-se da classe trabalhadora no Rio de Janeiro. *Revista Mundos do Trabalho*, vol 1, n.1, jan-jun , 2009.
- MATTOS, Marcelo Badaró, *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*, 2a. ed., São Paulo: Expressão Popular, 2009.

- MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos: Rio de Janeiro(1955/1988)*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1998.
- MUNAKATA, Kazumi. *A legislação trabalhista no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: EDUFPI, 2011.
- SILVA da, Adhemar Lourenço Jr. *As sociedades de socorro mútuos: estratégias privadas e públicas(estudo centrado no Rio Grande do Sul, 1854-1940)*.Porto Alegre. PUC-RS, Tese de Doutorado (Doutorado em História) 2005
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. *Em busca das origens da História Global: Aula inaugural no College de France*. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol 30, n 60, p. 219-240 jan – abr 2017.
- RODRIGUES, José Albertino. *Sindicato e desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Difusão Européia, 1968.
- ROMANI, Carlo. *A revolta de 1924 em São Paulo: Uma história mal contada*.p.52 In: ADDOR, Carlos;DOMINICIS, Rafael. *História do Anarquismo no Brasil*. Vol 2. Rio de Janeiro: editora Achiamé, 2009.
- SIMÃO, Aziz. *Sindicato e Estado: Suas relações na formação do proletariado de São Paulo*. São Paulo: Dominus, 1966.
- THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e falsa consciência In: *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas Editora da Unicamp, 2001.
- THOMPSON, E. P. Algumas observações sobre classe e falsa consciência In: *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas Editora da Unicamp, 2001.
- THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa. I : A árvore da liberdade*. Rio de Janeiro:paz e Terra, 1987.
- THOMPSON, E.P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.
- TOLEDO, Edilene. *A Trajetória Anarquista no Brasil da Primeira República*. In; FERREIRA, Jorge; REIS, Daniel Aarão (Orgs.). *A formação das tradições 1889-1945*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- VISCARDI, Claudia. *O estudo do Mutualismo: Algumas considerações historiográficas e metodológicas*. *Revista Mundos do Trabalho*, vol 2, n.4, ago-dez, 2010.

## **Fontes**

ALIANÇAFEDERATIVA DOS OBREIROS DO PIAUÍ.*Estatuto*. Teresina.1929.  
ASSOCIAÇÃO DO SEMPREGADOS DO COMÉRCIO DE TERESINA.*Estatuto*. Teresina,  
1928.

Atas da Câmara Geral do Centro Proletário de 1917 até 1929

Atas das Reuniões da Sociedade União Progressista dos Artistas Mecânicos e Liberais de  
Parnaíba de 1919 até 1922.

BASE PARA A FUNDAÇÃO DA SOCIEDADE UNIÃO PROGRESSISTAS DOS  
ARTISTAS MECÂNICOS E LIBERAIS DE PARNAÍBA. In: *O Artista*, Parnaíba, Ano 1, n. 1  
15 ago 1919

CENTRO PROLETÁRIO. *Estatuto da Instrução interna do Centro Proletário*.  
Teresina. 1909

CENTRO PROLETÁRIO. *Regimento da Câmara Geral*. Teresina. 1909.

*Jornal dos Artistas*. São Luís MA, 1919. 1 de maio. 1916.

*Jornal OPERÁRIO*. Amarante PI, Ano 1-Ano 2, Jan-dez, 1902-  
1903. *Jornal O Artista*. Parnaíba PI, Ano 1-2-3-4, jan-dez, 1919-  
1922. *Jornal O Operário*. Teresina Ano 1, jan-dez, 1906.

*Jornal O Trabalho*. Caxias MA, Ano 1920.

*Jornal O Trabalho. Flores* (atual Timon MA). Ano 1906.

SOCIEDADE DE BENEFÍCIO MÚTUO AMARANTINO. *Estatuto*. Amarante PI. 1902.

SOCIEDADE CENTRO CAIXEIRAL. *Estatuto da SOCIEDADE CENTRO CAIXEIRAL*. São  
Luís. 1890.

SOCIEDADE BENEFICENTES SÃO LUÍS. *Estatuto da sociedade beneficente São Luís*. São  
Luís. 1890.

## **Anexos**

# O OPERARIO

ANNO I

REDACTORES—Jonathas Baptista, M. Saraiva de Lemos e R. Zito Baptista.

NUM. 16

Proletarios de todos os países, uni-vos!

## EXORDIO

Todo e qualquer negocio relativamente a parte ineditorial deste jornal, deverá ser tratado com o seu gerente.—Redacção d' *O Tempo*—rua da Gloria—44

ALFREDO ROBERTSON

## ASSIGNATURAS

Para a capital—por mez.....4:000  
Idem, tendo direito ao indicador...2:000  
Para o interior—tres mezes.....4:000

## Pagamento adiantado

Numero do dia.....300  
Idem atrasado.....300

O Operario sahira uma vez por semana em dias não determinados.

## O OPERARIO

Th. 5—JULHO—1906

### Pelo Socialismo

II

Hoje para todas as classes, á excepção da operaria, o governo e os homens de representação têm estendido os seus olhares, enchendo-as de privilégios e de garantias.

O magistrado, o militar finalmente o côrpo immenso dos burocratas que, na actualidade, constitue quasi a metade da população de qualquer paiz ou de qualquer logar, no fim de poucos annos, o governo dá-lhes o premio dos seus serviços, aposentando-os com uma pensão que lhes garante passar, mais ou menos, feliz e descansado o resto da existencia.

O operario trabalha dez horas por dia, durante quinze, vinte, trinta annos,—durante a vida inteira, entre amigos e pesados soffrimentos, exposto á gelidez do frio e ao fogo abrasador do sol, e, no entanto, quando já se sente alquebrado pelos dias da vida, quando perde a vitalidade physica, vólta ao misero casebre, em extrema pobreza, indo, muitas vezes, mendigar um obolo no outro dia á porta d'aquelle que enriqueceu com o suor do seu trabalho.

Talvez dirte,—porque elle não economicou alguma coisa? Não sabia que tinha de chegar a velhice?

—Ah! quem pode fazer um pecuário quem passou a vida com o peso do familia, ganhando 1\$000 ou 1:500 por dia?

Não somos nós que pensamos que a fortuna excessiva dos ricos seja distribuida entre os operarios de hoje.

Mas, o que entendemos é que tudo deve ter o seu limite e que a sociedade, pondo um freio a essas gran-

## RÁROS

### POBRE AMOR

*Calcula, minha amiga, que tortura!  
Amo-te muito e muito, e, todavia,  
Preferia morrer a ver-te um dia  
Merecer o labéo de esposa impura!*

*Que te não enternea esta loucura,  
Que te não mora nunca esta agonia,  
Que eu muito soffra porque és casta e pura,  
Que, se o não foras, quanto eu sofferia!*

*Ah! Quanto eu sofferia se alegrasses  
Com teus beijos de amor meus lábios tristes,  
Com teus beijos de amor, as minhas faces!*

*Persiste na moral em que persistes.  
Ah! Quanto eu sofferia se precisas  
Mas quanto soffro mais porque resistes!*

ALUIZIO AZEVEDO

des acumulações de capital,—origem do mal que affecta a maior parte do organismo humano—seja equitativa na distribuição da fortuna publica, para que todos venham a gosar dos mesmos beneficios e proventos que ella porporciona.

A classe superior de tudo se apodera e de tudo se usufrue, enquanto que a dos operarios vive ainda sob o peso do soffrimento, da injusticia, da usurpação e do desprezo. E' o eterno *Ilhota* esquecido do bem e quasi que banido da commuhão social.

Para o operario ficou o trabalho arduo, duro e ingrato, para os aristocratas as delicias de uma existencia feliz á sombra dos seus palacetes, entre flôres e perfumes, entre risos e harmonias. Sob o prisma da realidade, diremos em resumo, estes vivem num paraizo aquelles entre as chammas do inferno.

E eis o motivo, porque luctam e se debatem os socialistas procurando com a serenidade da palavra, com a luz do direito e da razão, fazer cessar essa injusticia, essa deshumanidade, inequívoca á evolução altruistica do seculo que atravessamos. Desde que o mundo é mundo que se soffre, e é bom que não se continue ábuzardá complacencia de uma classe material e ignorante, é certo, mas que, já muitas vezes, levada ao desespero de causa, tem mostrado o seu heroismo, derribando thronos e preconceitos e destruindo gerações caducas para que despontem gerações novas ao calor da luz da democracia, como attesta a historia nas paginas sublimes da revolução franceza.

A humanidade precisa encaminhar-se para a verdadeira phase de amor e fraternidade, onde a vida se torne não um trazo de amargura para uns, mas, um manancial de felicidades para todos, e na qual, segundo, Ovidio:

*Nen galeas, nonensis erat, cinemiliti uni  
Mollia secura peragebant otia gñtes.*

E as bases da instituição actual que nos deprime já Não se abalancando pela picareta do operario, que jurou destrui-la para erguer então a obra gigantesca da felicidade humana.

Um socialista fervoroso, que aca bayade vêr fundar-se em completo estado de miseria, um velho operario que havia traballado 32 annos nas concavidades das minas, mandou collocar uma lousa á beira do seu tumulo com esta unica inscripção: AMANHÁ...

E essa é unica esperança que nos enche de conforto e de consolações.

### Raymundo Zito Baptista

*Em vista dos bons serviços que intellectualmente, nos tem prestado o nosso collega Zito Baptista, julgamos de justiça incluir hoje o seu nome no numero dos redactores desta folha. O bom companheiro, cuja modestia reconhecemos, queira approvar a nossa resolução, pois, não queremos, tão somente para nós, a gloria, se existe, do sustentaculo desta folha, que vive para defender os direitos e interesses dos operarios da terra piauhyense.*

### CONEGO FERNANDO LOPES.

Fez annos no dia 2 o nosso talentedo collaborador conego Fernandes Lopes, e esse feliz acontecimento foi de grande satisfação para *O Operario*, que o conta no numero dos seus melhores amigos. O digno sacerdote, que já tem um nome feito na tribuna sagrada e na imprensa, indigena muito nos tem auxiliado com o brilhantismo dos seus artigos, ora sob sua assignatura ora sob seus init aes.

Nos, portanto, com inteira razão, nos sentimos felizes, deixando aqui as nossas felicitações sinceras pela passagem do seu natalicio, que mereceu as mais altas provas de consideração por parte da familia therezense.

### SEM TITULO

O leitor talvez se não lembre mais si é morto ou vivo, feliz ou não, o velho caduco e idiota que recebeu, pelo *«calendario juliano»*, o nome horrendo de Procopio e Silva. Porém, pouco importa; mesmo porque o leitor não tem motivos para lembrar-se de quem nem sempre se lembra do leitor. Adiante, pois, e deixemos de parte as satisfações que nada significam.

Falemos ligeiramente dos theatros, dos bailes, das novidades, dos literatos, dos poetas & c. São estes os assumptos preferidos pelas senhóras, e o velho Procopio como já disse uma vez, faz tudo para ser agradável ás mulheres, e principalmente ás mulheres bonitas.

Bem agradáveis estiveram as noites de sabbado e domingo ultimos, quando no 4 de Setembro assistimos as duas ultimas récitas do Comendador Cariri, notavel lusionista que com a sua aguilhada, ordinaria, por muitas vezes embalsaçou o nosso 22 Povos. Madame Cariri tambem contribuiu com a sua voz agradável e as suas mimicas divinas para o maior delicia

# O ARTISTA

Orgão official da Sociedade "União Progressista dos Artistas Mechanicos e Liberaes do Parnahyba"

## TRABALHAR

Surgiu hoje "O Artista", de um pequeno recanto do terreno da imprensa parnahybana, como defensor dos interesses das classes artistica e operaria, desta terra.

A lucra, neste empenho, será intensa, momente agora quando as limitadas conveniencias se debatem pelo aniquillamento dos direitos consuetudos e pela subversão da Kessão e da Justiça.

Mau grado, essa intemperança corruptora de caracteres que avassala o espirito dos que se agitam e vicejam numa esfera senhoril, mais alla, mais arrogante, mais rica; aqui estamos firmes e encorajados pela saúde da carne e pertinácia perseverante do genio brasileiro, a levantarmos sobre o bramido implorativo da palavra o nome do cidadão-artista e o immaculado valor do operario.

A politica externa que actualmente faz mover e equilibrar a favoravel e esperançosa situação economica e financeira dos países vizinhos que o tragor das peléias sangrentas arrastaram ao precipicio das degradações e misérias, está sendo milagrosamente amparada pelo poder e pela força moral e material das classes operarias e artisticas.

Prova é que, uma nova feição de progresso, novos regimens administrativos; desconhecidos e praticos processos de desenvolvimento economico e financeiro das riquissimas nações que se degradariam, têm surgido exclusivamente do seio proletario. E os governos dedicam os seus maiores cuidados e as suas honrosas atenções, para os que, no cumprimento de um dever sagrado, por amor à familia e por amor à patria que bendizem, esforçam-se e lucram para restaurar-lhe as pompas, fecundar-lhe os cereiros e collocar-o ao nivel das mais sanas aspirações patrióticas.

O Brasil, porem, dorme o sono da Esponja. Coagido por uma politica interna de interesses e conveniencias pessoais, vem, desde muito, sentindo collicas intestinaes que lhe atrophiari dolorosamente as facultades de acção, com fortes e crispados apertos na garganta do seu progresso; inhibindo-lhe, por esse modo vergonhoso, a sossobração das suas prodigalidades.

E o artista e o operario robustos e sedios, recostados aos postes do menespresso e do descanso, assistem, de braços cruzados o aniquillamento de um povo trabalhador e o sombrio crepusculo de uma patria!

Se os grandes dirigentes do Paiz pesassem e admirissem o valor e a utilidade dos que trabalham, de sol a sol, revolvendo a terra, arado em puzão e o peito nu, a cada esforço can-

— O cão —

Até nos cães!...—Faminto, conheci-o  
Uma noite atirado ao abandono.  
Num queixoso ladrar lábio de entono;  
Exposto aos vendavaes e exposto ao frio...

E eu tive pena e dó do cão sombrio.  
E, ajuntando-o do chão, fiz-me seu dono...  
Matei-lhe a fome e garanti-lhe o somno  
Dentro das palhas de um colchão macio...

...Fiquei pobre afinal... e o cão, que outr'ora,  
Salvei do morte, me ladreava agora  
Como a dizer: "sustenta-me ou te mordo!"

Até que, enfim, cheio de furia imensa,  
Mordu-me ambas as mãos em recompensa  
E de casa fugi depois de gordo!

Xavier de Carvalho.

tarando uma ballada amarga; e os que vivem sob o peso do malho e os que derramam suores honrados, no ardor lúmenante das caldeiras; e os que empedem toda a sua vida, de mãos collejadas e de cabelos brancos, na extrindencia metálica das officinas, regendo altares e construindo thronos; se os governos pesassem e compensassem o valor da Arte e do Trabalho, seriamos um novo feliz.

Assistimos ao nosso adorado Brasil confirmar a inveja que o cerca e o ambiciona.

Quantas maravilhosas iniciativas, quantos bellos ideaes, oppressos pela falta de allenção dos que se dizem interessados pelo engrandecimento de nossa terra!

Surgindo hoje, não para explorar o momento das nossas liberdades; não para gritarmos do alto e propalarmos ao mundo a decadencia em q se classifica a nossa esphera. Mas, para provar que ainda sabemos dizer, conscientes, alguma coisa das fanias que sentimos.

Hoje é um dia de liberdade. E assim, o pensamento adelgaça as esoras brancas e vem, não cantar, mas, rugir por entre as brumas com que a Aristocracia separa as classes medias, vem rugir a sua colera e o seu lamento.

A alma abnegada do operario não pode sentir alegrias nessa liberdade de pobreses sem ajudas e sem auxilios.

Confiado, unamo-nos. Talvez esse ajuntamento de braços e de corpos de imaginações e ideias, possa conquistar mais tarde, incrementos para a nossa grandesa.

Temos em Parnahyba, uma sociedade de Artistas, denominada "União Progressista". Associemo-nos a ella.

Os triumphos serão nossos. O nosso braço foi feito para o trabalho. Ajudemo-nos uns aos outros.

Aventuremos uma gloria que, embora ingrata e tardia, sobra ao menos coroar de louros os nossos feitos. Beijemos ajelhados este lema: "trabalho, honroso e abençoado" —trabalhar.

As unicas e verdadeiras riquezas são: o trabalho, que dá o necessario, e a "philosophia", que ensina a evitar o superfluo. —VOLTAIKIE.

## O TRABALHO

O trabalho, considerado sob o ponto de vista economico, é o conjunto das facultades do homem postas em acção para um fim util.

O caracter distinctivo do trabalho é ser um elemento pessoal da produção; portanto, intransmissivel, pois que reside no homem, o mesmo já não acontece com os outros elementos: a terra e o capital.

O trabalho constituindo propriedade do homem, traduz fielmente a propria personalidade.

O trabalho é o grande thema da sciencia e cada é mais civilizador que elle.

Segundo esta opinião, Orville Dewey escreveu: "O trabalho é toda a educação, toda a disciplina, é o desenvolvimento da energia, o elemento das virtudes, a escala do progresso."

O operario que se entrega habitualmente aos seus afazeres quotidianos, cumpre com um dos mais importantes deveres impostos pela vida: qual seja a necessidade de adquirir os meios para supprir as inevitaveis exigencias da fome e da sede, além

do seu conforto material e intellectual. E quanto mais satisfeitas forem as suas necessidades, tanto melhor elle obedecerá aos dictames da virtude e da moral.

O habito é uma segunda natureza. O habito de trabalhar torna o homem tão essencialmente util à sociedade e à familia, que até com os criminosos da peor casta é o trabalho empregado como poder regenerador, de uma efficacia suprehendente no regimen penitenciario.

A acção perniciosa da indigencia, conselheiro de todos os crimes e todas as baixezas, só oppondo-se o salutar habito de trabalhar que, além de proporcionar o ganho pecuniario, portanto, os meios para a satisfação das mais urgentes necessidades, tem a virtude de afastar do caminho da periculação tantas "creaturas aproveitavias", cujo estado precario é digno da nossa commiserção e é o principal contribuinte do seu triste destino, porque só em casos rarissimos a penuria é uma virtude.

Se possivel fosse chegar-se a um estado de civilização incompativel com a falta de trabalho, isto é, um estado em que o trabalho fosse acessivel a todos, sem medo de errar, poder-se allinhar que nesse mundo o mundo vinguu: ao exemplo da civilização.

Vão chamar! O exemplo mais fríscido da luta pela vida está no brazileiro mal extirpado do grande guerra, em que a velle Europa, ao recesso de sua civilização milenaria, assediada de mil problemas de orden social e economica, cuja contumporização seria a maior das loucuras, a braços com a falta de trabalho, vendo dia a dia, impassivel, augmentar a onda dos desoccupados, aliena do mais, alimentando o fogo do somno de expansão territorial e commercial, não trepidou em dispor os coures para a maior carnificina mundial assignalada nos fastos da Historia e eis que surge a "chela humana" acordando inesperadamente no homem civilizado, vencendo-o por fim de armas no mão.

Muitos pensadores e neste numero estão comprehendidos os agitados teem falsas concepções do trabalho; todos o considerem de antemão um mal necessario, "mas é exactamente por causa dessa idea que para elles o trabalho se torna um castigo", como bem se expressou Paulo Combès.

Porque o trabalho representa um esforço, e este custa ao homem, tornou-se para os predoziosos uma cealimidade, um inimigo, que devemos evitar.

Este modo de pensar ajusta-se bem nas reclamações operarias: "Querem o dia de oito horas é querer mais felicidade para si e para os seus." Eis no que consiste a obra nefasta

P. Duvi - Maranhão

# O TRABALHO

Orgão da Sociedade União Artística Operaria Elteral Caxiense.

Anno 1 | Maranhão, Caxias, 5 de Junho de 1920. | Numero 5



## O operariado e o progresso dos povos

Tudo no mundo é movimento. Ora a Terra, agitando o Hemisphero, com elle, a Natureza toda. Ora a primeira vista parece que ha, hierarchia sempre no mundo, alguma noção do politico, algum movimento ou pelo menos esforço para o presente. A vida dos povos enfileira-se em busca do aperfeiçoamento. Transforma-se em "parceiras" de facto o tema que a evolução da humanidade como a mostra na eterna successão dos tempos. Basta considerar a indifferencia verçada dadas concelias filosoficas para ver logo que o Trabalho é a grande Lei universal. Que ha, em effeito, que não seja, na vida da terra, modificação da Energia? Que é o homem senão uma aperfeiçoadaissima machina em que as differenças do potencial, que originam movimentos e trabalho e estas, fazem de uma maneira maravilhosa, dada a complexidade da organisação de funções da qual he resulta o dinamismo vital? No organismo humano, a combinação de atos fisiologicos garantidores da vida. As classes são outras tantas funções incumbidas de funções especiais. Assim, portanto, qual num ser vivo os orgaos não se devem hierarquizar elles, portanto, os fatores m-

la elciantes do progresso! Merecem opeztes orgaos que os nutrem e sustentam, as espheras que os sustentam.

Heje, pela 1. de Maio, dia em que se celebra o dia do Trabalho, venho associando as tuas idéas, manifestando-lhes com entusiasmo as minhas idéas e desejando-lhes de todo coração o presente e futuro da humanidade e da nossa patria.

ACHILLES LEROUX.  
(Do Jornal dos Artistas)

### CAXIENSES!

Atalai vos na Escola Brasileira contra o Analfabetismo. S44 - Lyceu de Artes e Officinas  
- Rio de Janeiro.

### EM DEFESA DA PATRIA

Os dez mandamentos da Pátria, que o illustre escritor caxiense Heitor Netto organisa para a Escola de Defesa Nacional, em defesa da Pátria.

- 1º - Honra a Deus, amado a Pátria sobre todas as coisas, por não a haver Ellandado por barco, com tudo que nella existe, exultando, e de balleza, fortuna e terra;
- 2º - Considera a bandeira como a imagem viva da patria, prestado-lhe o culto do teu amor, e vincula-a com todas as forças do teu coração;
- 3º - Honra a patria no mundo sobre o mundo dos homens; gozando no pro-

# Jornal dos Artistas

Orgão do Centro Artístico Operário Eleitoral Maranhense

*Local*

Faz

MARANHÃO—Quinta-feira, 1.º de Maio de 1919

Numero 2

## 1.º DE MAIO

O marco indestructível do tempo, marca hoje para a humanidade que trabalhou, uma data pomposa e fulgurante. Pomposa, porque, dentre todas as que se assignalam como grandes, ella apparece no Kalendario como simples; porém, á primeira vista, encarando-se bem, ver-se-ha claramente nella um symbolo harmonioso que synthetisa os grandes elevamentos da sociedade. Se não fóra o trabalho do Homem perseverante e seguro dos seus actos nada de utilidade e de grandezza se manifestariam aos nossos olhos como fasteozos de todo o progresso humano.

Nessa simplicidade do suor que se derrama pelos campos, pelas eiras, pelas ruas, pelos mares e pelas officinas, reunido a um só elo, dará em resultado e bem estar, nem só da Patria, como tambem da Familia, que constituem a grandezza nacional.

De ahí a pompa com que o 1.º de Maio surge entre a collectividade que ama o Trabalho.

São maiores as datas que manifestam conquistas bellicas e vultos gigantescos nas sciencias e nas letras?

Não!

O Trabalho, encarando-se bem, a todas ellas dá maior expressão, maior realce e grandezza; surgindo do seio dos artistas e obreiros o concurso fiel, da qual não podem prescindir aquelles que pretendem com a immortalidade sommar essas datas da Historia Patria.

O braço do homem que trabalha a tudo desenvolve e enbobrece, e, de ahí porque o 1.º de Maio tambem é fulgurante no seu «desideratum».

O sol que aquece a flor e se derrama pelos mares em chipaz-te d'ouro, demonstrando a sua soberania de luz, tambem deixa de ser, plausivo quando se

bre os minarçotes das imensas exhalações, erguidas pelos braços passantes do artista.

Castilho pensou bem, em um dos seus rasgos de generoso e sabia poesia, assim o disse do Trabalho:

«Trabalhar, meus irmãos, que o trabalho é riqueza, é virudez, é vigor, Deite a orchestra da terra e do malho, Brotam vida, cidades e amor.»

palavras-antoz que devemos trazer-las de cor, pois, nessa maxima mais que admiravel, encaramos a grandezza de um homem fidalgo, de um poetista de escol, que viu no trabalho a base fundamental de toda a magallificença da humanidade.

Desde os tempos biblicos os sumptuosos palacios, os templos, esta uss, palacios e aqueductos, até nossos dias, que o braço elegante do artista e o alvizo poderoso do obreiro, têm sido os maiores factores do orgulho poderoso da humanidade opulenta,

--Sem o trabalho o que se poderá operar?

--Ruinas!... E dessas ruinas o que poderá surgir?

A ociosidade que arrasta em sua sombra adozia, o jogo, o latrocinio e todos vicios que levam o homem ao abysmo.

O trabalho é, pois, a pedra de toque de todo o que ha de grande e util sobre o pequeno Kósmos, que a nossa mentirosa vaidade o considera tão grande.

O trabalho é a fonte pura que rega a fertiliza o terreno terrido da desgraça.

É deitar de commemorar este dia que o homem de alto senso e critério o creara para symbolisar o Trabalho humano, e negar o principio da virtude essencialmente pura, da moral que ensina-nos a cumprir o nosso dever e deixar em olvido a Familia que por si só representa o maior elemento do trabalho:—A dedicacão na esposa e a sublimidade do amor materno, que a Mulher nos lega, dando cidadãos uteis á Patria.

## Jornal dos Artistas

Como parte integrante das manifestações pela passagem do 1.º de Maio, circulará hoje o «Jornal dos Artistas», em numero especial.

Este orgão que por força de circunstancias pecuniarizas não tem conseguido normalisar a sua circulação semanal, foi, em 1902 erido para defeza e propagação do movimento operario.

Por vezes tem sido tentado o seu reaparecimento, sem que entretanto tenha logrado a sua manutencão, deixando assim, patente o deccaso com que as classes respectivas encaram a causa operaria. Mas uma vez tentaremos consecuar-nos, e, como estamos, no amparo decisivo dos que muito bem sabem avaliar os serviços prestados em tempos passados por este orgão em beneficio do publico em geral. A causa operaria só pode ser ofendida pelo operario; elle que sente o soffrimento, só elle poderá manifestar verdadeiramente as suas idéias e necessidades. Operarios, companheiros nossos, não sejais inimigos de vós mesmos. Precizemos acordar do sonho em que nos viemos mantendo até então; procuremos a instruccão como meio para rehar os nossos direitos. A grandezza da nossa classe está no nosso preparo intellectual e na nossa mais perfeita unido.

*Pedro Rodrigues*

### ATHENAS S. CLUB

Mais um club sportivo acaba de ser fundado entre nós, o Athenas Sport Club.

Tivemos o prazer de visitar o seu bello campo, em dia de concubido, trazendo de lá a optima impressão.

No nosso proximo numero daremos noticia circumstanciada sobre esta futuriza associacão.

Daqui mandamos a os jovens atthenticos os nossos parabens pelo eslorço dispendido em prol da cultura physica de n.ssa terra.

Avante!

